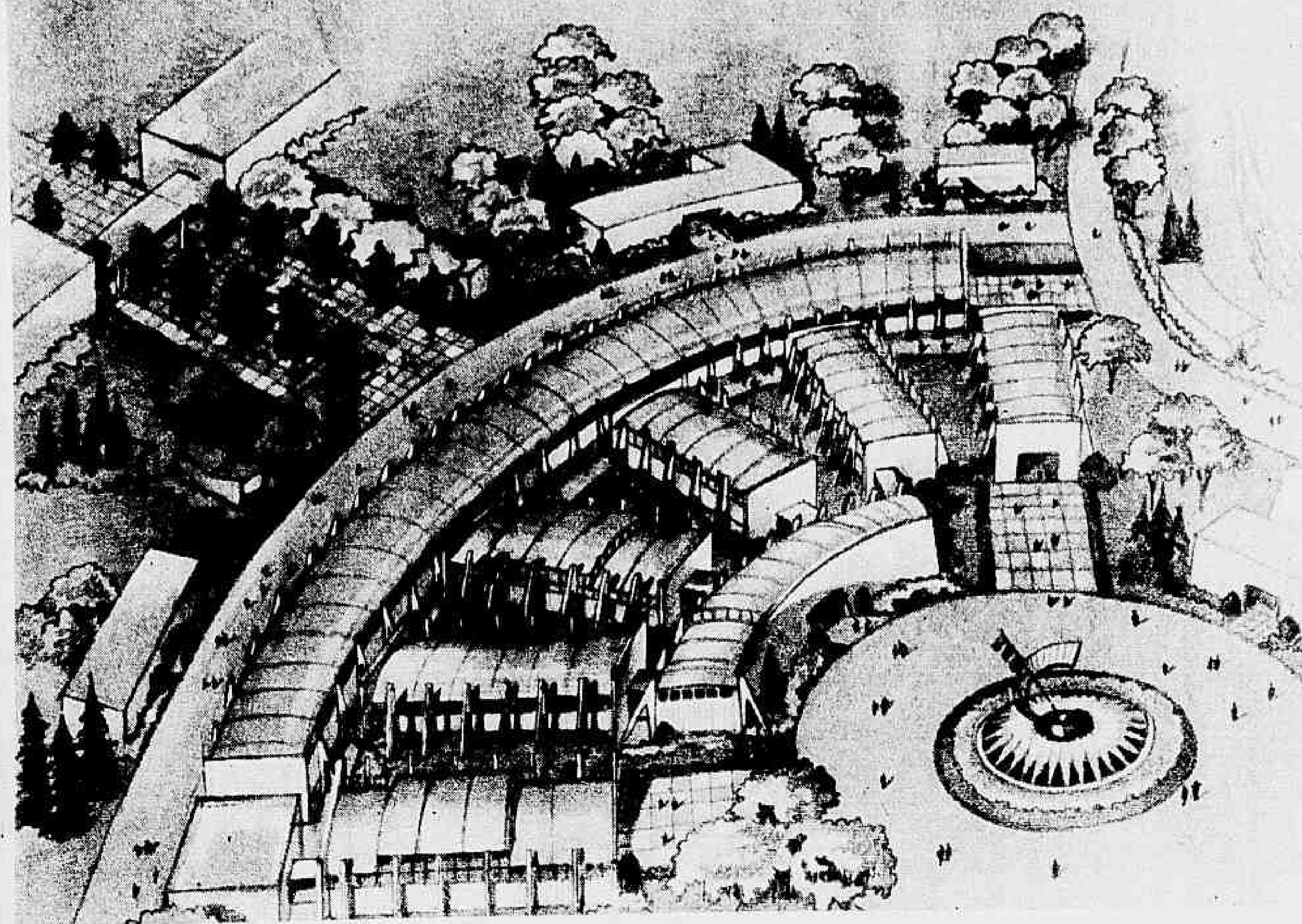
REVISTA DA SEMANA

N.º 47 21-11-1953 Cr$ 5,00 em todo o Brasil

OS MINEIROS FEDERAIS

ÊSTES SERIAM os CANDIDATOS

ÊLES JÁ FO-RAM ASSIM



UM DOS CONJUNTOS DA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ

1853 – 1953 PRIMEIRO CENTENÁRIO DO PARANÁ

•

CURITIBA VOS ESPERA!

VISITE A CIDADE SORRISO, DE 19 DE DEZEMBRO A 19 DE MARÇO, QUANDO ELA APRESENTARÁ AO MUNDO

A EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ e A FEIRA DE CURITIBA

UM MONUMENTO AO PRODUTO MÁXIMO DO BRASIL, "O CAFÉ" E EMPOLGANTE PARADA DAS FÔRÇAS ECONÔMICAS DA NAÇÃO, COM A REPRESENTAÇÃO DAS MAIS IMPORTANTES INDÚSTRIAS NACIONAIS, NUM AMBIENTE DE GRANDIOSIDADE E ENCANTAMENTO. UM MUNDO DE DIVERSÕES E ATRAÇÕES VOS ACOLHERÁ!



VISTA PANORÂMICA DE CURITIBA

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 47 ★ 21-11-53

SUMÁRIO

Os condôminos da literatura .. 3 — 36/37
30 mil palavras por sessão 6/ 9
Quiseram arrancar a coroa de «Miss Objetiva» 10/11
Os mineiros federais 15/17
José Lewgoy pegado em flagrante 20/21
Os McLean teriam seguido a trilha de Pontecorvo 22/23
Teria existido o macaco de Darwin? 30/31
Êles já foram assim 45/47
Êstes seriam candidatos 52/55

Por êsse mundo de Deus 4/ 5
Cinema 12
Teatro 14
Rádio 18
A semana em revista 56/57
Último flash 58

CAPA: Debbie Reynolds (Kodacrome MGM)

- Redator-Chefe: Joel Silveira
- Assistente: Hélio Abreu
- Paginação: Victor Tapajós
- Desenhos: Alberto Lima
- Publicidade: J. M. Costa Júnior

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da CIA. EDITÔRA AMERICANA.

- Diretor: Gratuliano Brito
- Assistente: Renato de Alencar

ENDERÊÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569
Publicidade: M. Gonçalves da Silva — Rua 15 de Novembro, 228, 5º andar, sala 517 — Tel.: 33-4811

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ...	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,40

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

NESTE NÚMERO

Os melhores e os piores oradores da Câmara



OS CONDÔMINOS DA LITERATURA

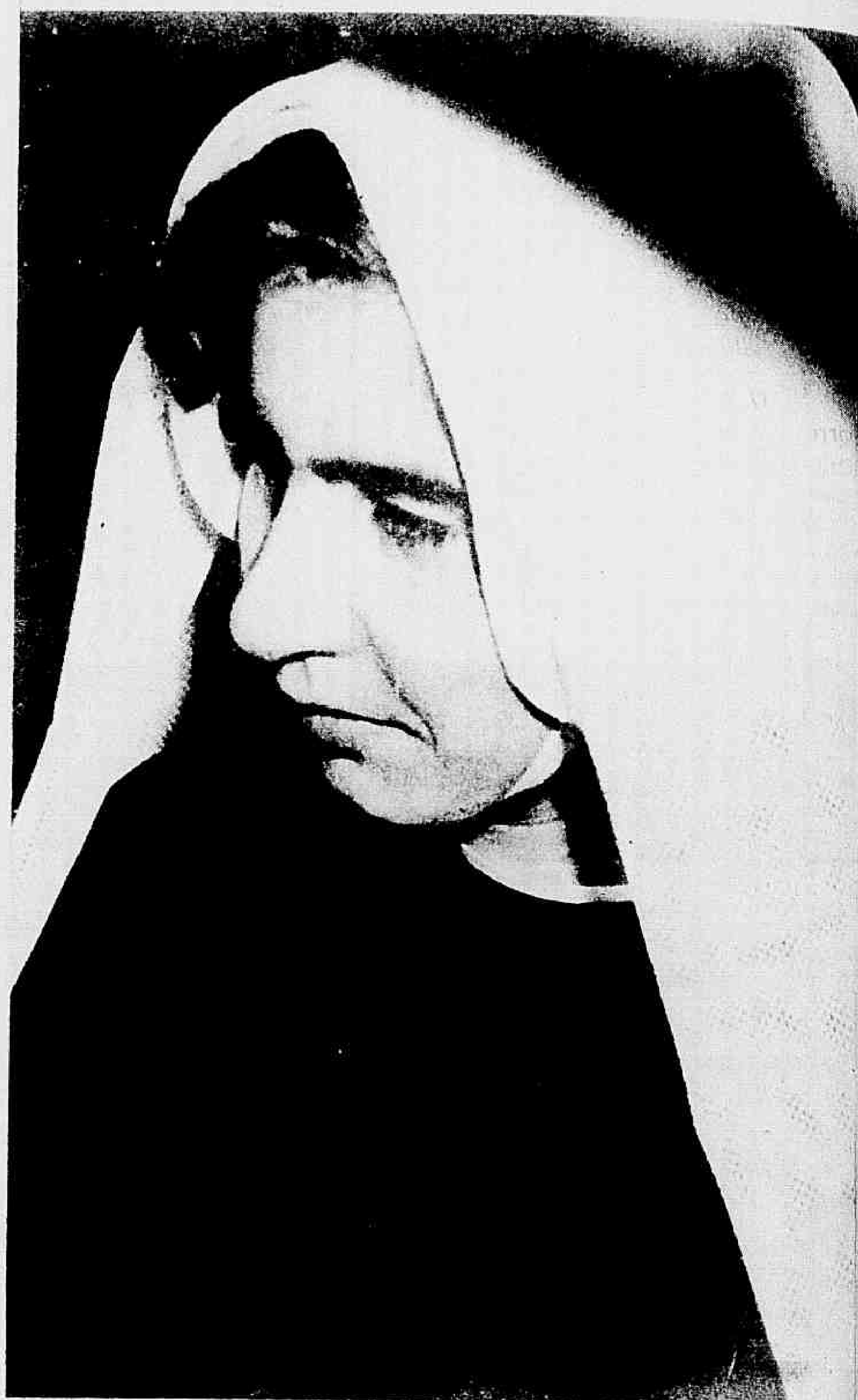
OS MINEIROS FEDERAIS

A CIÊNCIA MODERNA CORRIGE DARWIN



Quebra-quebra na escolha de "Miss Objetiva"

Por êsse MUNDO DE DEUS



MARIE DIONNE, uma das famosas quíntuplas nascidas há dezenove anos passados, veste agora seu hábito de monja e entra para o convento das Irmãs do Santíssimo Sacramento da cidade de Quebec, Canadá. Essa ordem religiosa é uma das mais severas da Igreja Católica. Por isso a noviça teve que dar o mais choroso adeus às pessoas de sua família, que ficará de agora em diante sem dispor de Marie, como elemento integrante do «five» que tanta sensação causou ao mundo e constituia motivo de intensificação turística à cidade em que viviam tôdas. Precisa-se agora de um repórter que descubra a causa dêsse enclausuramento. Não será um «chercher l'homme»? O amor...



JAMES THURBER TEM ESPERANÇAS DE SALVAR OS OLHOS DE SUA MULHER

Um dos maiores humoristas de nosso tempo, o norte-americano James Thurber, já há muitos anos que vem sofrendo de uma doença dos olhos que o tornou quase cego. Também sua mulher, desde há alguns meses, começou a sofrer de distúrbios oculares, estando em tratamento com o especialista Gordon Bruce, que espera salvar os seus olhos. Enxergando muito pouco, James Thurber emprega métodos especiais para ilustrar suas histórias.



DE CALÇAS compridas e segurando um megafone com energia, Maria Basaglia é fotografada quando dirigia a filmagem de «Sua Alteza disse não», de que fazem parte Tognazzi, «la» Giusti, Lucy d'Albert e Achille Togliani.

Instantâneos

★ O dr. G. Rosenthal, da Sociedade de Medicina de Paris, aconselha, a fim de se evitar a fadiga cerebral: uma leitura superficial de um texto, seguida no dia seguinte de nova leitura, de estudo integral. ★ Novo método de ensino americano: o "dormifone", máquina especial que se coloca perto do ouvido do paciente e que, durante a noite, repete a lição a ser estudada, prèviamente gravada. A memória humana, ao que parece, trabalha melhor enquanto dormimos. A máquina vem sendo usada especialmente para o aprendizado do vocabulário de línguas estrangeiras. ★ Um jornalista inglês revela as quatro perguntas que faz uma família da classe média ao comprar um automóvel: O pai: "Quanto gasta de gasolina?" — A mãe: "Pode-se pintar a carrosseria com uma outra côr?" — O filho: "Qual a velocidade máxima?" — A filha: "Tem um acendedor de cigarros?" — Depois da compra: Os vizinhos: "Onde êles arranjaram dinheiro para comprar êsse carro?" ★ Na Inglaterra, uma sociedade naturista elegeu a senhorita Ivy Young a Miss Inglaterra dos nudistas, conferindo-lhe um prêmio de vinte libras. Interrogada sôbre o uso que daria ao prêmio, respondeu a miss: "Comprar um vestido." ★ Christine Jorgensen, que já foi George Jorgensen, fêz contrato com uma casa de discos para gravar seis canções. Nome de um dos discos: "Ela está engraçada dêsse jeito." ★ Em Port Angeles, EE. UU., a lei obrigou que o dono de um bar retirasse do balcão o seguinte aviso: "Aqui não temos televisão, mas temos uma briga tôdas as noites". ★ Em Dunquerque, França, dois inglêses, depois de uma noite de bebedeira em Londres, descobriram que tinham atravessado o Canal da Mancha em um "ferry", por engano: queriam tomar o trem de subúrbio.

DISSERAM

● A atriz Danièle Delorme: «A pessoa que não sofre de insônia e diz que dorme como uma criança, de certo, nunca teve uma criança».

● O «gangster» Humphrey Bogart: «Os homens nascem livres e iguais. A maioria, entretanto, se casa...»



OS ATORES Louis Jordan, Jean Peters, Dorothy McGuire e Clifton Webb fotografados em uma fonte de Roma, onde trabalham para um filme «tecnicolor», em «cinemascópio», tel panorâmica. Ainda fazem parte da fita o italiano Rossano Brazzi e a jovem atriz teatral americana, Maggie McNamara.

O HOMEM QUE VIROU MULHER



NAS DUAS fotografias o belo rapaz e a fascinante jovem são a mesma pessoa, a atriz francesa Micheline Carvel, de 24 anos, que aparece no filme «Adão e Eva», que narra a história dramática de um homem que, pouco a pouco, se torna mulher.



30 MIL PALAVRAS POR SESSÃO

Cada qual fala como pode e como quer, mas ao Serviço Taquigrafia do Palácio Tiradentes é que cabe remendar dis rates e remover solecismos. — Entre os líderes Capanema Afonso Arinos (140 palavras por minuto) e o cauteloso Muniz Falcão (70 palavras por minuto), tôda uma eloqüe gama de estilos, cacoetes, modismos e truques. — Ainda oradores nefelíbatas na Câmara; e o general Flores da Cunh sempre vivo e pitoresco, costuma dizer inconveniências à ra de 90 palavras por minuto.

Reportagem de MARGARIDA FERRE



O pequeno exército de 23 taquígrafos da Câmara Federal — todos generais — tem de vencer diàriamente uma batalha difícil: a batalha da facúndia, da eloqüência útil ou supérflua. Uma batalha que consiste em recolher as 25 mil palavras proferidas nas quatro horas de cada sessão e recolhê-las como elas chegam, gaguejadas ou correntes), e, com a ajuda dos revisores, levá-la, encorrentes, e, com a ajuda dos revisores, levá-las, enxutas e legíveis, às páginas do «Diário Legislativo».

São mais de 300 deputados, mas nem todos falam. Mas os que falam, fazem-no à razão de 100 palavras por minuto, numa média que vai do didático sr. Muniz Falcão, deputado por Alagoas, que não produz mais de 70 palavras em sessenta segundos, até os campeões do verbo veloz, como os srs. Baleeiro, Afonso Arinos ou Nelson Carneiro, cujos ardores tribunícios exigem um consumo de 140 palavras por minuto.

Compare-se o Serviço da Taquigrafia da Câmara com a redação de um jornal. A nomenclatura é a mesma: temos os taquígrafos, que são os repórteres que trazem do plenário o que ouviram falar, e temos os revisores, cuja função, como a de um Secretário de jornal, é a de transformar os dados que lhe chegam à mesa numa reportagem fiel e correta. Daí a completa metamorfose por que passa, por exemplo, um daqueles ôcos e farfalhantes falatórios do sr. Tenório Cavalcânti, na sua caminhada entre a tribuna, de onde a coisa foi proferida, até as páginas do «Diário Legislativo» do dia seguinte, onde ela aparece publicada depois de passar pela cuidadosa higiene gramatical levada a efeito por taquígrafos e revisores.

Essa a mais árdua tarefa da Taquigrafia da Câmara: recolher, sem a perda de um só vocábulo, a farta messe de palavras de cada sessão, e, ainda, transformar em oratória aquilo que não é mais que reles algarávia sem nexo, e muitas vêzes sem motivo. Fôssem publicados como são proferidos, muitos dos discursos da Câmara encheriam volumes e volumes de uma literatura sem pé nem cabeça, redundante e desconexa, formando um quebra-cabeças indecifrável.

★

REVISTA DA SEMANA estêve no Serviço de Taquigrafia da Câmara dos Deputados, numa conversa que demorou quase uma tarde inteira. Levávamos alguns nomes de representantes do povo, dos mais em evidência, para os quais iríamos pedir o julgamento de taquígrafos e revisores: êles nos diriam quais os donos de oratória perfeita e fluente, quais os mais contumazes e reincidentes assassinos da gramática — em suma, quais os que vão para os Anais sem os remendos de taquígrafos e revisores, e quais os que lá não chegam senão com o adjutório daqueles que lhes recolhem as palavras.

O resultado de nossa conversa é a reportagem que se segue. Reportagem veraz, imparcial, honesta — livre de qualquer injunção de ordem política, apenas um julgamento funcional e técnico.



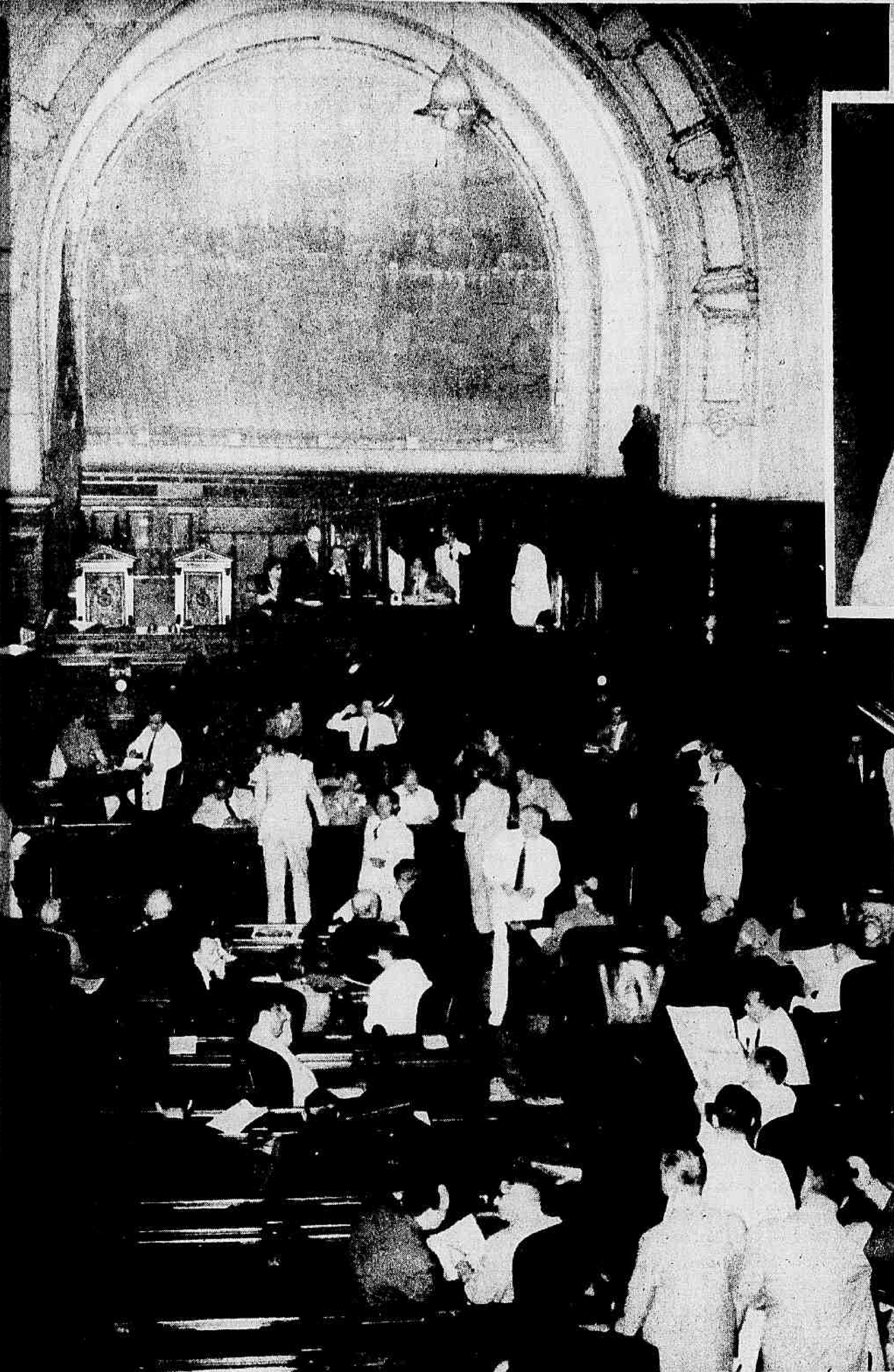
NELSON CARNEIRO

(14o palavras por minuto, das quais 100 a favor do divórcio)

● O deputado Nelson Carneiro, da Bahia, forma no bloco dos mais v lozes oradores do Palácio Tiradentes. E' considerado «bom orador» pel taquígrafos. «Facilidade de expressão e segurança nos assuntos q debate», dizem dêle. Mas costuma dar dor de cabeça à taquigrafia qua do «deita cultura», citando mestres do Direito em alemão (com sotaq de Tobias Barreto) e em francês. Gosta de fazer a revisão dos seus di cursos, mas não lhes acrescenta quase nada. E' atencioso para com t quígrafos e revisores, e nunca se queixa quando um dêles «come» u pedaço de sua oratória.

Nelson Carneiro, nos seus longos e efervescentes debates com mons nhor Arruda Câmara, em tôrno da questão do divórcio, é dos deputad que mais dão trabalho à taquigrafia: trabalho pela quantidade d palavras proferidas, explique-se, e não pela má qualidade das mesmo

O
Ins
a
ex
re
rid
ve
co
sif
m
os
e
es





ALIOMAR BALEEIRO

(140 palavras por minuto)

● O deputado Aliomar Baleeiro perora à razão de 140 palavras (nem tôdas audíveis) por minuto, numa dicção que dá calafrios aos taquígrafos da Casa. Mas é dono de bom vocabulário e senhor de alguma cultura, particularmente no que diz respeito a questões financeiras.

A taquigrafia acha-o provinciano e suficiente, e não gosta do ar pimpão com que êle sobe ao 5º andar para rever as provas dos seus inflamados discursos.

O PLENÁRIO DA CÂMARA FEDERAL: Trezentos e poucos deputados; quatro horas de trabalho diário, quando não há sessões noturnas; perto de 30 mil palavras por sessão, oratória de boa e má qualidade, que é rigorosamente «apanhada» por 23 taquígrafos de primeira qualidade.

UMA AUTORIDADE ESCOLHE OS MELHORES ORADORES DA CAMARA

O dr. Osvaldo Soares de Sousa é uma espécie de «eminência parda» do Serviço de Taquigrafia da Câmara dos Deputados. Instruído, dominando a língua como poucos, correto e competente, a êle é reservada uma tarefa importante e delicada: a censura das expressões antiparlamentares, por ventura contidas nos discursos dos representantes do povo, bem como das expressões ofensivas às autoridades públicas nacionais e estrangeiras.

Quando perguntamos ao dr. Osvaldo Soares de Sousa quais, a seu ver, os melhores oradores da atual Legislatura, êle nos respondeu com o depoimento que se segue:

«— É o taquígrafo, mormente o revisor, quem melhor pode classificar os oradores, depois de os julgar. Não há, sòmente, bons e maus oradores. Existem ainda os oradores prolixos e os concisos, os freqüentes e os raros, os vagarosos e os ligeiros, os corriqueiros e os nefelibatas, os puristas e os incorretos, os enciclopédicos e os especializados, os arrebatados e os calmos.

Por isso mesmo não é fácil dizer, a rigor, qual o melhor tribuno parlamentar, sem, primeiramente, conhecer sob que ponto de vista se deseja encarar o julgamento de quem nos dirige a pergunta.

De um modo geral, porém, para satisfazer à curiosidade de quem me entrevista, direi, sem embargo da admiração que outros merecem, que os melhores oradores desta legislatura são, no meu entender, os deputados Afonso Arinos, Aliomar Baleeiro, Vieira de Melo, Nelson Carneiro, Monsenhor Arruda Câmara, Raimundo Padilha e Mendonça Sobrinho.

Dêles, os mais corretos serão os deputados Afonso Arinos e Monsenhor Arruda Câmara, sendo mais amigo da forma e mais rebuscado no estilo o deputado Mendonça Sobrinho. Qualquer dêles, todavia, dá à revisão pouco trabalho, tal a precisão da frase e o encadeamento lógico de suas orações, que permitem taquigrafar bem e rever ou melhorar o texto ainda mais fàcilmente.»



FLORES DA CUNHA

(90 palavras e 1 piada por minuto)

● Do bravo general Flores da Cunha talvez se possa dizer que é o orador de cunho mais pessoal da Câmara. Pedimos a um dos taquígrafos que o definisse como orador, e a resposta foi esta: «Grande tribuno. Emotivo. Linguagem pitoresca de fronteira. Conhecedor profundo da História do Brasil. Sua mímica é rica e impressiona bem. Ótimo orador para os taquígrafos». Mas o fato é que, vez por outra, o general Flores se mostra orador inconveniente: quando solta do alto da tribuna uma daquelas suas piadas impróprias para menores até 18 anos... E dá muito trabalho aos taquígrafos e revisores quando cita, em linguajar guasco, episódios e reminiscências da fronteira. Seguro de si mesmo, nunca faz a revisão dos seus discursos. Lê muito, principalmente em francês, língua em que se manifesta sempre que tem de fazer da tribuna uma citação de autor estrangeiro. Fala castelhano tão bem como português.

● Quer o dr. Afonso Arinos, líder da UDN na Câmara, saber como os taquígrafos da Câmara julgam a sua oratória? Pois aqui vai a apreciação crítica de um dêles: «Ótimo orador. Palavra fácil e linguagem correta. Recursos oratórios naturais ajudados por uma grande cultura jurídica e histórica. Elegância na tribuna. Um dos oradores mais velozes de tôda a Câmara». A oratória do deputado Afonso Arinos é algo didático, em tom de «scholar» ou de «magister» dono do assunto. O líder da minoria preocupa-se muito com os seus discursos, submetendo-os a uma revisão cuidadosa e demorada. E' considerado por taquígrafos e revisores como um dos homens mais educados do Palácio Tiradentes. As mulheres acham-no atraente. E dizem que êle sal disso. E' educado, heráldico, mui cioso de sua pessoa e dono d mais brilhantes gravatas de tôd a Câmara.



AFONSO ARINO

(140 palavras por minut tôdas enxutas)



GUSTAVO CAPANEMA

(100 palavras por minuto)

● Um dos taquígrafos da Câmara assim nos definiu o tribuno Gustavo Capanema: «Bom orador, dicção boa. Clareza de raciocínio. E' taquigrafado com facilidade pela segurança de seu tom dialético». Atencioso para com taquígrafos e revisores, o líder da maioria, homem de extrema simplicidade, não se preocupa muito em rever os seus discursos — a não ser os de maior responsabilidade. Mas tem sempre o cuidado de cortar, nas provas taquigráficas, qualquer expressão menos suave que tenha usado contra alguém ou alguma coisa. E', sem dúvida, um dos mais inteligentes oradores da Câmara, e o fato de sair-se sempre bem na defesa de um complicadíssimo govêrno como o atual, prova isto.

PADRE MEDEIROS NETO

(100 palavras por minuto)

● O padre Medeiros Neto (PSD de Alagoas) fala em tom de sermão, numa eloqüência escândida e fácil, e costuma, no «climax» da peroração, erguer os olhos para o alto, como a agradecer ao Senhor dos Céus a inspiração que lhe chega sem tropeços. Seu vocabulário é farto, mas trivial; e possui um «metal de voz» estridente que pode perfeitamente prescindir do microfone.



MONSENHOR ARRUDA CÂMARA

(90 palavras por minuto)

● O deputado monsenhor Arruda Câmara ostenta, na tribuna, a calma concentrada de senhor absoluto da Verdade. Mas quando lhe contrariam a argumentação, incendeia-se, inflama-se, cai de rijo no fumegante estilo savonaroliano. Não dá muito trabalho aos taquígrafos, a não ser quando cita aquêles infindáveis trechos em latim com que atordoa e desconcerta algum aparteante menos prevenido.



CARMELO D'AGOSTIN

(100 palavras — herméticas — por minuto)

● E', talvez, o mais confuso orador da Câm ra. Fala muito, fala sempre, mas nunca con gue fazer-se entender — nem dos colegas muito menos da taquigrafia, que sofre e s frio com as suas tiradas tortuosas e intrinc das. Mas é orador exigente, precioso na re são de seus dicursos, revisão, de resto, que n altera em nada o confusionismo do seu est hermético.



BILAC PINTO

(100 palavras por minuto)

● Orador fluente, de boa dicção e expressão fácil, o udenista mineiro dá pouco trabalho à taquigrafia e, por conseguinte, à revisão. Mas gosta de rever os seus discursos e encaixar nêles adendos que não foram pronunciados da tribuna. Fala à razão de cem palavras por minutos, podendo descer a 80, quando o tema é à margem da política, e subir a 120, quando enfrenta os apartes de qualquer deputado governista.



TENÓRIO CAVALCANTI

(100 palavras por minuto)

● Melhor diríamos 100 solecismos. O deputado por Caxias é dono de oratória farfalhante, derramada, sem fronteiras. Cita Ruy a propósito de tudo, tropeça nos pronomes, derrapa nos verbos, escorrega na concordância. E fuzila sem pena a mais inocente regra do bem expressar-se. Mas, dono de uma corajosa empáfia, procede na tribuna como se estivesse a manifestar-se num escorreito e límpido estilo de senhor absoluto da língua. Seus discursos, quase sempre quilométricos, são dos que mais dão trabalho aos taquígrafos e revisores da Câmara, obrigados a recolher as peças da «puzzle» oratória do famoso representante e formar com elas uma oração legível. No que, para nós, é quase uma «obra de engenharia», nos declarou um dos revisores do 4º andar do Palácio Tiradentes.



VIEIRA LINS

(100 palavras por minuto)

● Um dos taquígrafos da Câmara assim definiu a oratória do deputado Vieira Lins (PTB do Rio Grande do Sul e líder da bancada trabalhista na Câmara): «Estilo balofo, grandes gestos e pouco conteúdo, vocabulário curto e pouco conhecimento da língua».

O deputado Vieira Lins, um dos últimos nefelibatos da oratória, fala num tom de quem vai morrer asfixiado, fica de tal maneira vermelho que parece ir estourar e todo o seu corpanzil (120 quilos bem pesados) se transforma, no ardor da eloqüência, numa crepitante fogueira de sangue e de tropos. Dizem dêle que dá choque quando discursa.



MUNIZ FALCÃO

(70 palavras por minuto)

● O deputado Muniz Falcão (PSD de Alagoas) é o mais lento dos oradores da Câmara, e, por conseguinte, o que exige menor esfôrço da taquigrafia. Fala medindo e pesando as palavras, como se receasse tropeçar nos vocábulos ou como se estivesse recitando uma poesia recém-decorada. Seu vocabulário não é muito rico — é mesmo mais pobre do que rico — mas êle o utiliza com oportunidade e cuidado. Quando trata da política alagoana, e é aparteado pelos correligionários do governador Arnon de Melo, afoba-se e consegue dizer 85 palavras por minuto.



A coisa começou com tímidos protestos, logo transformados em indignada algazarra. E houve empurrões, bofetadas, ponta-pés e tudo o mais

Quiseram arrancar (a socos e pontapés) a coroa de "MISS OBJETIVA"

O concurso promovido pelos repórteres fotográficos acabou, no Hotel Glória, numa guerra imprevista, mas sem vítimas. ★ A «torcida» do Flamengo não se conformou e a coisa pegou fogo.

A eleição de «Miss Objetiva 1953» terminou em grande sururu nos salões do Hotel Glória, na tarde do dia 9. A batalha, que, de início, parecia limitar-se à compra de votos para eleger uma das duas mais fortes candidatas, Ester Tarcitano e Taís Belini, degenerou-se, após a apuração final, em troca de impropérios, palavrões de parte a parte, terminando em bofetões e correrias.

O ato, que foi público, contou com vultosa concorrência de espectadores, fãs e convidados, além de grande número de hóspedes do hotel. Quando os eleitores de Ester, no auge do entusiasmo iam levá-la em triunfo, os torcedores flamengos, que patrocinavam a eleição de Taís, investiram contra os competidores vitoriosos e começou o charivari.

A eleita teve que refugiar-se em lugar seguro, trancada e com guardas à porta enquanto os furiosos oposicionistas tentavam arrebatá-la **objetivamente**. Os promotores do concurso, dirigentes da Associação dos Repórteres Fotográficos, trataram logo de salvaguardar o cofre, urnas e ata da sessão antes que fôsse tarde. Após o conflito, não houve mortos nem feridos, felizmente, e a ARF estava com uma rainha e quase 300 mil cruzeiros em caixa. Mas, por que suceder isso? Dizem que a culpa coube à abertura do «buffet» antes da apuração...



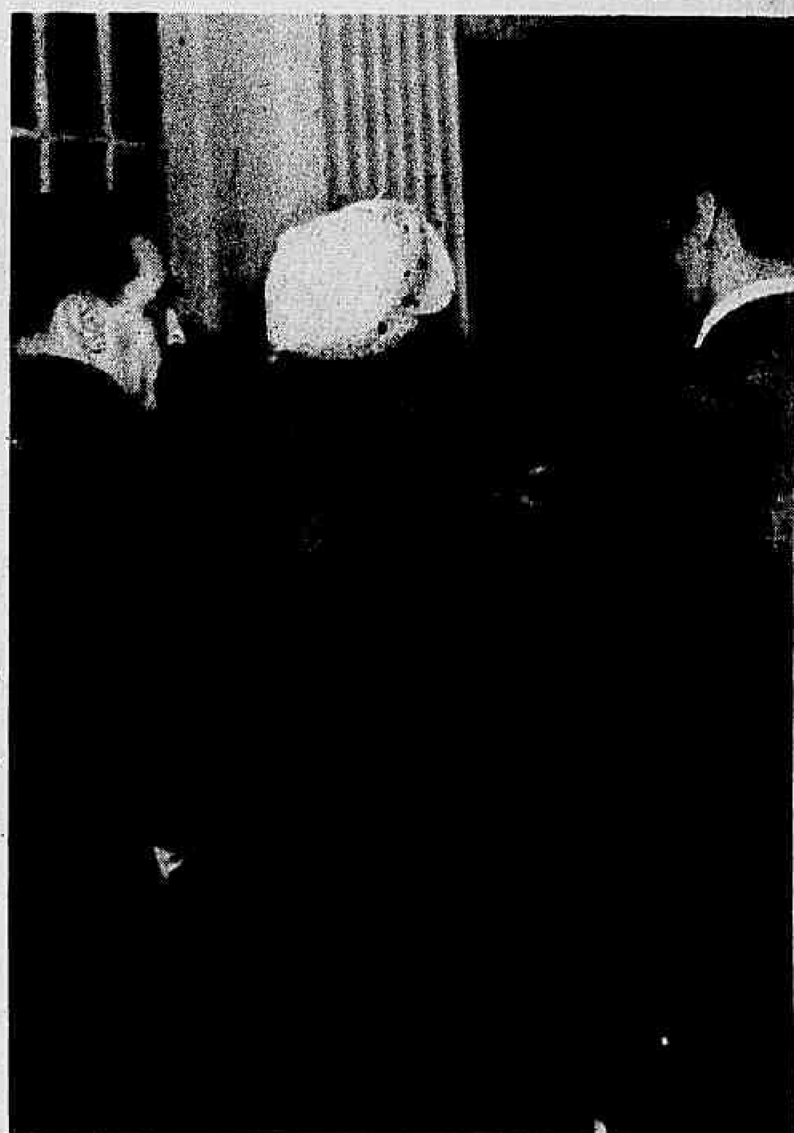
Proclamada rainha, Ester Tarcitano, candidata da TV, foi carregada nos braços pelos seus ardentes correligionários. Então, começou a batalha.



«Não chore, menina. Para o ano nós voltaremos». Mas a mocinha soluçava aflitamente, como se tivesse perdido um parente próximo...



Atingida por uma derrota inesperada, Tais Belini, candidata do Clube de Regatas Flamengo, não consegue suster as lágrimas.



Após a derrota, a candidata do Clube de Regatas Flamengo, senhorita Tais Belini, é levada, entre soluços, pelo seu pai e um amigo.

Desânimo Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dôres de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando êstes órgãos não funcionam normalmente, o gênio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma bôa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sôbre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

Trate-se

Use *Regulador* **Gesteira**

Regulador **Gesteira** é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

Comece hoje mesmo

a usar *Regulador* **Gesteira**

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

Cinema

NEWTON COUT

Um elemento pernicioso

DEPOIS do aparecimento de tantos vigaristas italianos den de nosso cinema, que aqui chegam arvorando-se em "as tentes" dêste ou daquele diretor famoso, mas que no fundo passam de elementos quase analfabetos, que nem profissão p suiam em seu país. Eis que agora surge "outra capacidade", d vez norte-americano, e que se diz pertencer ao quadro de memb da Amrican Society Of Cinematographers, sindicato dos direto de fotografia nos Estados Unidos. Trata-se de H. B. Corell, é o responsável pela fotografia da película nacional intitul "O Destino em Apuros". O homenzinho declarou que trabal em diversos filmes, tendo citado vários títulos, inclusive "F Brava", da Metro, com Esther Williams. Se êste cidadão tiv realmente trabalhado no cinema norte-americano, não o pod ter feito sem pertencer ao sindicato, acontece que consultand lista publicada na revista "American Society", que pertence mencionado sindicato, não encontramos referência alguma nome de H. B. Corell.

● Como se isto não bastasse, ainda teve o sr. Corell, o despl de colocar as iniciais do sindicato, A.S.C., como fazem nos tados Unidos, embora trocadas, ao lado de seu nome. O color que apresenta em sua fotografia, e que a Multifilmes vergon samente anunciou como sendo tecnicolor, é o mais primário possa existir e usado pelos cine-amadores, que mandam rev seus filmes nos Estados Unidos. Nada tem a ver com o tecnico assim como com sua revelação, que nada tem de parecido o mesmo. Segundo consta, tanto êle como Ernesto Reman diretor de "Destino em Apuros" e que diz ter trabalhado Alemanha, fizeram um filme na Argentina, levando o prod à bancarrota. Desta maneira, o cinema nacional não vai lá pernas, pois, ao invés de importar técnicos de capacidade mente comprovada, que possam ajudar a construir uma indús cinematográfica nacional à altura, vale-se da colaboração de mentos que por aqui aparecem, intitulando-se, sem mais menos, "homens de cinema". Pobre cinema brasileiro!

NOTÍCIAS



Martine Carol, uma das beldades e adoráveis criaturas do filme «Essas Mulheres ...», super-produção franco-italiana dirigida por Christian Jacque.



Eleanor Todd, que aparecerá em «F de Bravo» e «Bonita e Audaciosa lado de Robert Mitchum e Jean Sim da RKO Radio Pictures.

★ Está sendo rodado numa fazenda a 11 km de Bragança, o filme «Chamas no Cafèzal», sob a direção de José Carlos Burle. Trata-se de um filme realista cuja ação desenrola-se num grande cafèzal circundado por uma mata sombria, tendo como intérpretes principais a atriz Angélica Hauff, que recentemente se naturalizou brasileira e os atores Guido Lazzarini e Luigi Picchi, ambos há tempos radicados no cinema nacional. A equipe técnica de «Chamas no Cafèzal» é composta exclusivamente por elementos brasileiros, com exceção do diretor de fotografia, Giulio de Luca, que na Multifilmes já filmou «O Homem dos Papagaios» e «Fatalidade». Rafael de Oliveira é o diretor de produção desta dramática realização tipicamente brasileira.

★ O filme «A Sogra» está em vi conclusão. Nas ruas de Mairip na estação da Cantareira a equip Multifilmes rodou a maioria das dêste filme, que tem como intér principais Procópio Ferreira e Vidal. O elenco reúne um g número de atores já apreciados amantes do cinema nacional, ent quais Waldemar Seyssel nas vest um padre, Eva Wilma e Herval R como dupla romântica, Ludy V Elísio de Albuquerque e Jaime Bar Procópio Ferreira e Maria Vidal tituem neste filme uma dupla irres cuja inata comicidade encontra em rosos e divertidos «gags» a possib de se externar em cenas movim e gozadíssimas. A fotografia d Santos valoriza essa divertida co



MADERAS DE ORIENTE

• MYRURGIA •

Teatro

SOUTO DE ALMEIDA

VENEZA E SEU FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO

★ Veneza viu dois espetáculos de alta categoria no seu festival internacional de teatro. O primeiro foi a representação de «Ricardo II», de Shakespeare, pelo elenco do Teatro Nacional Popular, de França, dirigido pelo grande ator Jean Villar. O público e a crítica aplaudiram o seu trabalho de diretor e intérprete da peça shakespereana.

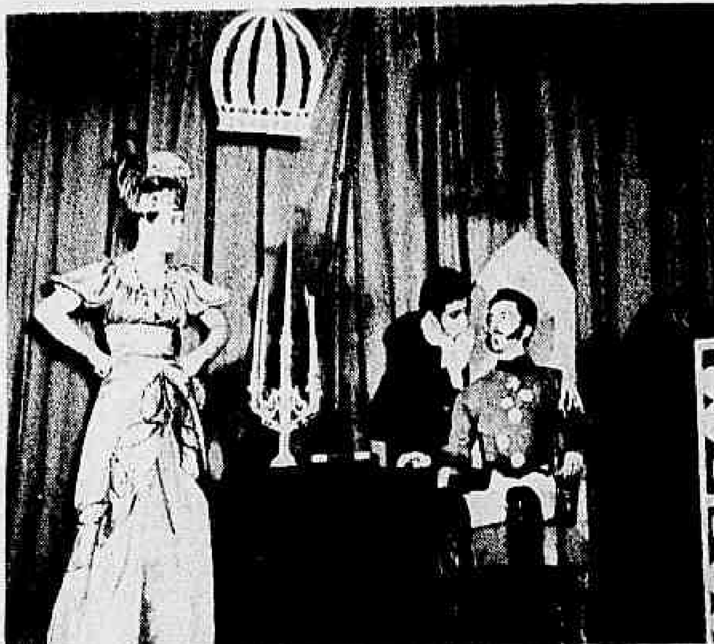


★ O segundo espetáculo do festival foi a representação de uma peça inédita de Ugo Betti — «A Fugitiva», um drama escrito poucos dias antes de Betti ingressar no hospital, onde finalmente iria morrer quando sua posição de autor dramático conquistava um lugar de destaque internacionalmente. «A Fugitiva» foi dirigida pelo grande ator italiano Vitorio Gassmann.

ESTRÉIA

O. K. BABY

De Mário Meira Guimarães e Zilco Ribeiro — no T. Follies



Consuelo, José Suarez e Pituca em «O. K. Baby».

● Os autores acertaram com a fórmula do agrado popular juntando os elementos básicos para o sucesso de uma revista estilo «de bôlso»: comicidade no texto, bons intérpretes e garôtas bonitas. O que há de sobejo no atual cartaz do Follies. Um de seus quadros, por exemplo, — «O Imperalante Galador» — é uma das melhores paródias que temos visto, admiràvelmente defendido por Pituca, Consuelo, Rui Cavalcânti e José Suarez. Aliás, as oportunidades foram bem aproveitadas pelos intérpretes. Virgínia Lane destacou-se em «A Canarinha» e «Boneca de Pixe» (com Rui Cavalcânti); Consuelo faz rir no «Anjo», e muito; Rui Cavalcânti brilha em «Narizes»; e Pituca, além da pitoresca sátira a Odilon no papel de D. Pedro I, diverte em «Nursery». Apenas um corte se impõe em «O. K. Baby»: o quadro «Just Music», que quebra o ritmo de agrado da revista. Esta restrição não impede que aplaudamos o musical do Follies incluindo nesses louvores, além dos nomes já citados, os números de bailado de Sandra Dicken e Denys Grey, os ensaios de D. Ester Leão, a coreografia e figurinos de Norbert e a cenografia de Joselito.

★ **NA BROADWAY** — José Ferrer divide o seu tempo entre o palco e a tela. Ferrer traduziu o grande sucesso parisiense «L'Heure Éblouissante», comédia de Anna Bonacci, que será apresentada primeiramente na Califórnia sob o título «The Dazzling Hour» e irá para a Broadway, tendo como primeira figura feminina a atriz Olivia de Havilland. José Ferrer possui, ainda, outros planos: no próximo mês estará participando, como ator e diretor, de uma temporada de seis semanas no New York City Center, que incluiu três peças no seu repertório dramático. Ferrer pretende, também, remontar «O Cisne», de Ferenc Molnar, com Audrey Hepburn no elenco.

Em Paris

O TEATRO «Comédie des Cham Élysées» está apresentando «Sigfrie de Jean Giraudoux, com Raymond R leau, devendo ceder lugar, no car à peça «Desejo», de Eugene O'N adaptado para a cena francesa por J Anouilh.

★

OUTRA PEÇA estrangeira de suce que se anuncia para a presente tem rada parisiense é a comédia «O A dos Quatro Coronéis», uma deliciosa p de Peter Ustinov, que vimos em N York com Lili Palmer e Rex Harris Trata-se da modernização da lenda Bela Adormecida do bosque, envolve coronéis das fôrças de ocupação da A manha: um inglês, um francês, um a ricano e um russo. A peça foi suce em Londres (dois anos em cartaz ainda está sendo apresentada nos E dos Unidos em «tournée» por vár cidades americanas pelos seus intérp tes da Broadway. Em Paris anuncia a sua estréia no teatro «Comédie Ca martin».

★ O Teatro Michel está apresenta «A Rainha Branca», nova comédia Marillet e Grédy, com Jacqueline G thier no principal papel, peça inspir na história de certa jovem datilógr inglêsa, que se casou com um rei neg

★ Marcel Pagnol mostra-se muito e siasmado com sua nova peça — «Jud —, não escondendo a sua satisfa diante de um grupo de amigos. « pouco de modéstia não te faria mal disse-lhe sua espôsa, Jacqueline. M Pagnol no seu entusiasmo retrucou: «Com que então é preciso que minta?»

Cartazes da Broadway



«The Teahouse of the August Moon», com Mariko Niki, John Forsythe e David Wayne. Estréia na Broadway.

★ Tendo estreado em Philadelphia, «The Ladies of the Corridor» já se acha em representação no Teatro Longacre, na Broadway. Trata-se de um drama de Dorothy Parker e Arnaud D'Usseau cuja ação se desenrola num hotel de New York focalizando os problemas de mulheres viúvas e divorciadas em que se fazem sentir, já, os primeiros efeitos da idade. O teor dramático da peça é contrabalançado por certas situações que Miss Parker criou. No desempenho destacam-se algumas ilustres personalidades femininas dos palcos e telas americanos entre as quais Edna Best, Betty Field e Frances Starr.

★ No Teatro Martin Beck está sendo apresentada «The Teahouse of the August Moon», peça de John Patrick do romance do mesmo nome de Vern Sneider. É uma comédia que procura seguir a trilha de «Mister Roberts» e «South Pacific», isto é, tem por cenário uma pequena aldeia, localizada em Okinawa, durante a guerra, contando as peripécias habituais de um oficial americano de ocupação. A crítica recebeu a peça com simpatia destacando o trabalho de David Wayne (que o público carioca viu recentemente no filme «Páginas da Vida»).

★ No Teatro Century está sendo apresentado um dos mais recentes espetáculos musicados da Broadway: «Carnival in Flanders», cuja ação se desenrola em Flandres, durante o cêrco espanhol, no século XVII (cêrca de 1616). Êste musical foi baseado num antigo filme francês «Quermesse Heróica» (aliás, uma obra prima da cinematografia francesa que o Rio viu há muitos anos atrás). A direção é de Preston Sturges, e Dolores Gray e John Rait são os principais intérpretes.

★ Comemorando o seu décimo aniversário, o «New York City Center» está realizando um grande plano de espetáculos teatrais, sob a direção de José Ferrer. O grande ator está representando presentemente «Cyrano de Bergerac» (cuja filmagem lhe valeu o «Oscar» como melhor ator). Acha-se em ensaios a próxima apresentação: «Richard III», de Shakespeare, dirigida por Ferrer (que interpretará o papel título) e cuja estréia está marcada para o próximo dia 9 de dezembro. Nessa produção Vincent Price terá um dos principais papéis. Vincent foi especialmente contratado e faz parte de uma lista de conhecidas figuras da cena e da tela americanas que emprestam seu concurso à referida organização cívica novaiorquina.



«The Ladies of the Corridor» — (da esquerda) June Walker, Edna Best, Vera Allen e Betty Field. Outra estéia na Broadway.

★ Depois de ter estreado em Philadelphia, New York recebe «Sabrina Fair» nova comédia de Samuel Taylor com Joseph Cotten e Margaret Sullavan.

OS MINEIROS FEDERAIS

Nêles, os vícios são virtudes e as virtudes, vícios. — E são tradicionalistas por dentro e revolucionários por fora.

Reportagem de ALBERTO FIRMEZA

SÃO cêrca de trezentos mil os mineiros federais, afirmam as estatísticas. No entanto, em imensa maioria, quer no exercício das mais modestas profissões quer nas altas esferas das letras, da política, do comércio bancário ou da indústria, os mineiros se conservam com as suas características indeformáveis. São «mineiros com botas», isto é, donos de uma atitude e de um estilo de vida que não se diluem fàcilmente nas ondas do cosmopolitismo. O cigarro de palha, a conversa mansa e maliciosa, a calma aparente, a falsa simplicidade, o lombo de porco com tutu e covinha, as roupas discretas, tudo isso e mais alguns vícios e virtudes constituem o primeiro esbôço físico e psicológico capaz de distinguir um mineiro da multidão. Mineiros, todavia, existem que se confundem fàcilmente com qualquer tipo nacional e universal, tal a sua extraordinária capacidade mimética. Mesmo entre os federais, encontram-se as duas categorias.

No entanto, o que define o mineiro, antes de mais nada, é paradoxo entre o que êle é o que aparenta ser. É preciso ir um pouco ao fundo das coisas para descobrir que muitas das suas qualidades são defeitos e que muitos dos seus vícios são virtudes. Por exemplo: o mineiro não é ponderado, é seguro; nem é prudente, é apenas político. Sua modéstia é quase sempre orgulho e sua timidez é cálculo. O mineiro jamais foi desconfiado. Êle desconfia, sim, constantemente de si mesmo, mortifica-se em auto-análise, portanto se torna prevenido contra os outros e possui uma agudíssima noção do ridículo. E assim por diante. Tudo o que se divulga sôbre a psicologia do mineiro é verdade. Só que essa verdade está por detrás da máscara, que êle usa, ou melhor, o seu aparente é o que êle é e o que aparenta ser. É preciso ir um pouco ao fundo das coisas para exemplificar do que a velha anedota do comprador de bondes. Se um mineiro autêntico comprasse um bonde algum dia seria fatalmente para explorar o veículo como um alto negócio e revendê-lo depois com um lucro formidável. Ou, então, com a intenção deliberada e prèviamente calculada, de demandar contra a Light e a Prefeitura e ser indenizado no fim por perdas e danos, o que fatalmente sucederia, não tenham dúvidas.



CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



Nascido em Itabira, ex-poeta municipal e estadual e ex-funcionário nas mesmas esferas. Atual funcionário e poeta federal. Em poesia, porém, é o mais universal dos nossos poetas, contando-se os de tôdas as escolas. Celebrizou-se com a pedra no meio do caminho, só porque os seus leitores tropeçaram nela e perderam o roteiro. A poesia, todavia, só começou a ser compreendida e a atingir o público depois que parte dêste se dispôs a subir até ela. O uso do vocábulo como símbolo de idéias e objetos foi ultrapassado pela transfiguração e pela renovação da linguagem, quando não pelo reajustamento das palavras sôbre os valores emocionais e ideativos. A verticalidade do pensamento e a devassas no homem, na vida e no mundo são as características de sua poesia. Tudo isso em linguagem de reportagem e não de crítica. Drummond de hábitos e de atitudes, sua maneira de ser e de agir no cotidiano, suas roupas e seus gestos são de um mineiro autêntico. Já fêz cinqüenta anos e tem uma filha que é escritora.

ARTUR DA SILVA BERNARDES

● Natural de Viçosa. Ingressou na política pelas mãos de Raul Soares. E' o presidente perpétuo do Partido Republicano, versão nacional do antigo P.R.M. Foi sempre de índole conservadora e, num certo sentido, autocrata. Fêz uma das mais fecundas administrações em Minas e foi eleito Presidente da República em 22. Seu Govêrno foi bastante agitado com a célebre questão do Clube Militar e com estado de sítio. A administração pública, porém, se caracterizou pela honestidade, e grandes iniciativas foram tomadas no sentido da recuperação do crédito brasileiro e também com relação à lavoura. Foi a época em que o mil réis estêve mais valorizado e em que o padrão geral da vida brasileira foi o melhor. Foi sucedido no Govêrno por Washington Luís, havendo voltado, então, às lides políticas em Minas. Foi um dos chefes da revolução de 30 e cometeu o pecado — diz êle — de concordar na entrega do Govêrno a Vargas, malgré as ponderações de Antônio Carlos e Olegário Maciel. Foi eleito várias vêzes deputado e até hoje exerce o mandato na Câmara Federal. Foi um dos líderes na campanha pelo monopólio estatal do petróleo, agindo do mesmo modo com que defendeu a exploração do ferro pelo Estado, combatendo, com veemência, o contrato da Itabira Iron. E' pai do senador Bernardes, também mineiro, mas que nem sempre reza pela sua cartilha...

Os mineiros federais

JUSCELINO KUBSTSHEK



● Nascido em Diamantina, no norte de Minas. Terra de Felisberto Caldeira Brant e de outros boêmios visionários. Cidade onde mais se bebe no Brasil, onde todo mundo anda nas ruas como se estivesse a bordo, cambaleando. Também muito romântica e muito religiosa. Juscelino é médico. Entrou na política no tempo da ditadura. Foi prefeito de Belo Horizonte e construiu Pampulha, com o seu cassino de vidro e alabastro suspenso à margem de lago artificial; com a sua Igreja surrealista e funcional, a um só tempo, decorada por Portinari; e com seu Iate Clube como se fôsse uma pôpa de barco, também em alabastro e vidro, mergulhado dentro do lago. Tudo fundamentalmente diferente de Diamantina, construída em linhas do barroco. Juscelino estimulou a arquitetura moderna em Belo Horizonte e inaugurou também ali um certo espírito frívolo que derreteu bastante a velha severidade mineira.

Depois disso, foi eleito deputado federal, sendo que, na Câmara, não teve atuação destacada. Todavia, manobrou bem em política, sob os conselhos de seu mestre Valadares. Indicado pelo P.S.D. para sucessor do sr. Milton Campos, recuperou para o chamado majoritário, o Palácio da Liberdade. Tem um programa de govêrno cognominado «O binômio», com o qual pretende resolver todos os problemas administrativos do Estado e do Brasil. O binômio significa, para êle, energia e transporte.

No Palácio da Liberdade, tornou-se mais discreto, apesar de gostar ainda de serenatas ao violão e de cantar o «Peixe vivo», canção do folclore diamantinense. Sua discrição tem sido geralmente interpretada como balão de ensaio para a corrida que pretende empreender, dentro em breve, em direção ao Catete.

ANÍBAL MACHADO

● Nascido em Sabará, à margem do rio das Velhas. Mineiro do tipo «mozarlesco» e extrovertido. Bacharel em direito, ex-funcionário e, presentemente, tabelião. Já tem nove netos, a despeito da sua esfusiante juventude. Escreveu apenas um livro de contos, mas já contou centenas de livros. É o maior conversador do Rio e tem a sua casa aberta, inclusive aos chatos. Gosta muito de receber e de variar a conversação. Entre o cultivo da borracha em Sumatra, por exemplo, o abstracionismo na pintura francesa e a mortificação da consciência em Kafka. Fala, também, de mulheres, com muito espírito. A sua grande obra continua inédita. Trata-se do romance cíclico «João Ternura».



Aníbal Machado passou, recentemente, pelas mais deliciosas experiências d sua vida na qualidade de irmão de candidato à presidência da República. Todos os dias, era obrigado a fazer alterações no futuro Gabinete, tal o número de candidatos que o procuravam com planos e tal a complexidade das injunções criadas. Divertiu-se tanto que achou proveitosíssima a situação em que se v envolvida, e a própria derrota de Cristiano, atual embaixador do Bra junto a Pio XII.

Aníbal é o mais cosmopolita dos mineiros. Em sua casa, encontram-s comumente, pessoas de dez nacionalidades diferentes. É formado em divers tipos de cultura, sobressaindo-se a francesa e a eslava. Seus contos são narrad com extraordinária vivacidade e têm sempre um desfecho espantoso. As histór que costuma improvisar e contar são ainda mais coloridas.

Aníbal usa boina, roupas de esporte, quase sempre, e fuma com piteira.

BENEDITO VALADARES

● Natural de Pará de Minas. Cirurgião dentista e bacharel em direito. Entrou na política pela porta dos fundos. Foi eleito deputado federal e não tinha pronunciado um só discurso na Câmara, quando, Olegário Maciel; e balançava entre Capanema e Virgilinho, a questão da Interventoria de Minas, mas Getúlio, inesperadamente, decidiu por êle. Antônio Carlos anunciou-o em primeira mão, pois sabia que Benedito era o último da lista, havendo, entretanto, Getúlio lhe perguntado com malícia: que tal êsse Benedito?

No govêrno de Minas, Valadares sustentou a ditadura de Vargas e foi o seu fiel procônsul em Belo Horizonte. Em 37, quando ia acesa a luta pela sucessão presidencial da República, Benedito fingiu, com Vargas, apoiar a candidatura de José Américo. Tendo ambos percebido, porém, que a parada estava perdida para Armando de Salles Oliveira e achando de fato incômodo o sr. José Américo, resolveram, com o apoio intelectual do sr. Francisco Campos, darem o golpe de 10 de novembro. Novamente, Valadares se fêz baluarte da ditadura até o dia



em que um homem de sombracelhas branc chamado Stetinius chegou ao Brasil, de regr so de Ialta e fêz sentir a Vargas que, com derrota do nazifascismo na Europa, não hav mais lugar para ditaduras entre os aliados. N ficava bem. O sr. Marcondes Filho fêz o A Adicional e, depois de alguns meses, Bened apresentou a Getúlio a candidatura do Ge ral Dutra à presidência da República. Varg não gostou, tentou o Queremismo, mas Be dito, justiça lhe seja feita, levou Dutra ao G vêrno, mesmo depois de 29 de outubro. D geu-se outra vez deputado federal e foi de tado pela U.D.N., em Minas. Nesses dias am gos, transformou-se em romancista e escrev um livro sôbre a vida de um político, cham «Esperidião», que as más línguas dizem se sr. Melo Viana. Em 45, ganhou novamente Govêrno de Minas na pessoa do sr. Juscel Kubstshek.

Valadares foi muito boêmio, muito diloso e também muito engraçado. Tem e dado bastante e desfez, com o tempo, a le de que era obtuso e de poucas letras.

JOAQUIM RÔLA

● Nascido em São Domingos do Prata, no Vale do Rio Doce. Começou como tropéiro, mercador, político municipal. Construiu uma estrada de ferro, arrebanhando vagabundos e bêbedos na empreitada. Meteu-se na revolução de 30. Transformou-se em magnata do jôgo. Construiu Quitandinha e é hoje a pessoa que mais entende de turismo neste país. Revolucionou a vida noturna do Rio, introduzindo nela costumes de Paris e Hollywood. Imaginou e realizou um «Clearing House» em Quitandinha. Pretende fazer turismo e colonização na Amazônia com cabarés flutuantes. E prometeu, também, resolver o problema da alimentação, nos centros urbanos, por meio de marmitas térmicas. Trata-se de um visionário com muito talento e uma rara capacidade de realizar, sofrendo de uma terrível angústia por não poder objetivar a metade das coisas arquitetadas por sua imaginação ardentíssima.

ALVINHO



● Ex-meia-esquerda do selecionado mineiro, pouco feliz no início de sua «carrière» no Vasco da Gama e hoje uma das maiores figuras do futebol brasileiro. Vai ser, dentro em breve, o maior cartaz da cidade. Joga como cérebro do ataque vascaíno, tem um chute formidável, dribla com passos de «ballet», brinca com a pelota e, dada a sua versatilidade, tornou-se um verdadeiro estrategista nos gramados cariocas. E as multidões deliram com os seus lances.



GENINHO

● O espantoso exemplo de uma vida bem conservada e dedicada ao esporte. Geninho, depois de uma série de temporadas pelos clubes de Belo Horizonte, transferiu-se, por volta de 1944, para o Botafogo desta capital, onde se conserva até hoje. Apesar de jamais haver figurado em «scratches» nacionais, pode ser apontado como um dos mais perfeitos «insiders» que o futebol brasileiro produziu. Jogando atrasado, fazendo o trabalho de construção do ataque e cobrindo a retaguarda do Botafogo nos momentos difíceis é o jogador técnico por excelência, sem jogadas espetaculares, porém sempre bem construídas. Apesar de cansado, o veterano «captain» ainda é insubstituível. A sua estratégia é tipicamente mineira.

FRANCISCO CAMPOS



● Nascido em Dores do Indaiá, descendente de Joaquina do Pompeu. Foi o criador da «Legião de Outubro», primeira tentativa de fascistizar o Brasil. Leu dez mil livros e conhece mais direito do que Ruy. Escreveu a Constituição de 37 em 24 horas, inspirado na carta do coronel Beek, da Polônia. Transformou-se, depois, em líder do movimento anti-intervencionista e parece terse redimido de seus horríveis pecados contra a Democracia. E' uma pena que defenda idéias, nas quais, êle próprio não acredita. Costuma fazer isso com uma lucidez excepcional. Sua contribuição à cultura jurídica do país, à educação e às letras é muito maior do que a sua atuação política. Gosta de passar trotes nos amigos e de conversa de assombração. Conta-se que certa vez, ao saber que ia ser visitado por um chato, apareceu, à porta de sua casa, com uma barba postiça e disse ao visitante: o dr. Campos não está.

MURILO MENDES



● Nascido em Juiz de Fora. Poeta e revolucionário. Escreveu dois grandes livros: «Poesia em Pânico» e «O Visionário». Ouve Mozart tôdas às tardes e só escreve de pijama. Abriu, certa vez, um guarda-chuva dentro do Teatro Municipal, para vaiar sòzinho um pianista ruim. Benzeu, também, o cardeal Paccelli (o atual Papa Pio XII), quando estêve em visita ao Brasil. Estêve, recentemente, na Espanha como adido cultural junto à nossa Embaixada em Madrid. Quando levantou o dedo para dar a primeira aula, o generalíssimo Franco considerou-o persona non grata pelo fato de ter assinado um manifesto anti-falangista, no qual se falava do assassinato de Frederico Garcia Lorca. Desde então, Murilo se tornou mais grato ainda ao espírito e sensibilidade dos brasileiros. No mês passado, Murilo voltou à Europa, dessa vez para a Bélgica, mais amena e menos intolerante.

Rádio

ROBERTO ROCHA

O «CONSTA»

Ninguém desconhece que os 150 funcionários da antiga Rádio Clube do Brasil, têm atravessado, desde há 3 meses, quando foi fechada a estação, um período de dificuldades incríveis. Muitos dêles estão com 3 e 4 meses de aluguéis atrasados, sem dinheiro, mesmo, para as necessidades mais comezinhas. Ora, em face disso, o «consta» como o que circulou, de que o Sindicato dos Radialistas teria distribuído, apenas entre uma meia dúzia de privilegiados, quantia recebida do Fundo Sindical para amparar todos os funcionários — teria de provocar, como provocou, decepção e tristeza.

O FATO

Só Normando Lopes, presidente do Sindicato, poderá dizer se o «consta» tem ou não fôros de realidade. O que não padece dúvidas, é que as repetidas promessas de distribuição de dinheiro (e, no comêço, chegou a se falar insistentemente no pagamento de um mês de ordenados), por empréstimo do Fundo Sindical, nunca se concretizaram, pelo menos para a maioria dos funcionários que, na Porta do Cineac, trocam confidências sôbre as dificuldades por que têm passado. Apelos foram feitos, promessas foram reiteradas, listas foram assinadas — mas o dinheiro, mesmo, ficou em promessa.

SERÁ PERMUTA?

UMA COISA que sempre faltou ao nosso rádio — e que tem agido constantemente em prejuízo da maior divulgação de valores novos, da consolidação do seu prestígio, é a propaganda. As rádios, via de regra, não se preocupam em fomentar a publicidade de seus contratados, que fica dependendo da maior ou menor simpatia que êles possam despertar entre os profissionais da imprensa — ou da capacidade de "cavação" que êles possuam... É bem verdade que tôdas — ou quase tôdas — as emissoras possuem departamentos de divulgação. O trabalho dêstes, porém, se limita ao envio de pequenas notas aos jornais, notas essas quase sempre destituídas de interêsse maior.

AGORA, entretanto, a Tupi parece ter encontrado uma nova fórmula, que pode não ser muito eficiente, mas que é, sem dúvida, bastante espalhafatosa. Na programação diurna, insere longos textos, que não se limitam a apontar as audições principais da emissora, mas a exaltar, com adjetivos pomposos e reiterados, as qualidades (e pretensas qualidades) dos artistas.

A IDÉIA tem causado comentários desencontrados. Uns acham que êsses textos (que de tão longos, mais parecem crônicas) poderão resultar em mais ouvintes para os artistas da Tupi. Outros se mostram convencidos de que a coisa só poderá aborrecer aos sintonizadores. E a hipótese mais gozada é a de um terceiro grupo: em face dos constantes atrasos de pagamentos que se verificam nas Emissoras Associadas, aventam a hipótese de que tais textos constituem "permuta", isto é, sejam dados a título de pagamentos de salários...

VÁRIAS

★ Luís Jatobá parece que não es treou muito bem o novo e belíssi mo apartamento em que está mo rando, na Rua Xavier da Silveira. Porque, logo de saída, sofreu um acidente de automóvel, em que só por muita sorte, êle e sua es pôsa saíram ilesos. Ao que tudo indica, Jatobá, além de sofrer o susto, sofreu também a tentativa de um «golpe» por parte do choferdo caminhão o qual, alegando que pagaria todos os prejuízos, reboc cou a Dodge de Jatobá e, com is so, evitou a perícia... O famoso narrador da Mayrink, entretanto, já providenciou advogados, para evitar o prejuízo de Cr$ 42.000,0 — preço do consêrto da Dodge...

★ A notícia mais sensacional do últimos dias, foi a compra de 50% das ações da Rádio Mayrink Veiga por Vítor Costa, de forma inesperada e espetacular. Vítor comprou e pagou nada menos de 1 milhões de cruzeiros — à vista! H ainda 20 milhões, que serão pagos parceladamente, mas nesta altura Vítor já está, pràticamente com o contrôle da Mayrink. A notícia, nem por ser espetacular, deixa de ser auspiciosa: sob a ação de Vítor Costa, a emissora que vinha ocupando nada menos de primeiros lugares, nas estatísticas de certo mostrará um surto de progresso e desenvolvimento ainda mais acentuado.

MICRO REPORTAGEM

Hoje: ARACY COSTA



NÃO faz muitos anos, havia na Rádio Guanabara uma jovem cantora chamada Aracy Costa. Pouca gente se dava conta do talento que aquela menina demonstrava — até que Sérgio de Vasconcelos, indo para a Rádio Tupi, para lá levou a menina que, então, já estava crescidinha... Na Tupi, entretanto, a carreira de Aracy Costa foi rápida. Em pouco tempo o público notava a sua voz bonita, as suas interpretações corretas, a sua personalidade. E, por outro lado, o pessoal da Tupi cada vez mais apreciava aquela boa colega — sempre bem-humorada, sempre gentil, com um sorriso para todos (embora a Mamãe, sempre presente, não permitisse que houvesse sorrisos especiais para ninguém).

Desde aquêle «O Papai não gosta», Aracy conquistou o Carnaval, também. Seus discos de meio-de-ano passaram a se vender muito — e ela passou, de repente, à categoria de artista internacional, indo ao Uruguai com a Orquestra de Carioca, numa excursão que durou mais de um mês. Que faltava mais? Apenas a ratificação das vitórias anteriores. E ela veio, de forma concludente, quase espetacular, com a excursão de Ary Barroso e sua orquestra ao México, em que Aracy Costa, no dizer do próprio Ary e de todos os colegas de excursão, foi uma das figuras mais aplaudidas. Êstes dois flagrantes ilustram êste novo êxito. Vemos Aracy Costa ao microfone da emissora XEW (México) e em companhia do famoso autor de «Vereda Tropical», Gonçalo Curiel.



PÁGINA 19

OS FANTASMAS

JOEL SILVEIRA

COM vinte mil réis se fazia uma festa; com cinqüenta, uma noitada. Dia de «vale» no «Vamos Ler» ou na «Carioca», íamos munidos do dinheiro sólido e bem comprante para êste mundo da Lapa, que revejo agora, num reencontro rendido, quinze anos depois. O meu amigo Luís acabara de publicar uma história que se passava por aqui, por estas ruas enviezadas e inquietas, e cujos personagens eram as moças pintadas e gastas que se esganiçavam nas janelas, e mais o bondezinho lá em cima, nos Arcos, e ainda aquela senhora gorda e corada, na pensão alegre, apertada num ligadíssimo vestido de veludo roxo, que nos tratava com todo respeito e distinção:

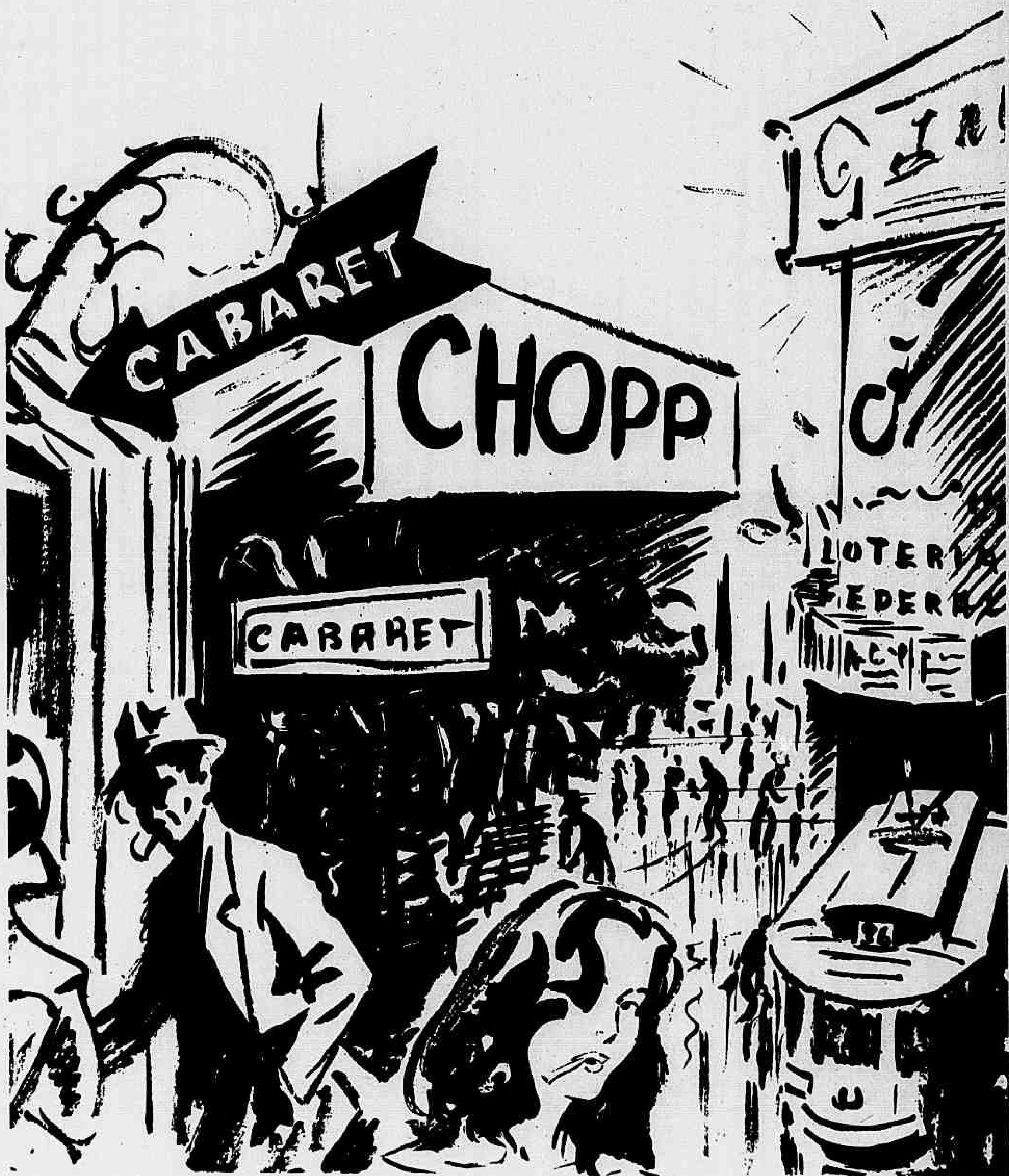
— Não demora, doutores. Gostariam de um uísque, enquanto esperam?

Ah! só os preços mudaram de cara. Mas, mesmo custando, então, 9 mil réis a dose (e não posso esquecer que ela passou a doze precisamente no dia 11 de novembro de 37, o que deixou provado o que já suspeitávamos — que a ditadura era principalmente contra a Inteligência), mas mesmo a 9 mil réis, uísque era nétar para os grandes dias, só possível quando tínhamos na roda um endinheirado e desprendido literato de São Paulo ou do Norte, em turismo artístico na Côrte, ou quando o Magalhães Júnior, em maré generosa, caprichava nos temperamentalíssimos «vales» com que nos pagava, todos os sábados, ficção e realidade.

● Chôpe a 400 réis — e era bebêlo! Amadeu Amaral Júnior, gigantesco e nervoso, ingeria-o aos litros, numa fumegante sofreguidão de dromedário em fim de viagem. Encharcado, afogava-se em alucinações, via coisas que nós não víamos, quebrava copos e acabava satisfazendo, ruidosamente, a sua chatíssima necessidade fisiológica de agredir alguém — quase sempre o trombone do «Danúbio Azul» ou o enfastiado «maitre» do «Novo México».

● Ainda existirão os siris do 49? **A sala era um** corredor úmido e penumbrento, cheirando a maresia de beira de cais, e para lá íamos tôda noite brigar ou fazer as pazes com o romancista Lúcio Cardoso, que depois nos ofertava seus livros com dedicatórias onde se tratava daqueles incidentes. Vou buscar na estante uma delas: «A Joel Silveira, lembrança de uma reconciliação no 49 da Lapa, oferece Lúcio Cardoso». (O tom sêco da oferenda mostrava a precariedade da reconciliação, que foi curta: brigamos novamente alguns siris depois). Mas isso já foi em 43, quando tudo, — homens e coisas, duramente amestrados por cinco anos de Estado Novo — se fizera definitivamente pior, implacàvelmente péssimo. Falava-se, então, mais baixo; olhava-se cautelosamente dos lados, e ninguém escrevia mais — fazia truques.

● Volto tanto tempo depois, e os fantasmas, fantasmas dos amigos que morreram e dos que engordaram, me cercam nas esquinas, me levam ao «Danúbio», me sacodem na garganta o fogo de uma batida do «Juca Pato», me servem siri e chôpe. Identifico uma porção dêles: Amadeu, Luís, Augusto, Newton, Danilo. E, entre êles, um moço de bigodinho ralo, aparentando muita pobreza, mas falastrão e feliz como um camelô: eu.



JOSÉ LEWGOY PEGADO EM FLAGRANTE

O repórter metralhou impiedosamente de perguntas o «vilão» do cinema brasileiro, mas para cada pergunta houve sempre uma resposta à altura.

Reportagem de MARITA LIMA

Fotos de ARNALDO VIEIRA

NÃO vamos discutir o talento de José Lewgoy. Mas uma coisa de sua carreira é notória: a maldade. Mais parece cacoete. Por da cá aquela palha, êle vira mauzinho. Até em comédia êle é ruim. Por isto, e movidos pela morbidez da curiosidade, resolvemos dar uma espiada na alma dêste cavalheiro de feroz aspecto, para ver se é assim mesmo. E, para isto, submetemos o moço a uma entrevista Ping-Pong, que deu o seguinte resultado:

Pergunta: — Você é um homem mau?

Resposta: — Ao contrário do que muita gente pensa, o meu Mr. Hyde é um fraco. Perde sempre para o meu Dr. Jekyll.

P. — Se você fôsse um ator norte-americano, qual queria ser?

R. — Por dentro, eu mesmo. Por fora, Kirk Douglas.

P. — Você é um burguês?

R. — No fundo sou o próprio Monsier Jourdain.

P. — Se você tivesse que matar uma «estrêla», na tela, qual preferia?

R. — Marilyn Monroe.

P. — E como matava?

R. — (Cortada pela censura).

P. — Você acredita em anjos?

R. — Naturalmente. Pretendo virar um dêles, no futuro.

P. — E em querubins?

R. — E por que não? São tão decorativos...

P. — Você acredita em cinema paulista.

R. — Cinema paulista? E' algum estilo novo de cinema?

P. — Se você fôsse ministro, que Ministério queria ter?

R. — Ministério das Relações Exteriores. Meu primeiro ato ministerial: reatar relações com o príncipe Maurício de Nassau, e pedir desculpas pelo incidentezinho de Olinda...

P. — Você gosta de bicho?

R. — Se você conhecesse minha amiga Bonnie, nem perguntava isso!

P. — Você está achando estas perguntas cretinas?

R. — As perguntas não, mas algumas das minhas respostas, sim.

P. — Se você estivesse no meu lugar, o que perguntaria ao José Lewgoy?

R. — Nada.

P. — Você se acha um gênio?

R. — Naturalmente. Quem não se acha?

R. — Quem mais você acha um gênio?

R. — Einstein, Chaplin. (Com desculpas ao Lima Barreto).

P. — Você reza todo dia?

R. — Ando meio brigado com o céu, mas de vez em quando dou a minha rezadinha.

P. — Você tem um temperamento parecido com a sua cara?

R. — Se você vai começar com desaforos, aviso que também conheço alguns palavrões.

P. — O que você acha mais importante para fazer um filme, a história, a direção, a equipe técnico ou os atores?

R. — Tudo é importante. Mas uma boa história é meio caminho andado.

P. — Você lê história em quadrinhos?

R. — Só a do Ferdinando.

P. — Se você fôsse uma marca de automóvel, qual seria?

R. — Citroen.

P. — Quem é o maior poeta brasileiro?

R. — Não escolho maiores, tenho os do peito: Mário Quintana e Vinicius de Morais.

P. — Qual a importância da poesia, na vida de um homem?

R. — E qual a importância do verão na vida das cigarras?

P. — Você é celibatário?

R. — Sòmente nos dias ímpares. Sou muito supersticioso, sabe?

P. — Você é a favor do divórcio?

R. — Você sabia que os meus maiores fã são as mães de família e as crianças?

P. — Você depende do seu bigode?

R. — Sem êle, como poderia ficar parecido com vilão de fita mexicana?

P. — Você acha que o cinema tem mais possibilidades de popularizar boas obras literária do que o teatro?

R. — Cinema e teatro, quando bons, já sã obras literárias.

P. — Você acha que os críticos de cinema têm tanto «metier» quanto os atores e estão categorizados para julgá-los?

R. — Você sabia que eu ganhei o prêmio d melhor ator do ano da Associação Brasileira d Críticos de Cinema?

P. — Você nunca se acha bonito?

R. — Nunca? Sempre!

P. — Que papel você mais gostaria de fazer

R. — O papel de José Lewgoy.



P. — Você é celibatário?
R. — Só nos dias ímpares



P. — Você acredita em cinema paulista?



P. — Você se acha um gênio?
R. — Naturalmente...

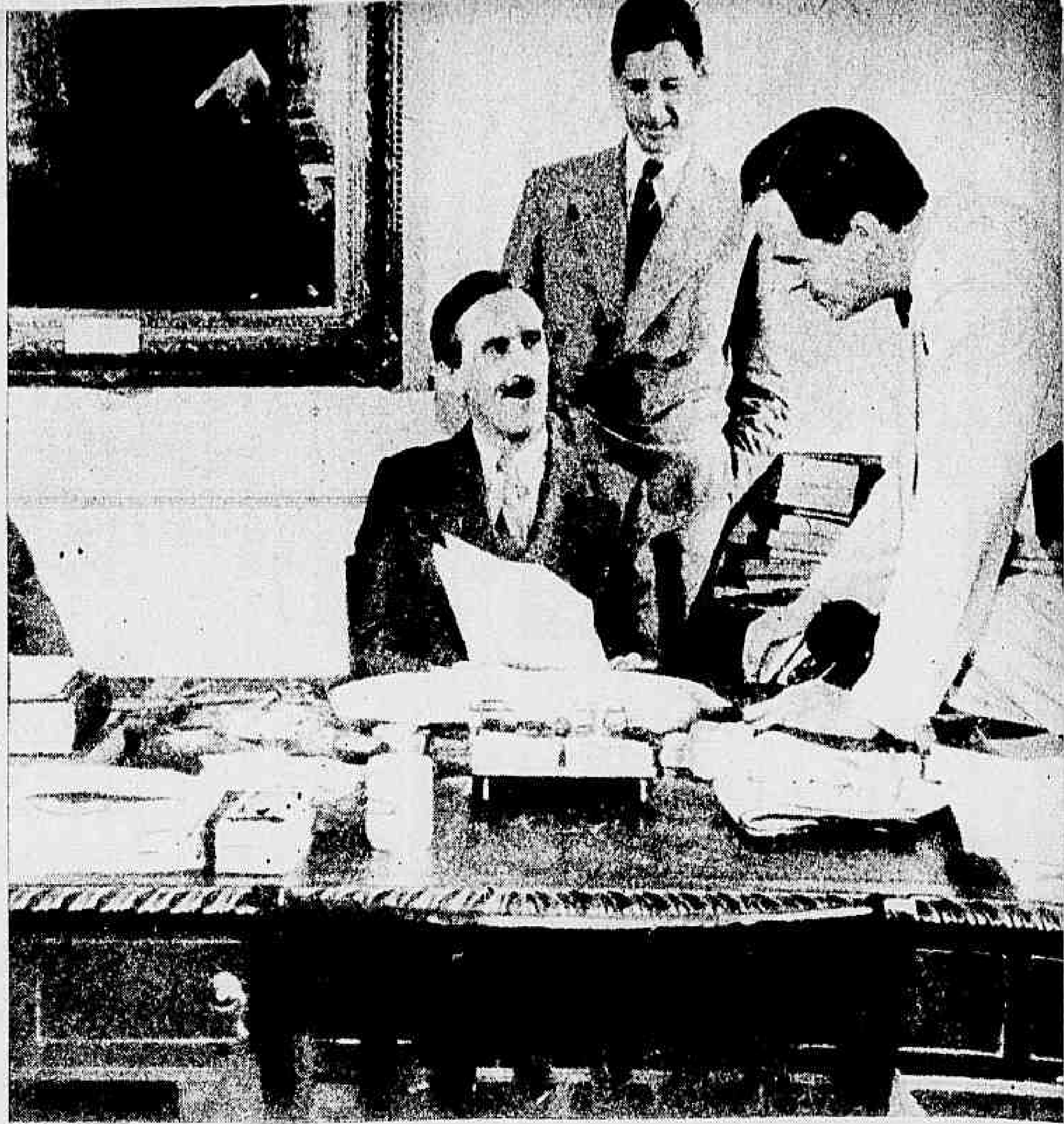


P. Você tem um temperamento parecido com a sua cara?

R. *Se você vai começar com desaforos, aviso que bem conheço alguns palavrões.*



Esta foto foi tomada pouco antes do desaparecimento de Mac Lean, vendo-se a espôsa e os dois filhos do casal. Um mês após nascia Pink-Rose.



Donald Mac Lean, em 1947 na Embaixada Britânica em Washington, conversa com o Embaixador. Balfour. Três meses depois subia de pôsto.

Três misteriosos desaparecimentos inquietam o mundo

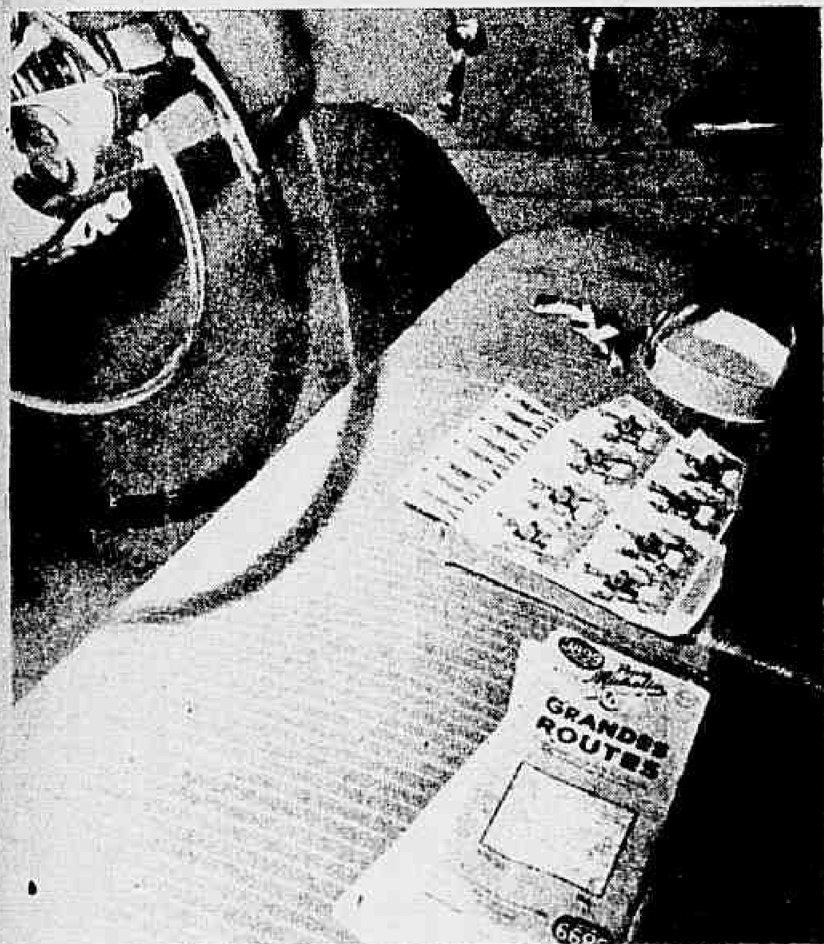
Os Mac Lean teriam seguido a trilha de Pontecorvo

A polícia secreta de três países procura, debalde, esclarecer o enigma. — Um caminho que começa em Zurich, passa por Saint Germain des Prés e vai terminar ninguém sabe aonde. — E por detrás dos fantasmas que se evaporam, ergue-se, sombrio e ameaçador, o espectro de novas armas atômicas.

A 26 de maio de 1951 recebia a mãe de Guy Burgess um telegrama nestes têrmos: «Terribly sorry», ou seja, em português «Terrìvelmente desolado», «Profundamente entristecido», ou coisa semelhante. Também a espôsa de Donald Mac Lean recebia, no mesmo dia, telegrama igual, em que seu marido se confessava «terrìvelmente triste». Depois disso, o mistério. Ninguém soube mais dos dois altos funcionários do govêrno britânico. Pois bem: a 15 de setembro último, a genitora de Mrs. Mac Lean recebia um telegrama idêntico de sua nora! E também desaparecera com os três filhos menores.

Entre o primeiro desaparecimento e o da mulher de Mac Lean houve o espaço de vinte e sete meses. Desde que os dois homens sumiram da face da terra, a polícia inglêsa e a norte-americana se puseram em campo, para desvendar o mistério do desaparecimento dos funcionários do «Foreign Office», nada conseguindo. Fracasso absoluto. Mas, o que é mais extraordinário: apesar das providências dessas polícias e ainda mais, a da Suíça, mantendo vigilância em tôrno da mulher de Donald Mac Lean, esta também se foi para o desconhecido, a 15 de setembro de 1953.

Centenas de pessoas foram interrogadas; milhares de comunicações telefônicas foram gastas; milhões de palavras foram escritas, e nada adiantou. Tempo e trabalho perdidos. Mrs. Mac Lean embarcou com os seus três filhos menores no trem 1858 Lausanne-Zurich naturalmente para ir encontrar-se com seu espôso em algum lugar até hoje a descobrir.



Eis o que êles deixaram no «Chevrolet» abandonado em Lausanne: um revólver de brinquedo, um tamis de Pink-Rose, decoupagens de Donald Jr. e prospectos referentes a turismo.



Êste cidadão, sr. Guignard, professor de uma escola comercial de Lausanne, declarou que viu os fugitivos quando estavam no trem de Zurich. E foi a última testemunha no caso.



O chefe de polícia federal suiça, Charles Knecht (à esquerda), em conferência com seus colaboradores, examina, com uma lente, o telegrama falso recebido pela mãe de Mrs. Mac Lean.

Houve quem fizesse conjecturas: Por que motivo seu marido não a levou consigo em maio de 1951, a exemplo do que fizera o cientista italiano Pontecorvo, que fugiu para a URSS levando a espôsa e seus filhos ainda pequeninos. Mas, no caso de Mrs. Mac Lean há uma circunstância. Quando seu marido desapareceu, estava ela na iminência de dar à luz seu terceiro filho, não sendo prudente, pois, viajar com o espôso em tal estado, especialmente para «algum lugar» dêste mundo. Mas, o que os «sherlocks» da Inglaterra, da Suíça e dos Estados Unidos não se cansam de elogiar, é a técnica do «agente escamoteador» de pessoas importantes, retirando-as da circulação sem que deixem o menor traço ou vestígio . . .

O MISTÉRIO É CADA VEZ MAIS IMPENETRAVEL

A situação continua envôlta em absoluto mistério. Os dois diplomatas britânicos, naturalmente senhores de grandes segredos em tôrno da política Ocidental, são muito úteis à URSS, para onde se presume tenha ido. Mas, muito mais importante para a pátria de Malenkov é o cientista Pontecorvo. E se deu esta particularidade: depois que o mesmo se refugiou na URSS, êste país comunicou, oficialmente, ao mundo, que já possuía a bomba H (de hidrogênio), especialidade de Pontecorvo.

Diversas conjecturas sobrevieram à fuga dos dois funcionários de Estado da Inglaterra. Em primeiro lugar pensou-se que se tratasse de alguma aventura sentimental, hipótese abandonada; depois veio a idéia de que se tratasse de questão ideológica, sabendo-se das simpatias de ambos pelo marxismo; sendo assim, a escapada teria por finalidade levar ao govêrno soviético segredos de Estado.

Mas, até agora, ninguém sabe, realmente, o que ocorreu com Burgess e Mac Lean. Das investigações procedidas, verificou-se que nenhum documento, importante ou não, desapareceu dos arquivos do «Foreign Office»; mas, pergunta-se, não teriam os fugitivos obtido cópias microfotográficas de tudo o que de mais importante houvesse nos negócios privados e confidenciais entre os EE. UU. e a Inglaterra, especialmente no que toca à defesa do Atlântico e da política atômica?

EVAPORA-SE MRS. LEAN

Ainda estavam as polícias norte-americana e inglêsa atônitas com o fenômeno Mac Lean-Burgess, quando, a 11 de setembro, Mrs. Mac Lean, acompanhada de seus três filhos, Fergus (nove anos), Donald (sete) e melinda (de dois), deixa Genebra em seu «Chevrolet», dizendo que vai até Montreux, a fim de encontrar-se com alguns amigos que conhecera no Cairo, quando seu marido servia ali. Dentre êsses conhecidos um havia com o nome de «Robin Muir». Ela retira do Banco 700 francos suíços, remete 200 para Mrs. Dunbar, sua mãe, paga algumas contas e sai em seu auto. O pequeno Fergus diz então a alguns de seus colegas, que vai com sua mãe e os irmãos para uma viagem de uma semana.

Quatro dias mais tarde, Mrs. Dunbar, mãe de Melinda Mac Lean dá o alarma: sua filha também desaparecera mandando-lhe aquêle telegrama fatídico e misterioso: «Terribly Sorry», justamente como sucedera com os dois diplomatas desaparecidos anteriormente.

Agitou-se a polícia federal suíça, ajudada pelos elementos da F.B.I. e o M.I. 5 britânico. Pouco depois descobrem o carro de Melinda abandonado em uma garagem, tendo no seu interior objetos das crianças e prospectos de turismo.

AS TESTEMUNHAS VIRAM POUCO

E surgiram testemunhas: um homem do povo viu a jovem mãe, o chefe do trem examinou seu bilhete para Buchs, na fronteira austríaca e um viajante fêz parte do trajeto com a desaparecida e seus três filhos. Depois . . . tudo escuro. Perdeu-se o contacto. O trem se foi e, com êle a pista para descobrir-se o destino da jovem mãe e dos três garotinhos. A imprensa inglêsa ofereceu doze milhões de francos a quem fornecesse uma explicação razoável do mistério dessa terceira fuga.

E tudo continua no mesmo. Para onde se transportou a espôsa de Mac Lean? O que de mais importante pôde a polícia britânica descobrir, foi que Melinda Mac Lean, antes de desaparecer, compareceu em lugar onde também fôra visto Pontecorvo. Seja como fôr, o mistério dêsses desaparecimentos está causando grande intranqüilidade nos meios oficiais das potências ocidentais, marcadamente os Estados Unidos e Inglaterra, pois se sabe que Pontecorvo trabalhou nos laboratórios de bombas atômicas da América do Norte, e os outros diplomatas sumidos são possuidores de segredos da maior importância para a segurança ocidental em face da URSS e dos seus satélites. Estarão todos êles na Rússia? Mistério . . .



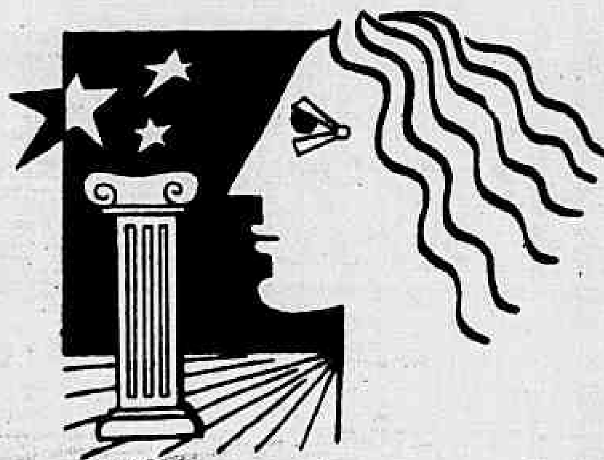
Mrs. Dunbar, mãe de Melinda, deixa seu domicílio de Genebra acompanhada de Scheers, espôso de sua filha mais jovem. Pava evitar transtornos, voou para a França sob o nome de Mme. Durand. Talvez seja a pessoa que sabe onde está sua filha.



Semana LITERÁRIA



um poema por semana



A garupa da vaca era palustre e bela,
uma penugem havia em seu queixo formoso;
e na fronte lunada onde ardia uma estrêla
pairava um pensamento em constante repouso.

Esta a imagem da vaca, a mais pura e singela
que do fundo do sonho eu às vêzes esposo
e confunde-se à noite à outra imagem daquela
que ama me amamentou e jaz no último pouso.

Escuto-lhe o mugido — era o meu acalanto,
e seu olhar tão doce inda sinto no meu:
o seio e o ubre natais irrigam-me em seus veios.

Confundo-os nessa ganga informe que é meu canto:
semblante e leite, a vaca e a mulher que me deu
o leite e a suavidade a manar de dois seios.

(Jorge de Lima, «Invenção de Orfeu»)

FIGURAS EM FOCO

JOSÉ LINS DO RÊGO — Costuma-se dizer que literatura não dá camisa a ninguém. Não é êste, entretanto, o caso do escritor José Lins do Rêgo, para quem o êxito literário talhou um bem fornido e elegante sortimento indumentário. Na verdade, poucos autores nacionais terão a consideração e o respeito unânime que rodeia a figura intelectual do criador de «Fogo Morto». Seu último romance, «Cangaceiros», vem constituindo um espetacular sucesso de livraria. Os volumes se vendem aos punhados, para glória de Zé Lins e felicidade do editor José Olímpio. Além do mais, o escritor nordestino é homem de extraordinário prestígio social, sendo indispensável, na opinião de nossos mais requintados grã-finos, a sua presença em reuniões de alto bordo. O que não quer dizer que Zé Lins seja sofisticado ou grã-fino. Muito pelo contrário, conserva até hoje um jeito provinciano que o valoriza e lhe dá caráter. E' triste, de uma tristeza de quem, apesar de tudo, se sente sòzinho, e se recorda da paisagem da infância e da mocidade, com seus engenhos de açúcar, seus tipos agrestes, seus casos de amor, luta e sofrimento. Não o consideremos, porém, em têrmos de contemplativo. Zé Lins pesa seus bons noventa quilos de carne e osso, tem uma fome de touro, freqüenta futebol, torce como um possesso, vai à praia e cultiva o bom escossês. Em suma: uma excelente praça.

O LIVRO DO MOMENTO

● Editado pela Livraria José Olímpio, em quatro volumes de excelente feitura gráfica, acaba de aparecer o livro póstumo do escritor Graciliano Ramos, «Memórias do Cárcere». A propósito do grande lançamento literário, assim se exprime o escritor R. Magalhães Júnior: «Os quatro volumes das «Memórias do Cárcere» constituem uma das obras mais impressionantes da nossa literatura. Impressiona não apenas pelas trágicas e extraordinárias experiências vividas, durante anos, pelo maior de nossos escritores contemporâneos, nas prisões políticas e nos cárceres comuns, nivelado à pior escória humana, como ainda pela arte literária com que Graciliano Ramos compôs cada uma de suas páginas, analisando os seus próprios sentimentos e os dos seus companheiros de reclusão com uma penetração psicológica, uma honestidade, uma sinceridade de que bem poucos teriam sido capazes». E, mais adiante, afirma o teatrólogo R. Magalhães Júnior: «Da nova obra de Graciliano Ramos bem se pode dizer que é o estudo mais sério, mais profundo, mais verdadeiro, que já se escreveu sôbre o sistema penal brasileiro e os meios de repressão com que o Estado onipotente se aparelhou para esmagar o indivíduo inconformado, ao mesmo tempo que constitui um dos mais dolorosos, dos mais pungentes, dos mais lancinantes capítulos da auto-biografia de qualquer escritor. Pelo seu conteúdo, como pela arte com que foi escrito, eis um livro que é em nada inferior às «Recordações da Casa dos Mortos», de Dostoiewski».



ESPELHO DE ESCRITORES



LÚCIO CARDOSO — Nasceu em Curvelo, Minas Gerais, há trinta e nove anos, devendo portanto tornar-se quarentão dentro de pouco tempo. Estudou primeiras e segundas letras em Belo Horizonte, de onde guarda o seu amor pelas magnólias e o pasmo diante das madrugadas sacudidas pelo ruído dos últimos bondes retardatários. Teve o bom gôsto de não tomar diploma de bacharel, nem qualquer outro diploma, uma vez que, desde muito cedo, resolveu definir-se pela profissão de escritor. Seu romance de estréia, MALEITA, agora em segunda edição, foi descoberto e desengavetado pelo poeta Augusto Frederico Schmidt, que o editou em grande estilo, para o bem de todos e felicidade geral. De fato, o aparecimento de MALEITA veio marcar a entrada, na cena literária, de uma poderosa vocação romanesca, que o tempo só fêz crescer e aprofundar-se. Homem de múltiplos caminhos, dono de uma aventura interior complexa e por vêzes dramática, Lúcio Cardoso voltou-se logo para o romance introspectivo, tendo neste rumo construído uma obra que ficará como um dos mais importantes monumentos da nossa ficção. SALGUEIRO, A LUZ NO SUBSOLO, MÃOS VASIAS, DIAS PERDIDOS, O DESCONHECIDO, INÁCIO, A PROFESSÔRA HILDA são romances e novelas de dimensões metafísicas, nos quais o homem, devorado por suas paixões fundamentais, busca «en gémissant» a estrada real que o conduza para um destino de luz e plenitude. Apesar da importância da obra que realizou, Lúcio Cardoso a considera como um exercício, uma tomada de fôlego para o seu depoimento definitivo de romancista. Agora, segundo declara, é que chegou o momento de escrever os seus verdadeiros romances, aquêles que trarão a sua visão madura e acabada do mundo. Para tanto, vem tomando medidas de ordem prática, indispensáveis à obtenção daquela «calma que Bilac não teve para envelhecer»: deixará, por exemplo, o Rio de Janeiro, tendo já adquirido uma fazenda no Estado do Rio, a duas horas de automóvel da Praça Mauá. Aí vai residir o romancista, e seu dia será dividido entre as atividades literárias e agrícolas. Como escritor, pretende realizar um «roman-fleuve», do qual já estão elaborados os três primeiros volumes. O ciclo romanesco tem como objetivo o levantamento vital de uma requena cidade do interior, nas três dimensões do tempo (presente, passado o futuro). Como fazendeiro, vai dedicar-se à fauna e flora do estilo: criação de porcos e galinhas, plantações de milho, bananas, etc., etc.

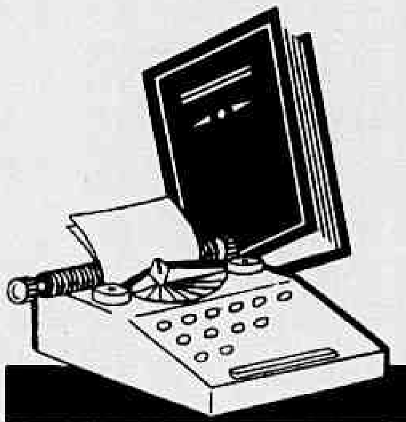
✶✶✶✶✶✶✶✶✶✶✶✶✶✶✶✶ *Cineac Literário* ✶✶✶✶✶✶✶✶✶✶✶✶✶✶✶✶



Carlos Castelo Branco, jornalista e autor dos «Continhos Brasileiros», acaba de lançar os fundamentos de uma nova corrente literária, à base do terror. O movimento, que já conta com a adesão de alguns escritores de proa, chamar-se-á Tupã, embora nada tenha a ver com os cacoetes antropofágicos da Semana de Arte Moderna de 1922. Sua justificativa teórica é a seguinte: é preciso atingir no homem, através da palavra, a sua zona de maior fragilidade, de maneira a que o pânico e a náusea se tornem os instrumentos essenciais de comunicação entre o escritor e seus leitores. O mestre do movimento terrotista é Kafka, e sua obra prima nesse sentido são as novelas de «As Metamorfoses». O nome da nova corrente se explica pelo estarrecimento que os índios brasileiros devem ter sentido ao auvir, pela primeira vez, um tiro de arcabuz. Claro é que, em seu espanto, clamaram por Tupã, sendo esta a razão pela qual o movimento ficou assim apelidado. Há, segundo Carlos Castelo Branco, várias situações terroristas, que é preciso aproveitar literàriamente: um jantar de cerimônia, onde as pessoas sorriem e se detestam; uma repartição pública, em tôdas as suas dimensões e conseqüências; a história do Brasil, principalmente da República; um ditador diante de uma criança que lhe faz festa.

✶

Se há escritores de província que suspiram pela metrópole, existem por outro lado escritores metropolitanos que anseiam pela província. E' êste o caso de Otto Lara Resende, cujas raízes mineiras fazem dêle um permanente nostálgico das coisas e paisagens de seu Estado. Tanto assim que o autor de «O Lado Humano», após meditações hamletianas que lhe consumiram algumas noites de sono, resolveu estagiar por dois meses em Belo Horizonte, contra tudo e contra todos. Otto Lara pretende concluir, nesse período, seu novo livro de contos, intitulado, «Meninos».



Pretende mudar-se para o Rio o romancista mineira Valdomiro Autran Dourado. O autor de «Tempo de Amar», taquígrafo dos mais conspícuos, entrou em entendimentos com o sr. Pascoal Carlos Magno, para que êste lhe possibilite um emprêgo na Câmara dos Vereadores. Ali o escritor mineiro terá oportunidade de gravar, para edificação própria, as maravilhas proustianas dos bravos representantes cariocas.

✶

Vinicius de Morais está ultimando os preparativos para o lançamento de um livro de poemas para crianças, com ilustrações de Darel. O volume deverá ficar pronto até o próximo Natal e seu êxito, sem qualquer dúvida, já está assegurado, uma vez que os poemas são da melhor qualidade. Esta, aliás, não é uma opinião de adultos mas de crianças, pois o poeta submeteu seus poemas à crítica de vários pequenos leitores, de quatro a doze anos.

✶

Benedito Coutinho, jornalista político dos «Diários Associados», é poeta bissexto da mais pura água, e assim pretende continuar para o resto da vida. O acontecimento do poema lhe ocorre de seis em seis meses, e traz as características de um verdadeiro episódio ginecológico. Benedito se abstrai das coisas e sêres que o rodeiam, deixa de fazer a barba, monologa incessantemente, e só fica pôsto em sossêgo após o nascimento da criança. Que é sempre bela e robusta, diga-se de passagem, compensando em tôda a linha o sofrimento que provoca em seu esquivo pai.

✶

O poeta Augusto Frederico Schmidt, nos escassos intervalos de tempo que lhe sobram do exercício diurno e noturno da «terceira posição», ainda se dedica à coisa literária. Tanto assim que acaba de descobrir e lançar um novo e excelente poeta, Roberto Fortes, de vinte e sete anos, íntimo de Paris e dono de uma poesia angulosa, dura e explosiva.

✶

«O Patriarca e o Bacharel» é o título do novo livro de Luís Martins, no qual o escritor paulista faz a análise psicológica da evolução brasileira na sua passagem da monarquia para a República. Adotando o método sócio-psicanalítico para a interpretação dos fatos históricos, Luís Martins chega à conclusão de que o movimento republicano trouxe à consciência nacional um sentimento de culpa generalizado, uma vez a deposição de D. Pedro, em último têrmo, uma ação agressiva contra um símbolo patriarcal e paterno.

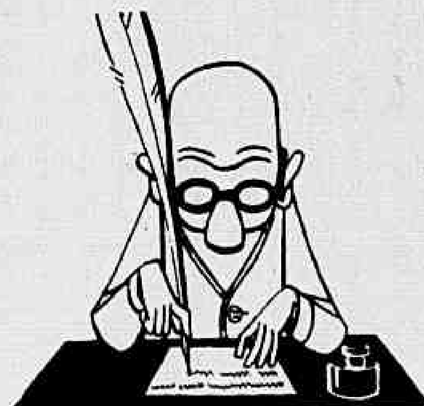
João Cabral de Melo Neto, cujo livro «O Rio» foi premiado no Concurso de Poesia do IV Centenário de S. Paulo, viajou para Recife, onde permanecerá cêrca de seis meses. O autor de «O Cão sem Plumas», com armas, bagagens e família, partiu do Rio de Janeiro de automóvel, levando consigo João Condé. Notícias da travessia informam que a mesma foi áspera e difícil, com estouros de pneus e desvios de rota, mais ou menos graves. Após quinze dias de aventura, chegou a Recife o poeta, ainda acompanhado de João Condé, que maldizia da sorte e afirmava com ênfase o seu propósito de voltar de avião.

✶

Tristão de Ataíde, durante dois anos, permaneceu nos EE.UU., estabelecendo íntimo contato com o povo e a cultura americanos. Escreveu nesse período excelentes ensaios de crítica e interpretação da realidade americana, tendo publicado quase todos os trabalhos na imprensa brasileira. Agora, o grande escritor católico reunirá em volume suas impressões sôbre os Estados Unidos.

✶

Apreciação crítica do «Jornal de Letras» sôbre o livro «O Relógio», do poeta Craveiro Leite: «Com seu livro «O Relógio», Craveiro Leite revela-se um poeta de mérito autêntico, acima das dúvidas dos que hoje — até certo ponto, com razão — encaram o panorama da poesia moderna. Diante dos versos dêsse livro ninguém pode imaginar qualquer espécie de «truquage». Se não verseja à moda de Bilac e Junqueira, como desejaria o «gênio» crítico do sr. Berilo Neves e de outros antropóides que se dizem inimigos da poesia moderna (porque na verdade o são de tôda e qualquer poesia) — se caminha no sentido de novas conquistas estéticas, Craveiro Leite comunicar-se-á, fàcilmente, com qualquer leitor que tiver a faculdade de comunicação poética.»



NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ

Por MICHEL DUCHEMIM

Tradução de SILVIA JAMBEIRO

Durante um quarto de hora êles acompanharam com interêsse a escolha dos compartimentos, que fazemos por um processo que podemos chamar de «afinidades eletivas». Uma das pequenas sente sêde e um destacamento se dispõe a acompanhá-la até a fonte.

Tudo isto me inquieta e o número de soldados só faz aumentar.

Aquêle vagão-hotel parece atraí-los irresistìvelmente. Trieste estará muito mal vigiada esta noite.

Como irá acabar tudo isto?

O destacamento volta da fonte, acenando as garrafas de água como se fôssem bandeiras vitoriosas. Muito obrigado, e batemos-lhe, delicadamente, com a porta no nariz.

Livramo-nos dêsses, e outros se retiram também.

Fecho a porta do meu compartimento, depois a cortina. O corredor está silencioso, as meninas também já se recolheram.

Enfim só! Desenrolo meu saco de borracha americano, encho com a bomba automática, ajeito direitinho e me estendo feliz, para repousar, mas sempre atento ao primeiro pedido de socorro.

Os soldados andam pela gare, ouço-os rindo e falando, e não é preciso ser muito malicioso para adivinhar sôbre o que conversam e riem.

Caio no sono. Tenho quatro horas à minha frente. Que maravilha, ainda que dormindo, por assim dizer, meio acordado. Mas... Zzzzz

— Michel, Michel, você já está pronto? É preciso apressar, o trem já vai partir (são as meninas batendo na porta).

Como? Acordo sobressaltado. As minhas meninas me chamam tôdas de uma vez. Mas, já é dia? Mas, se fazem apenas dez minutos que adormeci!

Levanto-me a contra-gôsto.

Neste momento um cavalheiro abre a porta do compartimento, com a intenção, naturalmente, de se instalar. Mas, êle se detém ao me ver. Ainda com as roupas na mão eu lhe atiro um olhar frio de censura, como se o compartimento pertencesse à minha família desde os tempos do feudalismo. E fecho a porta com um golpe sêco e digno. O cavalheiro se vai. Começo a ver passar uma procissão de pessoas desgrenhadas, carregando malas e embrulhos. Ainda um pouco extremunhado, sinto dificuldade em descobrir minhas mocinhas. Preparei-me ràpidamente e junto-me à procissão.

Encontro-as, então, no compartimento grande e belo, que nos foi concedido por especial deferência, com vista sôbre o mar e ventilação vinda do oeste.

O grupinho daquelas que nós passamos a denominar de menorezinhas, isto é: Catherine, Andrea e Marie Anne, estas adormecem novamente sob os olhares fraternais das mais velhas. Nicole, que vem de uma excursão ao fundo de sua «maletazinha», vem ao meu encontro.

— Você dormiu bem, Michel? (pergunta com voz muito doce).

— Sim, muito bem e vocês aqui?

— Você pensa em dormir mais um pouco?

— Oh! não... vou apreciar a paisagem, e vocês?

Nicole me fita com uma gentileza indescritível e diz:

— Passa pra cá o seu travesseiro pneumático.

Fico sem voz. Então eu me deixo levar como uma criança?

Colette e Gisèle, deitadas num banco, pediram meu saco de lona americano, para servir de cobertor.

Pra que tôda aquela pose de ontem de manhã, jurando que ninguém, ninguém me privaria dos elementos de confôrto que eu tivera o bom senso de trazer...!?

Evidentemente, devo admitir que no momento eu não tinha mesmo uma precisão imperiosa do travesseiro nem do saco, uma vez que não sentia mais vontade de dormir.

Mas, era mortificante sentir que fôra burlado, despertado assim de repente... Preferia ver o saco americano e o travesseiro jogados no chão, inúteis aos meus pés, assim como alguém que traz sempre consigo um livro sério e profundo, do gênero orações fúnebres de Bossuett, sem ler ou mesmo abri-lo sequer.

Então eu me senti mais pobre que Job no seu casebre, sem meu saco de dormir americano.

Nicole, com uma expressão angelical, ajeitou a bela cabecinha no meu travesseiro pneumático; foi para mim um sofrimento intolerável e pus a cabeça para fora da janela, a fim de que a brisa fresca da manhã acalmasse a minha ira.

E... um carvãozinho veio direto lá do fundo de alguma mina iugoslava, destinada, provàvelmente, desde a sua origem na era carbonífera, cair bem dentro do meu ôlho direito e eu dei um urro de dor capaz de acordar os mortos. Sim, os mortos, mas não as lindas moças que dormiam docemente ali pertinho.

Em outros tempos a visão daquelas formas adormecidas, docemente abandonadas num sono reparador, me encheriam de pensamentos suaves.

Mas, neste instante me revoltavam.

O egoísmo das minhas meninas me indignava.

E dei novo urro, um pouco menos convincente que o primeiro, pois o tal carvãozinho começava a circular.

Desta vez acordaram-se, tôdas.

— Que aconteceu? (grita Gisèle) onde está você, Michel? Quem foi que gritou? Ou será que o que ouvi foi a sirene do navio que nos levará a Rijeka?

— Falar em sirene de navio quando estou aqui neste martírio.

Gisèle, Denise e Helena se aproximam solícitas:

— O que é que você tem, Michel?

Com um gesto desalentado mostro o desastre, faltam-me palavras.

E então fazem-me deitar sôbre o banco.

Vejo, acima da minha cabeça, Gisèle, Denise e Helena discutindo os antecedentes e qualidades respectivas, que lhes autorizam a fazer o diagnóstico:

— Eu sou professôra de Jardim de Infância e sei aplicar os primeiros socorros (anuncia Gisèle).

— E eu, que trabalho num consultório de dentista (diz Helena), parece-me que posso...

Afinal, depois dêste ligeiro debate, meu ôlho direito foi lavado, massageado, perfumado e me deixo repousar numa pose de suave beatitude.

Nicole, então, se levanta e vem até mim, dizendo:

— Aqui está, Michel, o «meu» travesseiro pneumático, pronto, eu empresto a você com tôda boa vontade.

Não tenho nem fôrças para não agradecer, e assim recalcado vou até Poggioreale, a gare fronteiriça, onde devemos nos reunir a Françoise.

Lá na estação, deserta e perdida, Françoise, sacudindo a bela cabeleira escura, posa em nós o olhar azul muito tranqüilo e parece inconsciente, na verdade, do papel de heroína de tragédia, que interpretou durante algumas horas nas nossas imaginações inflamadas.

Lágrimas de alegria brotam dos olhos de Colette.

— Como deves ter ficado aflita (geme Colette), deve ter sido apavorante para ti esta experiência.

Françoise esboça um sorriso que põe cada coisa em seu lugar e pergunta:

— Mas, por que? Os italianos são encantadores! Eu me dispus a esperar vinte e quatro horas e depois voltaria a Paris... muito simples, não?

E, então, ela conta que os italianos puseram-se todos ao seu dispor, abandonando pátria, mulher e filhos para servi-la, por assim dizer, e continuou:

— Um oficial me cedeu, mesmo, seu quarto (e ela baixa modestamente as pálpebras).

E explicou, depois, que o oficial foi dormir numa cama de campanha, na sala dos oficiais.

Nestas alturas chega um outro comboio ao lado do nosso.

Êste vem da Iugoslávia e nós o olhamos ávidos, cheios de uma curiosidade intensa. Não porque seja esta a primeira vez que vemos um trem, mas porque é o primeiro trem iugoslavo, e, de acôrdo com as indicações do Barbudo, dentro dêle está o grupo de turistas franceses que nos precedeu.

— Conheço uma mocinha que faz parte daquele grupo (grita Denise). É preciso encontrá-la a todo custo.

E lá vai ela correndo pela gare, gritando como uma doida:

— Brigitte! Brigitte!

Mas, todos os vagões parecem estar vazios. Lá atrás, finalmente, descobrimos uns vinte jovens, devem ser jovens talvez em outras paragens. Estão todos enegrecidos de sol e de graxa. Olhando suas faces encovadas, perguntamos-nos se êles estão convalescendo de febre tifóide ou se fizeram uma caminhada de cem quilômetros a pé, em completo jejum. Paramos alarmados, será que êles se movem?

Mas... não há mais dúvidas — temos que nos render à evidência — aquêles moribundos foram os nossos predecessores. São ao todo dezesseis moças e «nove» rapazes, o que para mim é um golpe, em face da injustiça da desigualdade que sofro.

— Aquilo lá é de morte (lamuria, com voz lúgubre, a amiga de Denise, à guisa de saudação).

— E êles são gentis lá?

— Bem... nós esperamos apenas vinte e quatro horas pelo guia iugoslavo, em Rijeka. Vocês vão

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

O jovem arquiteto Michel resolve passar as férias na Iugoslávia. A notícia é recebida sob protestos por sua mãe que, não obstante, colhe dados sôbre o lugar. Os apuros de Michel começam aí com os palpites decencontrados dos amigos. No dia da partida o viajante só tem tempo de correr para a estação onde o «organizador» da viagem informa que Michel terá por companhia dez moças e tôda a responsabilidade. O trem parte e o rapaz confere os passaportes com as presentes; outras embarcarão nas estações seguintes. Em Modane duas moças aumentam o grupo. Surge depois uma discussão entre duas pequenas que pedem a Michel para descer suas malas (pesadíssimas) a fim de resolver a dúvida... e tudo por causa de meias «nylon». Cruzam a fronteira e ali mesmo Michel escreve umas linhas que enviará a sua mãe mas não conta que seus companheiros são: Catherine, Denise, Nicole, Andrea, Colette... Com o atraso do trem Françoise se desencontrará do grupo. Michel sente fome mas não tem coragem de dizer e para distrair faz várias sugestões a fim de solucionar o caso de Françoise. Uma das pequenas declara estar faminta e então Michel se conforta um pouco com o farnel que trouxeram. Chegando a Milão vêem desapontados que o trem que acaba de partir na linha oposta é justamente o expresso que deveriam tomar e no qual Françoise embarcará na estação seguinte. Michel vai ao bureau de informações mas comete aí uma «gaffe» diplomática e o caso não se resolve. Resta apenas esperar.



Ilustração de RAMON

ver que o tempo lá não se conta, os navios saem e chegam quando bem entendem e podem.

Arrisquei perguntar se a comida era boa...

— Horrível. Mas, quando derem qualquer coisa para vocês comerem, avancem com vontade, ainda que não sintam fome, porque outra oportunidade ninguém sabe quando virá.

— E os hotéis? (pergunta, receiosa, Denise, numa voz débil).

— Nada especial. A água lá é muito rara e há dias em que não se consegue um banho. É mais ou menos isso, depende da sorte.

— E faz muito calor?

— Bastante... quarenta graus à sombra. Já verão na viagem...

Nesta conversa, não vimos o trem pôr-se em movimento, e foi uma correria para pegar o trem andando. Estávamos todos receiosos de nos entreolhar, de ler um na face do outro a decepção que aquêle encontro nos causara.

Nicole e Helena tentam consolar Denise, que chora um pranto ardente, e diz:

— Nem reconheci Brigette (garante ela entre dois soluços). Que golpe horrível para mim. Se vocês a conhecessem antes! Ela que foi sempre tão viva, tão animada! E que tinha um rosto tão redondinho...

E com o dedo molhado de lágrimas desenha na vidraça um círculo perfeito, e nós somos percorridos por um arrepio de horror, lembrando o contraste com uma máscara que lembra uma pirâmide do Egito. Eis o que nos espera! E secretamente temos todos vontade de saltar do trem, andando com armas e bagagens, mas...

As fronteiras já nos são franqueadas, estamos em território iugoslavo. Tiramos o leite, temos de bebê-lo.

— Se ao menos pudermos tomar banho, já é alguma coisa (declara Nicole sempre otimista, batendo no ombro de Denise, ainda inconsolável), eu adoro tomar banho, banho de mar...

— Ora, nós não viemos à Iugoslávia para tomar banho. Para isto a França conta com recantos maravilhosos desde Zuycoote até Cerbère, sem falar na piscina Deligny (replica Andrea, com voz cristalina).

— Se fôr assim, então podíamos ficar em casa na banheira o mês inteiro (diz irritada Nicole), renovando a água de vez em quando.

— Parece que você tem prazer em deturpar e zombar de tudo que eu digo, mas não tenho absolutamente a impressão de ter dito uma besteira (replica Andrea, amuada).

Tenho de intervir:

— Por favor meninas, sosseguem...

Fiquei inquieto. Êstes eram os sintomas do que não nos faltaria nos dias futuros.

Nove mulheres poderiam viver em paz durante quinze dias? Mas como? Que utopia!

Neste momento Colette veio avisar que tínhamos entrado na gare de Sezana.

E as nove pequenas se precipitaram para as janelas, como se Jean Marais as estivesse esperando na estação.

Dois ou três oficiais de boné branco, com pala de celulóide, patrulhavam. Notaram, finalmente, o nosso vagão e resolveram nos honrar com a sua visita.

(Continua no próximo número)

CRIME DO

MAL completara Benedita os sete anos, quando os pais, uns pobres caboclos do Trombetas, deram-na ao Filipe Arauacu, seu padrinho de batismo, que a pedira e fizera dela presente à sogra.

— Aqui está — disse-lhe — que eu lhe trouxe pr'a dar fogo pr'a seu cachimbo.

Desde êsse dia começou para aquela criança uma triste existência.

A velha Bertrana, a sogra de Filipe, era mulher de mais de quarenta anos, baixa e magra como uma espinha de peixe. Tinha a cara comprida, muito branca, de uma alvura lavada, sem côr, emoldurada nuns cabelos duros, ainda todos negros, que habitualmente trazia soltos nas costas. Os dentes, apontados à faca, consoante o gôsto das mulheres do sertão, perfeitos e claros, saltavam-lhe fora da bôca desgraciosa, imprimindo no lábio inferior, arrouxado e excessivamente fino, a sua forma de serra. Uma larga orla escuro-azulada, qual se vê nos ascetas ou nas colarejas cansadas, circulava-lhe os olhos miudinhos, negros, de má expressão. O nariz pequeno e afilado desenhava-se com muita pureza, fazendo singular contraste no seu semblante, onde todos o notavam logo com uma perfeição deslocada. Prezava-se de branca.

Bertrana passava a vida na rêde, uma rêde fiada e tecida na terra, azul e branca, de largas varandas de chita encarnada, permanentemente atada, salvo o tempo apenas indispensável de mudá-la por outra, perfeitamente igual, a um canto da sala em que vivia. Era um aposento suficientemente espaçoso, de paredes apenas embarreadas, o chão de terra batida, dura que nem cimento, e, embora sempre muito limpo, muito varrido e arrumado, com o cheiro particular às habitações de doentes.

Meses decorriam sem dêle sair; comia e dormia ali mesmo. Debaixo da rêde ficava-lhe um lindo tupé bordado as talas pretas e brancas, muito polidas, e sôbre êle o seu cachimbo, uma antiga latinha de conserva portuguêsa com tabaco migado, uma palmatória de couro de peixe-boi e uma rija vergasta, tanto ou quanto esgarçada na ponta pelo uso, de umbigo do mesmo peixe. É um açoite terrível peculiar à Amazônia, como o «bacalhau» ao Sul.

De quando em quando gemia com um tom lastimoso. Arrancava do magro peito, cujos ossos pareciam querer furar-lhe o paletó de chita roxa, que assiduamente usava, um escarro pegajoso; deixava-o cair lentamente, fazendo um fio branco de gosma, para uma cuia pitanga que lhe ficava no tupé, à esquerda; limpava de leve, cautelosamente, os beiços a um lenço vermelho e gritava com uma voz esganiçada de tons falhados, muito cantada:

— Benedita! . . .

A rapariguinha acudia pressurosa, trêmula, a correr. Era para dar-lhe fogo para o cachimbo. Benedita vinha com o fogo e, encostando a brasa espetada em um velho garfo de ferro ou tição ao tabaco, acendia-o. Ela ficava fumando devagar, compassadamente, o cotovelo agudo espetado nos joelhos, a mão agüentando o tubo do cachimbo com os olhos fitos num trecho do terreiro que aparecia pela porta aberta em frente da rêde, batendo os beiços um no outro a chupar as fumaças, em uma posição indolente de vadiação satisfeita. Concluída aquela cachimbada, depunha de manso o cachimbo na esteira, junto da lata de fumo, arrancava do peito descarnado um grande suspiro doído e, com a sua voz comprida:

— Benedita! . . .

Agora era para dar-lhe um remédio dos muitíssimos que constantemente tomava, contidos nos vasos de barro que formavam, arrumados no chão por detrás da rêde, uma espécie de bateria de botelhas elétricas. Em cada uma dequelas pequenas «chocolateiras» de bôjo esférico e pescoço cilíndrico, havia um cozimento, uma infusão, um chá, uma droga qualquer, composta de vegetais. Suspensos das ripas das paredes por finos cordéis e embiras, pendiam vidros maiores e menores, contendo diferentes óleos e banhas de origem animal ou sucos láteos de certas plantas. De uns bebia, com outros se fomentava ou emplastrava por causa dos seus infinitos e variadíssimos achaques.

Para as dores nas costas tinha leite de amapá e para as do peito tinha o de acuuba. E mais, jaruassica e fôlhas de café para regularizar as funções; a milagrosa caamembeca por causa das diarréias, a que era atreita; moururé e manacá contra as dores de origem suspeita; sucuuba com mel de pau para a tosse; caferana e quina, de prevenção, por causa das sezões endêmicas no Trombetas; caldo de jaramacuru, para o baço; paricá, urtiga branca e jutaí excelentes nas tosses, e na secura de peito gordura de anta, boas fricções; salsa contra o reumatismo e maus humores; tajá membeca a fim de recolher os pulmões dos pés; banha de mucura aplicada nas erisipelas; guaraná para os intestinos, flatos, não sei o que; manteiga de tartaruga contra o cansaço, e ainda outros, cuja simples enumeração fôra fastidiosa, os quais não só usava numa cisma ridícula de ter não sei quantas moléstias, como aconselhava e dava oficiosamente com recomendações convencidas, persuativas.

Tapuio



Não casara nunca. Foi sempre feia e implicante. Em Faro, donde era natural, os rapazes puseram-lhe a alcunha de «cara de peixe». Ao escárneo respondeu com o ódio, um ódio brutal que alcançava todo o mundo. De todos dizia mal: contava histórias malévolas das mulheres e desacreditava os homens. Por fim, quando entrava os trinta e estava em tôda a plenitude da sua fealdade, um agregado do pai caiu doente, foi tratado em casa por ela e, por gratidão, amou-a um pouco. Daí por nove meses teve ela uma filha: essa foi a sua única e não mais repetida aventura de mulher, jamais houve ensejo de prestar os seus bons serviços de enfermeira e ninguém tornou a querê-la. Os desejos imprudentemente acordados e logo sopitados bulhavam-lhe no peito em saltos de cabritos bravos; fôrça era, porém, enguli-los com surda cólera e grande raiva dos homens, porque a não queriam, e das mulheres, porque eram preferidas; e lá dentro da sua estreita carcaça de magricela os anelos de deleites transmutavam-se em fezes biliosas que a punham cada vez mais feia e mais sêca. Repulsava a própria filha, porque saíra linda, como o pai, um mameluco esbelto.

A filha — ao invés do que lhe sucedera a ela — casou cedo, e em companhia do marido, Felipe Arauacu, foi para o lago Iripixi, no Trombetas, onde êle tinha um sítio. A infeliz moça não durou muito; pouco mais de um ano tinha de casada, quando a mataram as sezões ali reinantes endêmicamente, com menos de vinte anos de idade. A mãe que por fugir à recíproca malquerença de Faro acompanhara-a de lá, ficou com o genro, um sujeito nulo a quem ela era indiferente como êle lhe era também. Já por êsse tempo queixava-se de meia dúzia de achaques diversos, pouco saía da rêde e nada fazia. A morte da filha e a subseqüente concubinagem do genro com uma rapariga de um sítio próximo pondo-a em quase absoluto isolamento, completaram a obra do seu péssimo caráter. Viveu desde aí em inteira mandrice, a fumar cachimbo, a tomar remédios, a dizer mal de tudo e de todos, com muito fel extravasado. Aumentaram-lhe as moléstias cada dia e raro se passava que não mandasse ao mato — a inesgotável drogaria do sertanejo — em busca de novas fôlhas, raízes ou cascas para outros medicamentos, as suas «pussangas», como ela dizia.

Queixava-se do peito, de dores nas costas, suores noturnos, muita tosse, afora o cansaço que também a não deixava sossegar. Coitadinha dela, tôda a santa noite o seu peito lhe levava a piar que nem pinto — e imitava — pio . . . pio . . . pio . . . Doíam-lhe igualmente as pernas, a espinha dorsal, o ventre: tinha espasmos dolorosos no lombo, que lhe respondiam no fígado aqui, — indicava. Os pés, tinha-os gretados como pulmões — e erguendo a beira da saia com recato afetado e pudico, mostrava-os muito vermelhos, cobertos de emplastros. E se alguém, por mera polidez, perguntava-lhe pela saúde, ai do imprudente! tinha de ouvir a longa e nunca assaz repetida história dos seus padecimentos em geral e de cada achaque em particular, com muita minúcia, com tôdas as particularidades que ocorriam, e, ainda mais, a dos respectivos remédios, quem lhos ensinara, onde os havia, como se preparavam, de que modo se deviam tomar, a dieta que exigiam, o resguardo que requeriam, e mil outras miudezas com impertinência enfadonha, insaciável. E constantemente, invariàvelmente, terminava o seu fastidioso aranzel, pela mesma fórmula lastimosa, para a qual arranjava a sua voz mais dolente, dando-lhe o tom débil, expirante, daquela com que o moribundo conta ao médico as angústias da passada noite, que lhe será a derradeira.

— «Ai! nem me fale . . . Não possozinho ir longe . . . Esta lua a modo que tenho passado pior, parece que não chego à outra . . . Ai Jesus! Mãe Santíssima! Quase morri a noite passada, doía-me tudo — e apontava sucessivamente a cabeça, o peito, as pernas, o ventre — faltava-me o ar . . . Ai Meu Pai do Céu, valei-me a . . . a . . . a . . . ai!»

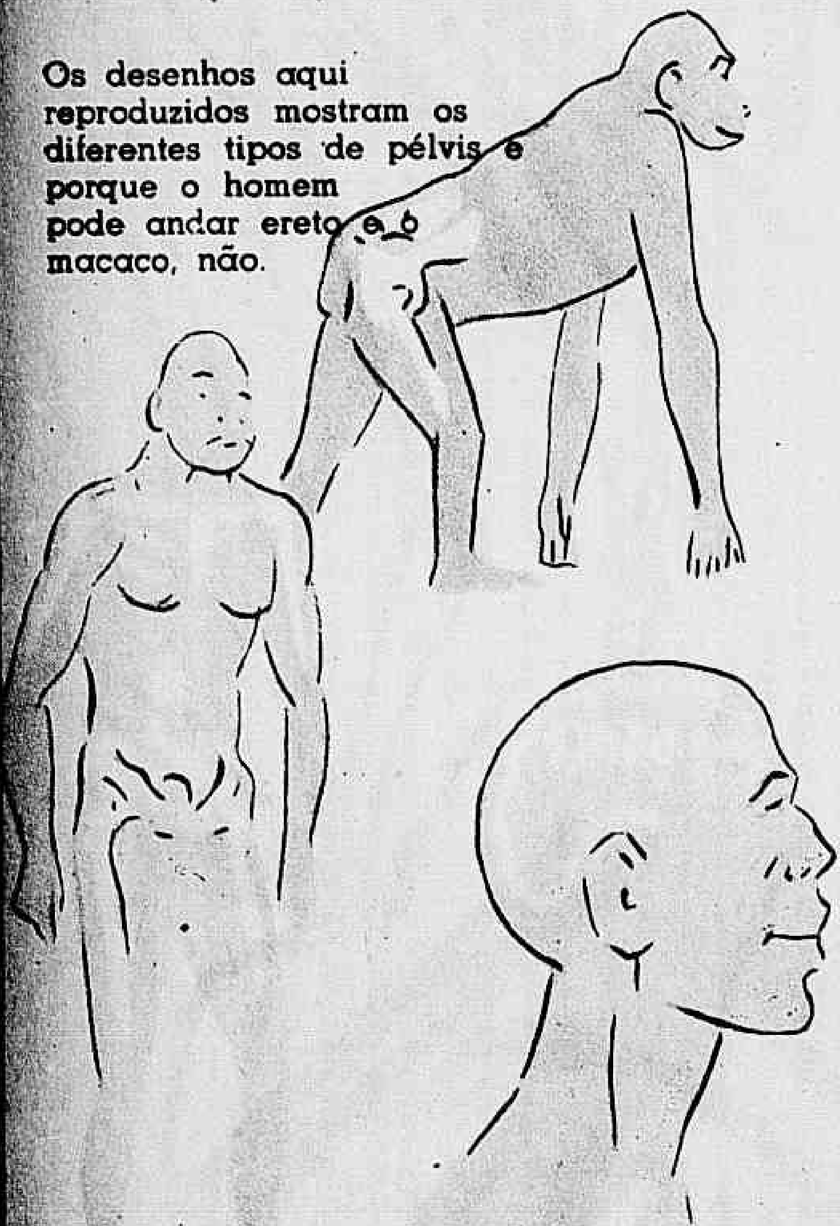
E, logo em cima do último e prolongado ai, gritava com a voz fina de coruja constipada:

— Benedita! . . .

A rapariguinha acudia correndo. Queria um remédio; dizia-lhe um nome indígena e recomendava-lhe, já de antemão irada, que olhasse, que não viesse frio nem quente, mornozinho. Agachando-se por debaixo da rêde, Benedita ia buscar uma das «chocolateiras» com a droga indicada. Se acontecia tocar-lhe na rêde ao passar, a velha soltava um grito agudo, como se a houvessem **(Cont. na pág. 42)**

Conto de JOSÉ VERÍSSIMO
Ilustração de J. RIBEIRO

Primeiras transformações



Os desenhos aqui reproduzidos mostram os diferentes tipos de pélvis e porque o homem pode andar ereto e o macaco, não.

Não teria existido o ma[...] d[...]

O HO[...]E
AD[...]

Mas c[...]ncia

Sábio[...]mos

Charl[...]n. e

saltos[...]cos. -

nova [...]oluti

Report[...] RUTH

PARECE que a ciência cometeu erros graves ao penetrar a história da origem do homem. Novos trabalhos experimentais feitos na Universidade de Chicago e novas descobertas fósseis mostraram que Darwin resvalou em um ponto importante ao supor que a evolução humana foi um processo longo e gradual. O dr. Sherwood L. Washburn, professor assistente de antropologia da Universidade, reuniu provas de que a evolução não se deu segundo a maneira imaginada pelo sábio inglês, chegando à conclusão de que a transformação do macaco em homem ocorreu em degraus e não em rampa. Segundo êsse mestre de antropolog[...] volveram os braços e os ombros; depois, as pernas[...] só depois que o cérebro atingiu a dimensão mode[...] 50 mil anos, foi que o homem-símio passou a ser[...] evolução antropológica do macaco ao homem até [...] menos uns dez milhões de anos, julga o dr. Washb[...]

Neste particular, ainda somos essencialmente sím[...] ferença técnica entre os ombros do homem moder[...] Se fôr levantada a objeção de que os braços dos m[...] clara o mesmo cientista que, do ponto de vista an[...] são também longos. Nesse particular há menos di[...] gorila, do que entre o gorila e o orangotango. Out[...] campo da descendência simiesca do homem se ve[...] o encontro de fósseis na África do Sul. O dout[...]

[...]ramen[...] [...]ltimo, [...]00 gr[...] [...]ue te[...] [...] que [...] [...]existe [...]o mac[...] [...]o ma[...] [...] braç[...] [...]ntre [...] [...]erta i[...] [...] ano [...] [...] Broo[...]

[...]eor[...]





Da es[...] crânic[...] e do [...] tinha [...] e o m[...] homen[...] de me[...]

ma de Darwin

EM TEM 50 MIL
DS DE IDADE

as ... ncia humana ainda não completou 50 mil anos. — ...rbio... mos passam a limpo a "Origem das Espécies", de ...arl... in, e provam que a evolução do homem se deu em ...ltos ... cos. — O nascimento da razão humana, segundo a ...va ... volutiva, coincide com a época do Gênesis bíblico...

...por... RUTH MOORE — (Exclusivo para a REVISTA DA SEMANA)

...polog... ramente se desen-
...rnas ... último, o cérebro. E
...oder... 00 gramas, há uns
... ser... que tempo levou a
... até ... que é hoje? Pelo
...shb...
... e sim... existe pequena di-
...oder... o macaco de hoje.
...os m... o mais longos, de-
... an... braços do homem
...os di... ntre o homem e o
... Ou... erta importante no
... e ve... ano passado, com
... dou... Broom, antropolo-

gista do Museu do Transvaal, um dos descobridores dêsses fósseis, informa que os homens-macacos andavam sôbre os membros traseiros, ereto, como o indivíduo humano. O dr. Washburn explica o salto, dizendo que isso se deu graças à grande transformação anatômica da pélvis e músculos o que lhes permitia andar como um ser humano. Isso se dera há um milhão de anos. Os símios bípedes da África do Sul foram o último elo que faltava para provar a evolução do macaco para o homem.

Estudos em caveiras de macacos de uma época calculada em 50 mil anos, mostram que os símios já haviam alcançado o pêso cerebral de 1.400 gramas, que é o do cérebro humano. Era o aparecimento do homem na Terra, vindo de uma evolução simiesca pela seleção natural, ou pela intervenção divina, segundo os grupos religiosos.

O êrro de Darwin está, pois, na evolução lenta, quando, em verdade, esta se deu através de saltos. O sábio inglês procurou explicar a transformação por teorias muito extensas através do tempo e com isso complicou muito o seu trabalho. A ciência moderna pelas suas pesquisas de laboratório mostra: a) — Muitas diferenças aparentes são apenas reflexos de uma transformação única; b) — A seleção natural pode ter sido muito rápida em alguns casos.

Depois de pesquisas e estudos exaustivos, os cientistas chegaram à conclusão de que a evolução pode ter andado depressa, completando-se a transformação do macaco em homem em menos de um milhão de anos. De acôrdo

(Cont. na pág. 48)

...CAÇ... eoria da evolução do homem

Da esquerda para a direita: crânio do homem-macaco, do homem de Pekin e do homem atual. O primeiro tinha cérebro de 500 gramas, o segundo, de 900 e o moderno, de 1.400, embora haja até homens sábios com cérebros de menos de 1.200.

HOMEM PRIMITIVO

HOMEM MODERNO





Para a formatura "dêle"

MESMO que você não se forme êste ano em nenhum curso, provàvelmente terá que ir, ao menos, a uma missa e a uma festa de colação de grau. Possìvelmente está pensando no vestido para essa ocasião — que requer uma toalete mais estudada. Se fôr escolhida para madrinha, então, nem se fala — o problema adquire um aspecto muito mais importante, já que você estará mais em evidência. Escolhemos, entre os últimos modelos apresentados pelos figurinistas franceses e norte-americanos, alguns bonitos, para ocasiões de cerimônio como as formaturas. Estão em moda os tecidos em sêda ou algodão ligeiramente armados, como cetins grossos, damascos, tafetás; tecidos vistosos e de aspecto luxuoso, na maioria das vêzes.

A fantasia nos decotes continua em franca progressão: recortes, bordados que os contornam, repuchados e pontas assimétricas. Ao lado dos modelôs mais simples, cuja elegância está no talhe perfeito, realçado, na maioria das vêzes, pela simplicidade do tecido, encontramos outros inteiramente bordados, com sutaches, miçangas e até mesmo pedrinhas de «strass». Enfim: a variedade é imensa, e entre os modelos que apresentamos algum haverá que agrade a seu gôsto e que você poderá perfeitamente executar, exatamente igual, ou com as modificações que sua fantasia exigir. — Flama.

1 HARMAY — *Em linho azul claro, com aplicações bordadas em ametista azul e cinza, em linho e miçangas, cinto em camurça cinza claro.*



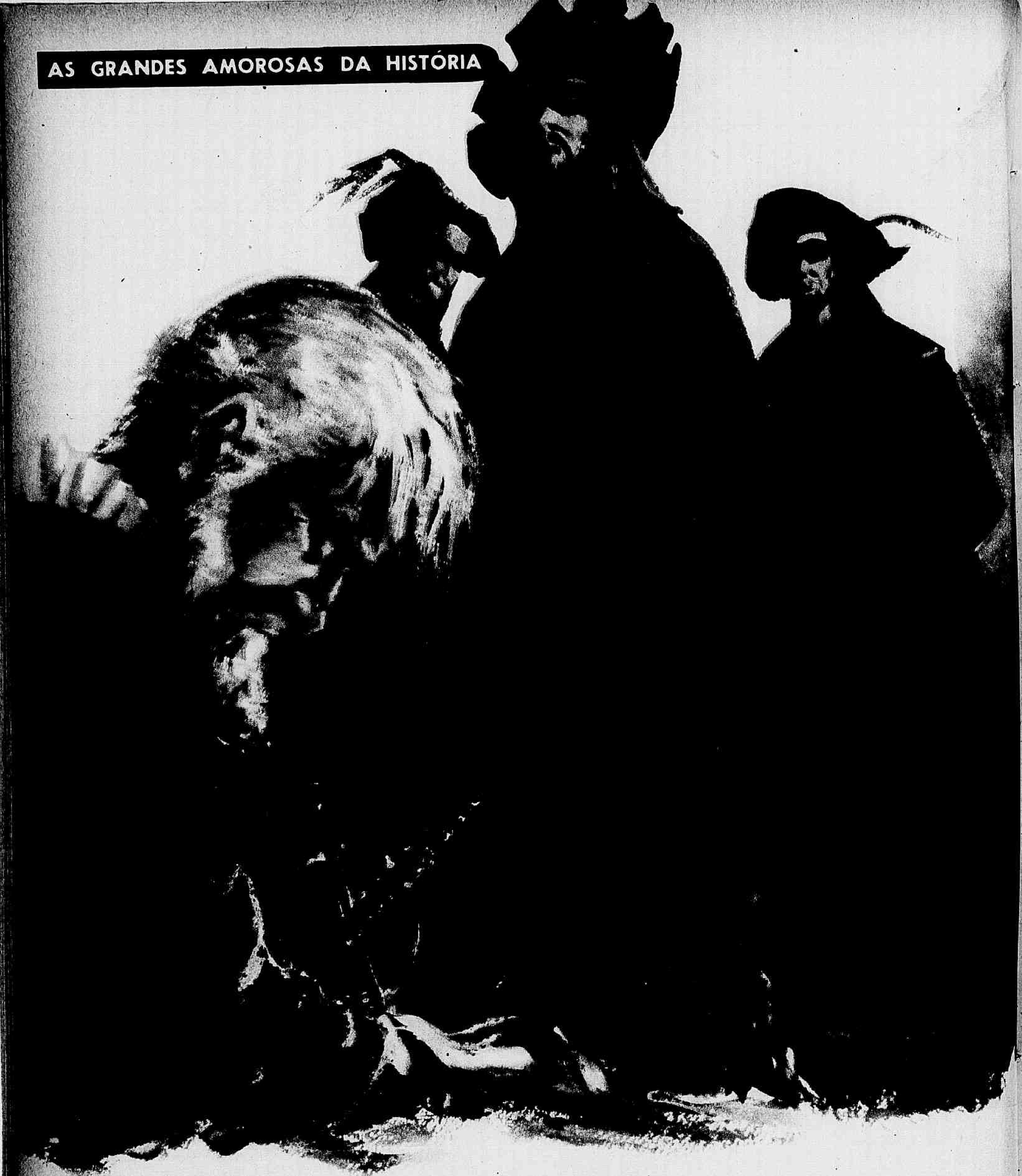
2 ORLDREC ROYCE — *"Soutache" verde muito claro borda, inteiramente, êste vestido em linho leve, entremeando-se com aplicações de renda.*

3 NEIMAN MARCUS — *Modêlo em "faille" e cetim cinza, de corte muito estudado. Deve ser usado sôbre anágua bem cintada e rodada.*

4 HARVEY BERIN — *Luxuoso modêlo em cetim vermelho Elizabetano. O decote é originalíssimo, cruzado na frente, e prolongando-se nas mangas três quartos, saia em panos.*







IMPÉRIA

Por OLGA BERARDI

Tradução de LIGIA JUNQUEIRA

CAPÍTULO II — Na florida estrada de louvores e aplausos, rica de amor, mas também de ódios e de intrigas, aconteceu-lhe um dia algo de muito grave. Há muito tempo que, a sua volta, havia disputas e duelos, intrigas e inimizades. Os amantes que ela afasta depois de algumas horas de prazer, aquêles que não quer aceitar, os familiares das mulheres por ela traídas e os homens que arruina com um sorriso, sem nem ao menos se dar conta, e continuando, ingênuamente, o seu caminho... aos poucos vão-lhe formando a fama de perversa que a fantasia popular aumenta e difunde. Um dia...

— Quem é aquêle belo jovem que me segue continuamente? — pergunta à sua camareira, Inezita, uma ótima espanhola que lhe é muito dedicada. — Olha, ainda está lá, sob o balcão da casa em frente...

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR

Na Roma pervertida por todos os vícios, do fim do século XV — época em que as cortesãs dominavam e reinavam sôbre tudo e sôbre todos — nasceu Lucrécia, que, distinguindo-se por suas qualidades físicas e intelectuais, sobrepujou muito cedo suas inúmeras rivais, na arte de conquistar e prender os homens...

— Aquêle? Oh! Eu sei quem é, senhora — responde prontamente Inezita. — É um gentil-homem de Veneza, e chama-se Jácomo Stella. Enamorou-se de vós, de longe, e sem conhecer-vos, veio a Roma só para vos ver. Declara a todo mundo que sois mil vêzes mais bela do que sonhava!

Impéria escuta embevecida essa história romântica: é tão jovem ainda! Jácomo Stella? Depois, sorri com súbita decisão:

— Mande-o subir.

— Não temeis que... — observa tímida a camareira.

— Temer, eu? Por quê? — responde ela, sentindo-se «Impéria» até a raiz dos cabelos louríssimos.

Inezita não responde, mas sabe tantas coisas! Sabe que, entre os inúmeros amantes de sua senhora existe um que é doido de ciúmes, que colocou espiões por tôda parte, que sabe muito bem não ser amado por Impéria, que o suporta apenas pelas suas riquezas. Alberto Beccuto é um senhor poderoso, mau e vingador. Por fôrça das circunstâncias tolera os amantes vários e ocasionais de Impéria, mas não admitiria que ela tivesse alguma relação amorosa continuada, e Inezita teme... Tão gentil é êsse jovem veneziano, tão belo e enamorado que, na certa, agradará a sua senhora... Como impedir que aconteça alguma desgraça? Sua senhora certamente se riria de seu mêdo, com tôda certeza riria até no rosto de Beccuto, o que pioraria a situação. Por isso, Inezita se cala, quando, como havia previsto, nasce uma suavíssima relação amorosa entre Jácomo Stella e Impéria, que não se preocupa em esconder êsse seu capricho, nem mesmo quando as ameaças de Beccuto chegam ao máximo..: Impéria, talvez pela primeira vez, sente-se feliz e sorridente. O jovem, por sua vez, embriagado pelo seu amor, não dá ouvidos aos pedidos da família alarmada, não se preocupa com os perigos dos quais se aproxima, e que sente no ar a sua volta. Que lhe importa? Impéria é sua. Viu-a pálida e desfigurada, uma vez, quando chegou em casa com o gibão retalhado pelo punhal vibrado a traição. Felizmente a ponta da arma encontrara um medalhão de ouro com o retrato de Impéria, que êle traz sempre sôbre o coração e onde ela escrevera com a ponta de um alfinete: «...lembra-te de que o amor é tudo...» No entanto, a própria Impéria, com o pressentimento de uma desgraça, começa a temer, enquanto o jovem, como se o excitasse o perigo de morte, ama-a, como se cada hora devesse ser a última, com paixão exasperada; como se soubesse que teria que pagar a preço de sangue os beijos que lhe dá sua belíssima amante! Tanto a ama que chega a formar o projeto de desposá-la. Tem uma propriedade em Veneza, que lhe deixaram os avós, da qual pode dispor sem o contrôle e consentimento dos pais, e, além disso, planeja trabalhar. Tem vinte e dois anos, a idade de tôdas as generosidades e insensatezes. Não reflete que Impéria está habituada a uma vida de luxo real; que a pobreza, conquanto relativa, haveria de cansá-la; que tem um passado difícil de ser apagado... Êle a ama e crê cegamente na sua vontade e na sua coragem. Talvez tenha razão. Talvez a cortesã soubesse, ainda, encontrar em seu coração a fôrça de ser uma boa espôsa, uma espôsa fiel. O destino, porém, já traçou para ela uma outra estrada, muito mais triste, ainda que, aparentemente, mais brilhante. E a pequena casa, na luz dourada da Laguna, modesta, sonhada num encantamento de amor correspondido, nunca a verá caminhar entre suas paredes, longe das pompas de Roma... Beccuto não desiste: é velho, feio e sabe que Impéria não o ama. Tem, pois, três motivos que o impedem de perdoar; a tragédia que a pequena Inezita pressentiu já está para desabar. Numa madrugada pálida, Stella é assassinado, e o seu cadáver ensangüentado jogado defronte à casa de Impéria. Lógico seria que a justiça imediatamente prendesse Beccuto que, evidentemente, é o mandante do homicida. Mas, a justiça não se mexe para ir contra os poderosos! Está-se no tempo em que um barqueiro do Tibre, que uma noite viu jogarem um cadáver no rio, respondeu, ao lhe perguntarem por que não denunciou o delito:

— Vejo jogarem tantos, que se tivesse que denunciar a todos não teria tempo de remar!

Conquanto sejam freqüentes e comuns os assassinatos, desta vez o povo se revolta, mas não contra o mandatário. Na fantasia popular, é Impéria a responsável pelas inimizades de homem contra homem. Ela é a criatura demoníaca, a mulher de perdição. Tôda Roma está em alvorôço e se não chega a gritar «para a fôrca, a feiticeira!», pede que, ao menos, seja aprisionada. Na prisão? Ela a fina senhora, adulada e bajulada, que se prepara para ser a rainha da cidade? Não é possível! Realmente... o governador da cidade, tomando conhecimento da petição popular, que é redigida com raiva e furor, dirige-se com um grande séquito armado para prendê-la e levá-la à prisão. O povo aplaude, ainda que seja evidente que, para uma prisioneira não é necessário uma côrte tão grande e brilhante, pois o hábito é fazer caminhar os presos a pé, entre dois soldados. O galante governador em vez de prender a criminosa em uma cela escura, oferece-lhe um apartamento em sua casa, concede-lhe a premissão de levar também Inezita, e mantém-na como hóspede por muitas semanas.

O povo, porém, logo se esquece, e ela, passado o perigo, volta a sua casa. O governador procede como um cavalheiro e grã-senhor, e não procura nem mesmo se aproveitar de Impéria, depois de ter-lhe prestado tão grande serviço. Beija-lhe sòmente as mãos, ao vê-la tão pálida e melancólica.

Nas duas semanas de segregação na casa do governador, Impéria chorou lágrimas muito amargas, pelo jovem Jácomo, que ela amou sincera e profundamente, e do qual não pudera colher nos lábios o último beijo. Foram lágrimas de desolada comoção, pelo amor ingênuo do homem simples que a queria como espôsa, rainha de seu lar. Muitas riquezas, muitas jóias, muito ouro lhe deram os seus amantes... mas sempre como cortesã. O homem que quis fazê-la sua, diante de Deus e diante dos homens, ela não o verá nunca mais.

Volta para sua casa, onde o eco da voz querida de Jácomo ainda não se extinguiu. O coração lhe dói. O amor se encontrou com a morte. Triste e sutil estremecimento de presságio!

★

Cada dia Impéria se torna mais famosa. Durante muitos meses, nas côrtes de tôda Europa, só se fala dela. Na França aparece nas gazetas, que contam, a seu modo, o trágico acontecimento. Todos os estrangeiros que chegam a Roma querem conhecê-la. Ela é o ornamento de tôdas as festas. A que escola melhor do que a sua podem ser mandados os jovens patrícios para aprender a ter maneiras finas?

A meretriz de Burgo Novo, que agora mudou de casa, habita um palácio numa rua famosa, chamada o Canal da Ponte — o centro dos forasteiros, sempre repleta de peregrinos, monjes e aventureiros. Todos os bancos de Roma estão, também, nessa rua. Ela mantém uma côrte estranha: destaca-se pela sua cultura de latinista elegante o cardeal Bembo; o cardeal Sadoleto, teólogo e filósofo que um dia a glorificará em suas obras; o cardeal João de Médicis, com todo seu esplendor, o futuro papa Leão X; e, ainda, Juliano, o duque de Nemours, e os dois filhos de Lourenço, o Magnífico.

No entanto, de vez em quando, com seus trajes mais simples, a pé, sem pó sôbre o rosto, e sem perfumes e jóias vistosas, Impéria sai, sem côrte, e toma a estrada que vai para o convento de Santa Maria. Como uma jovenzinha qualquer beija as mãos da superiora e recomenda-lhe sua filhinha, com a qual passa longas horas num parlatório severo e triste. Depois entra na capela, e reza para a pequena Lucrécia, que conservaria a seu lado se tivesse uma outra vida. Talvez que, nesses momentos em que a orgulhosa e ambiciosa Impéria se prosta diante de Deus humildemente, a pedir-lhe que lhe abençoe a filha, um anjo sorria e murmure «assim seja» — porque a pequena Lucrécia, que é uma das alunas mais inteligentes das irmãs do Campo de Marte, terá um destino virtuoso. Ela se casará, virgem e pura, com Arcângelo Colonna, operário de Siena, e viverá sempre como espôsa dedicada. Quando dela se enamorar o cardeal Petrucci, tirano governador da cidade — que há de tentar por todos os modos seduzi-la —, saberá encontrar a fôrça de resistir-lhe em sua honestidade. Enfrentará a morte, mas não a desonra.

Sabem as boas irmãs que educam sua filhinha, que ela é a mulher da qual fala tôda Roma? Talvez sim, mas isso não importa e não a julgam. Podem, apenas, rezar pela senhora que, ao sair do convento, volta a ser aquela, cuja vida é relatada pelos próprios embaixadores a seus governos, a cortesã a quem se pede audiência como aos príncipes, e aos quais, às vêzes, ela faz esperar dois meses êsse favor!

E a pequenina Lucrécia, de rosto pálido, sob o tremular das velas de cêra, agradece a Deus por ter-lhe dado uma mãezinha tão bela... e tão boa!

★

O poder, o fascínio e a sedução de Impéria aumentam cada dia. Lança a moda de aparecer em público levando na mão uma flor de ouro incrustada de pedras preciosas, uma jóia maravilhosa feita por admirável joalheiro. Um dia, deslumbra tôda Roma com um toucado constelado «de seiscentos e nove botões de ouro» e um outro com um cordão negro, através cujas malhas brilha o ouro de seus cabelos e onde estão prêsas «trezentas e cinqüenta e quatro pedras preciosas».

Quando Isabella D'Este lança na Itália a moda das carruagens, a primeira em Roma é de Impéria, com cavalos magníficos. Em vão as leis contra o luxo, promulgadas em Roma, imitando o que se fazia em Florença, tentam reduzir o comprimento da cauda de seus vestidos — continuam longuíssimas e suntuosas.

«Ela se veste como uma duquesa e comanda como uma rainha» — escreve um jornalista da época. De sua casa, faz uma descrição precisa: «...era arrumada de modo que, qualquer estrangeiro que lá entrava, vendo o aparato e a ordem dos servidores, acreditava ser a morada de uma princesa. Havia, entre outras coisas, uma sala, uma antecâmara e uma pequenina saleta, tão pomposamente adornados, que só se viam veludos, brocados e tapêtes finíssimos. Na saleta onde se recostava, quando visitada por algum alto personagem, havia paramentos tecidos em ouro, que recobriam as paredes, tecidos com lavores belos e delicados. Havia, também, um nicho todo forrado de azul e ouro maciço, trabalho de mestre, onde se alinhavam vasos valiosíssimos, em pedra alabastrina, porfírio, topázio e mil outras matérias de valor. Viam-se cofres ricamente entalhados, todos de grande preço. No meio, uma mesinha, a mais bela do mundo, recoberta de veludo verde, onde se apoiava um alaúde, cítaras e outros instrumentos...»

Um fidalgo meio rude, embaixador da Espanha em Roma, tendo sido recebido por Impéria, maravilhado com a perfeição e a magnificência de tudo que via, cuspiu no rosto de um valete, desculpando-se: — «Perdoa-me, mas é êsse o único recanto que não é magnífico!»

A anedota correu as côrtes européias. E, assim, na Roma de Júlio II, luxuosa quase tanto como a dos Bórgias, e certamente mais esplendorosa e menos corrompida, Impéria se torna o sol. Parece que ninguém pode atingir o seu esplendor... no entanto, um dia...

(Continua no próximo número)

OS CONDÔMINOS DA LITERATURA

Vindo do norte ou do sul, o literato provinciano, ávido de glória, fatalmente ancorará o seu impaciente barco num daqueles portos seguros do mundo das letras ★ E no sistema planetário da literatura, "velhos" e "novos" gravitam em tôrno de uns tantos sóis que são donos dos suplementos, dos jornais especializados e íntimos de todos os figurões, autênticos ou falsos.

Reportagem de PAULO CARVALHO

NA antiguidade, a literatura pertencia a reis. Êstes protegiam ou perseguiam os e critores, agraciavam-lhes com pensões ou abc reciam-nos com o exílio. Os reis eram os s nhores absolutos dos homens de espírito. M cenas era rico mas de nada lhe valeria a f tuna se não lhe valesse antes a amizade Augusto.

Mais tarde, nos períodos de ouro da literat ra européia, nos séculos XVI, XVII, XVIII, grandes autores deixaram ao lado de su obras-primas uma coleção de prefácios e dedicatórias de sua bajulação que impress nam pelo descaramento e pelo estilo. Reis mo Luís XIV, Filipe IV, d. Manuel I, Elizab I, ou um papa como Leão X, leram sôbre su pessoas os puxassaquismos mais bem escri de tôda a história da humanidade. Em nos época burguesa, o domínio da literatura d persou-se pelos donos de editôras, por pesso do govêrno, pelos ricaços que gostam de campar talentos, pelos diretores de jornais enfim, pelos próprios literatos mais renoma ou mais espertos.

Em nosso país, é isso mesmo que aí dis mos mas sem brilho. Além disso, muitas vê entre nós aparecem certos condôminos da teratura de todo inexplicáveis. O mais inter sante dos condôminos é que êles se entend São êles que põem a funcionar o que se c ma vida literária: em troca, exigem elogios, peito, retratos nos jornais. Ou pelo menos satisfazem com o prazer do mando que nã o mais desenxabido de todos os prazeres.



AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

Influência limitada mas muito segura nos salões do Jockey Club. Irrefreável tendência de proteger o literato pálido, que não diz a que veio, e o poeta que o imita servilmente. Ultimamente, com seu hábito de salvar o Brasil, encampa também rapazolas que leram Ortega y Gasset e acreditam nas elites com uma candura que o sr. Plínio Salgado parece que já não tem.



TRISTÃO DE ATAÍDE

Para entrar no céu é preciso passar pela porta estreita mas o católico para entrar na literatura precisa passar pelo Centro Dom Vital, onde Alceu Amoroso Lima dá as ordens. Homem honesto, culto mais complacente, às vêzes mesmo de mau gôsto, é o responsável por uma legião de subliteratos místicos. Até sacerdotes costumam lhe pedir um «imprimatur» literário. Sua desilução: Álvaro Lins que se «desconverteu» depois de exaltado por êle. ▶

JOSÉ OLÍMPIO

Amável e insinuante, tem a grande maioria dos literatos brasileiros, renomados e anônimos, prêsa pela perna. Com o fracasso das outras editôras brasileiras, com raras exceções, tornou-se um «papão» das letras, respeitado e bajulado. Diz-se uma vítima de seu amor pela literatura mas vive bem e gordo. Tem publicado muita droga mas, não se sabe por que, o nome de sua editôra continua sendo considerado um sinete certo de talento.

JOSÉ CONDÉ

Os dois irmãos Condé, como os três mosqueteiros, que eram quatro, são três bons sujeitos. São verdadeiros especialistas — José e João — de suplemento. O literato que aqui chega afoito está bem lançado nas letras se conta com a simpatia dos Condé: uma notinha aqui, um adjetivo ali, um retratinho acolá, e se abrem para o rapaz as portas da... glória. Da glória, sim, porque o rapaz não ambiciona mais do que uma notinha, um adjetivo, um retratinho.

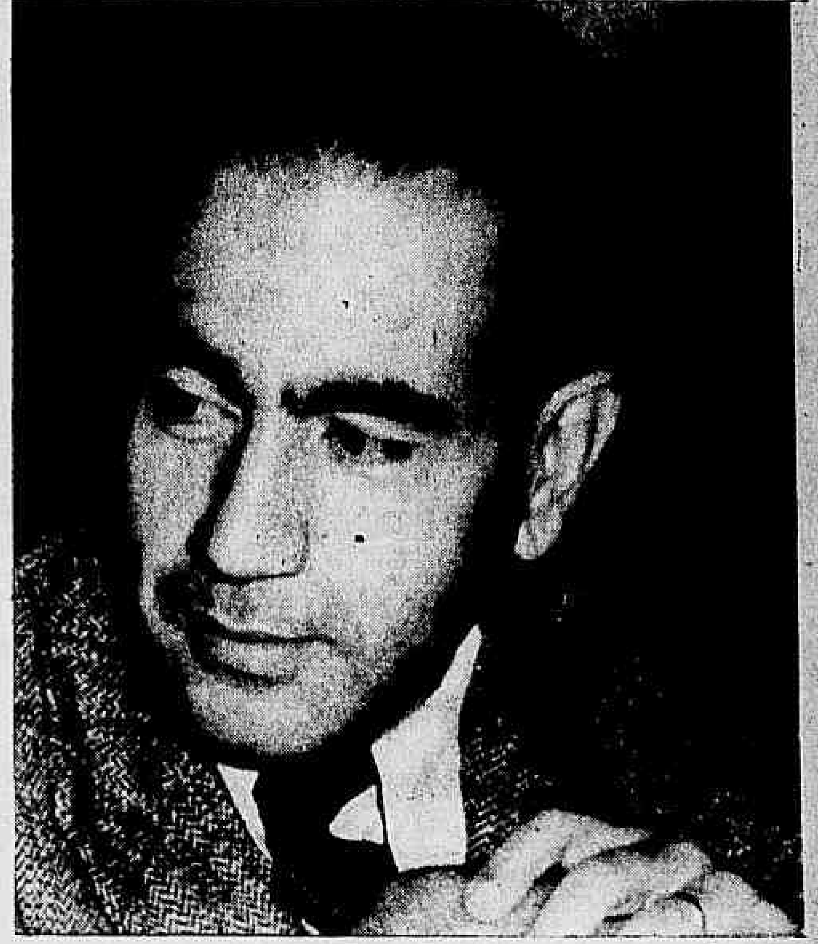
SÉRGIO MILLIET

Com a morte de Mário de Andrade e com o partidarismo violento de Oswald de Andrade, sagrou-se imperador da literatura paulista. E não é só da literatura como das artes plásticas. Seu poder, reconhecido por Cicillo Mattarazzo, é absoluto na paulicéia. Quem ajuda os novos? Sérgio Milliet. Quem dá os prêmios? Sérgio Milliet. Quem arranja bôlsas de estudo? Sérgio Milliet, Milliet.









GILBERTO FREYRE

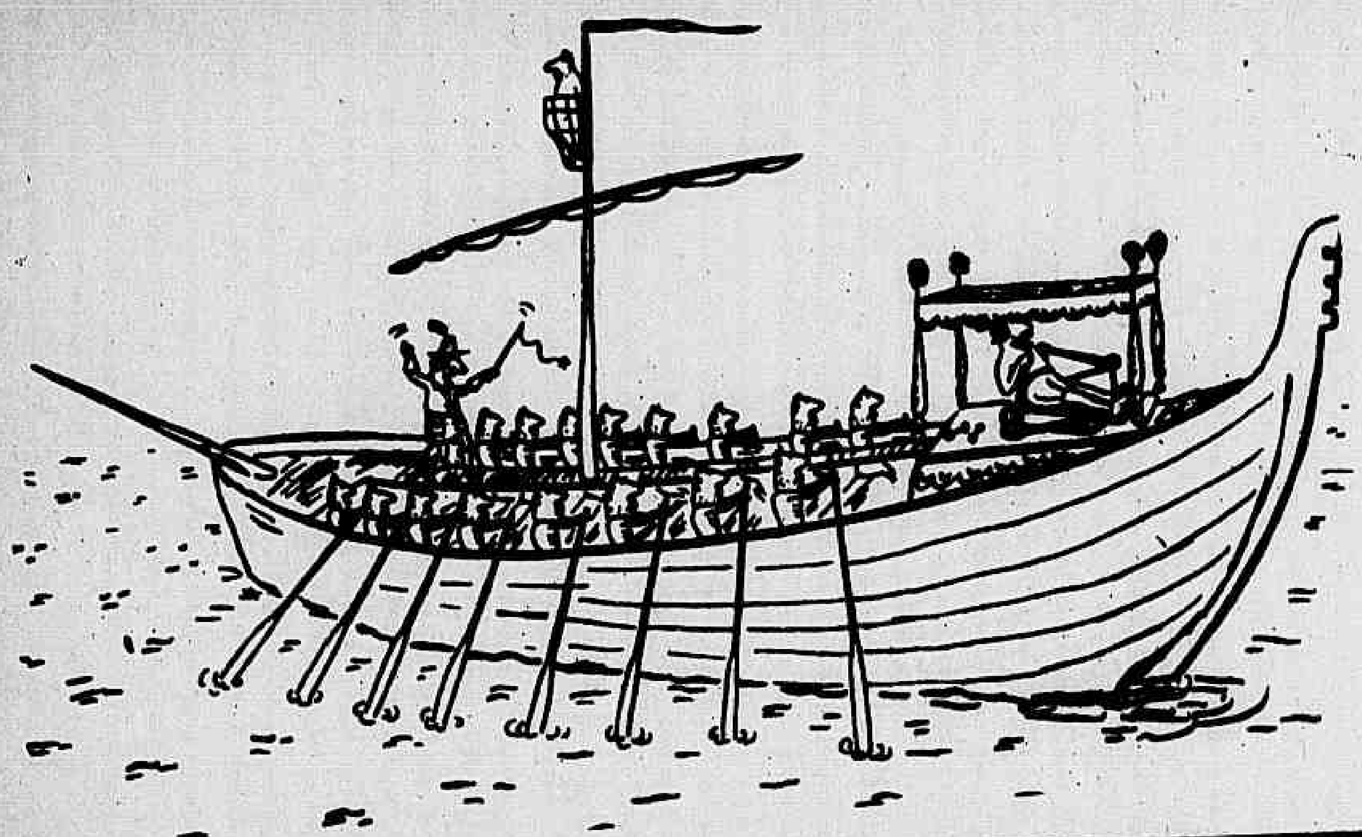
Um dos «tubarões» da literatura. Os jovens o assediam meses a fio na certeza de que um prefácio, uma carta, um elogio do mestre, pode promovê-los a gênios de uma ora para a outra. O autor de «Casa Grande & Senzala» dá às vêzes a impressão de que acredita realmente no seu poder literário, às vêzes mostra claramente que se diverte à custa de ingênuos.

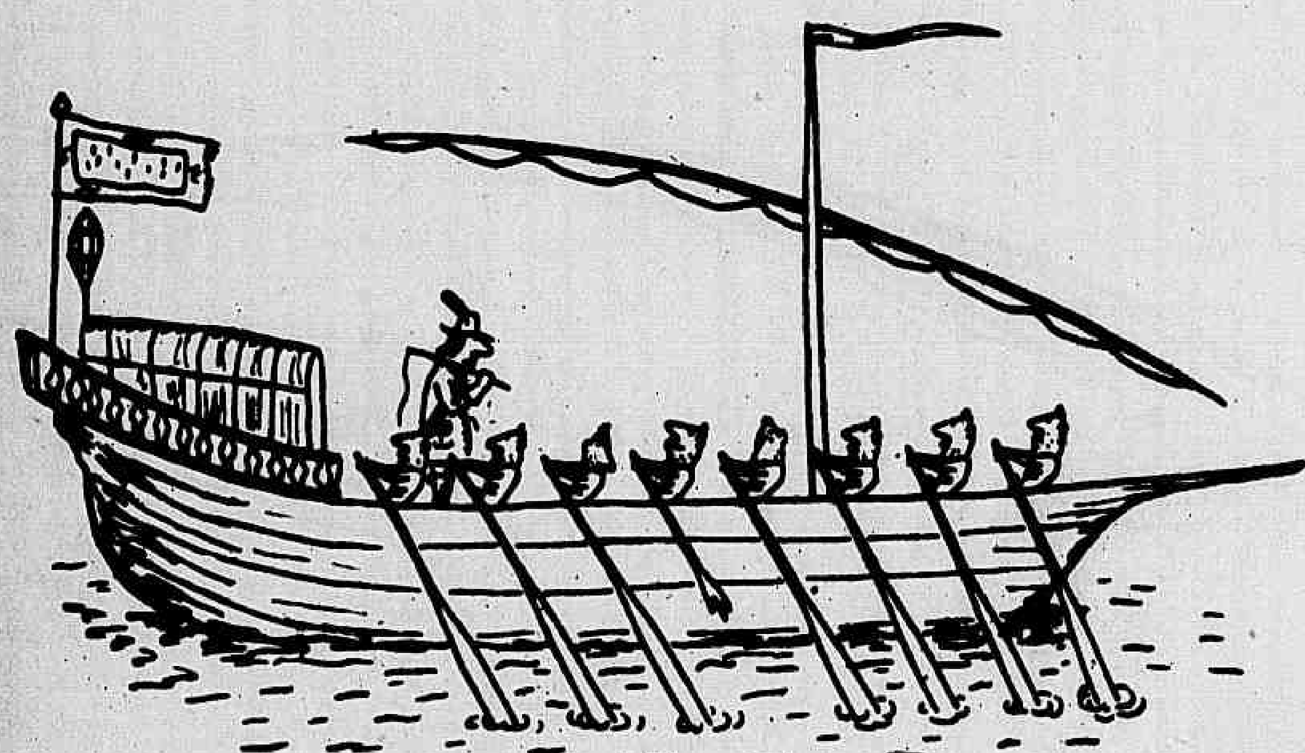
PEREGRINO JÚNIOR

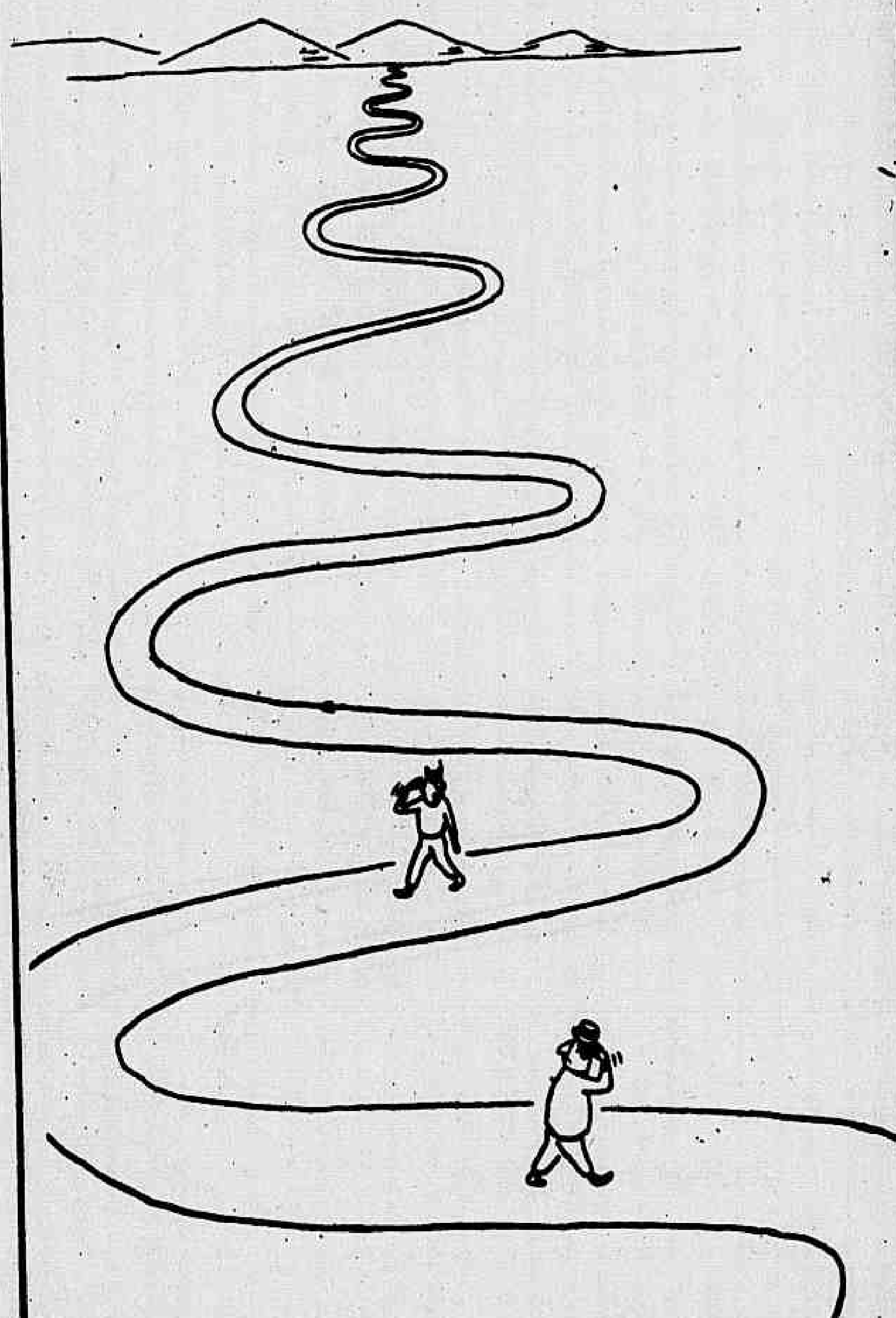
A Academia Brasileira de Letras tem 40 condôminos. Alguns, apolíticos, postos em sossêgo; outros, participantes, dos quais dependem diretamente a imortalidade, como Osvaldo Orico, Pedro Calmon, Gustavo Barroso, Múcio Leão, Olegário Mariano, etc. Entre êstes donos da Academia, um dos mais ativos é o médico e publicista Peregrino Júnior. Dêle dependem os escritores que esperam uma vaga na casa que foi de Machado de Assis.

ÉRICO VERISSIMO

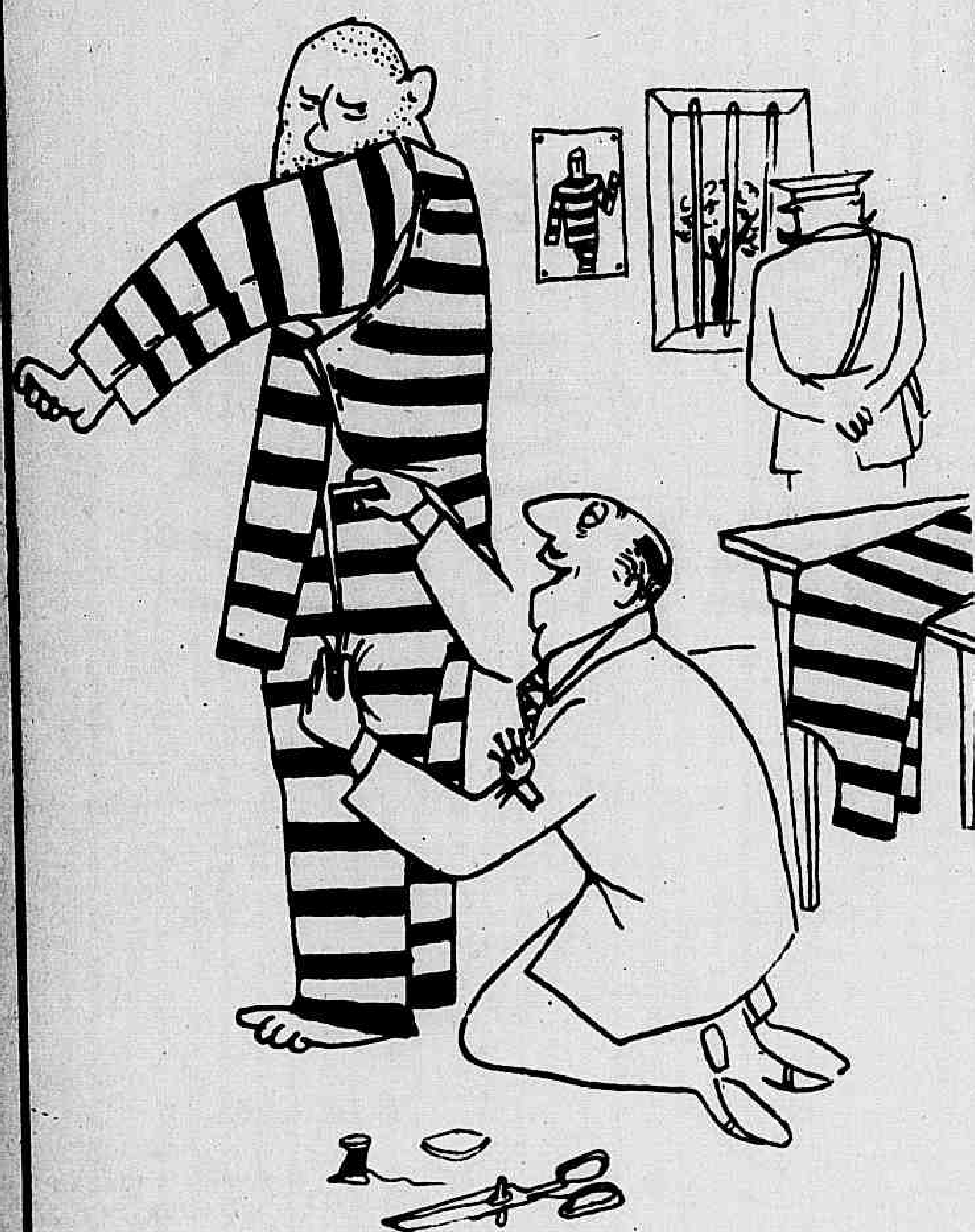
O «papa» do Sul, sócio financeiro e ditador literário da Editôra Globo. Era pobre, fêz-se rico com os seus romances. Era desconhecido e foi traduzido em várias línguas. Guarda um grande ressentimento dos literatos do norte, que o acham superficial e inexato. Recebe de volta êsse ressentimento na inveja que desperta, aos literatos do norte, seu dinheiro e sua popularidade.







O RISO DOS OUTROS

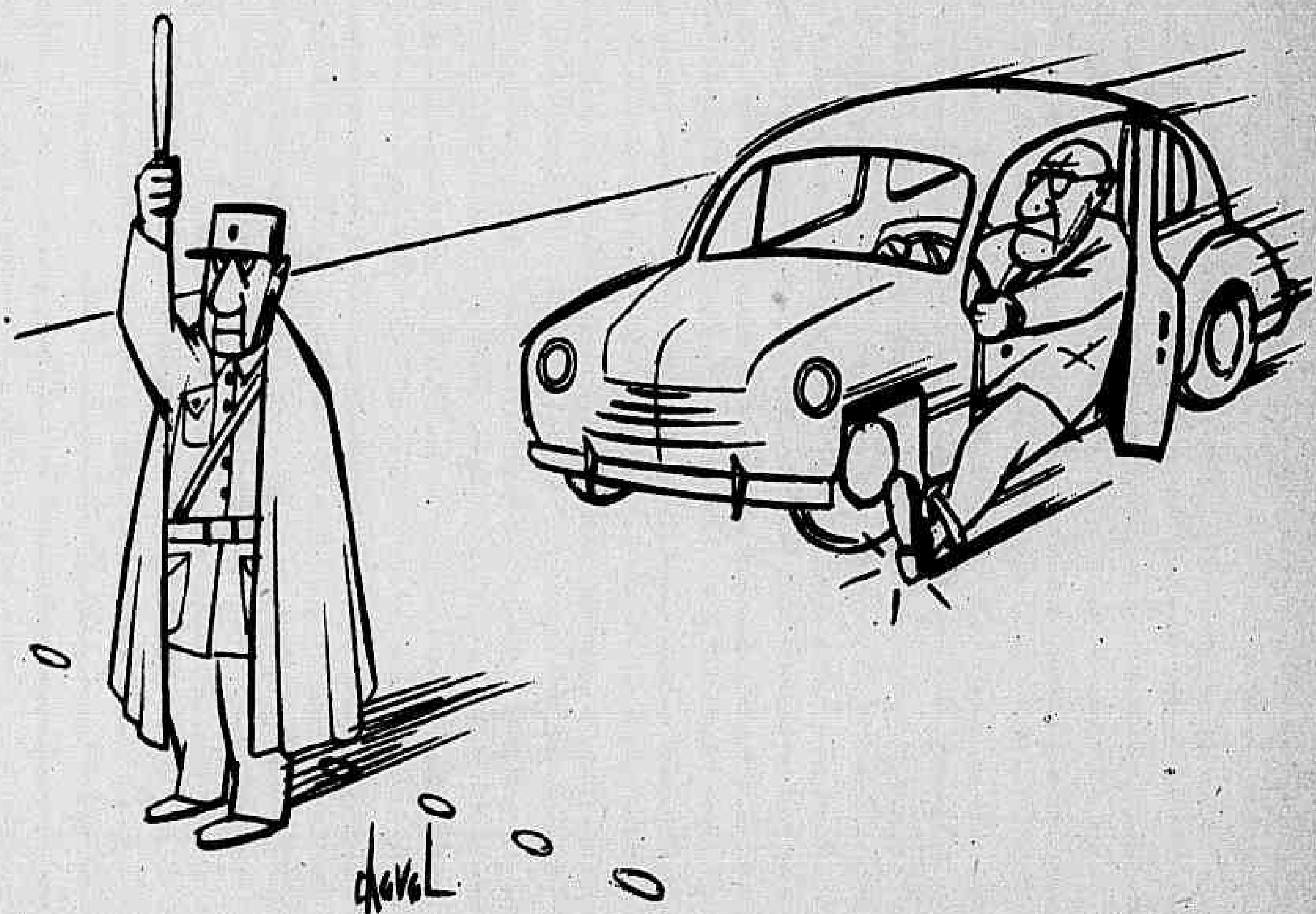


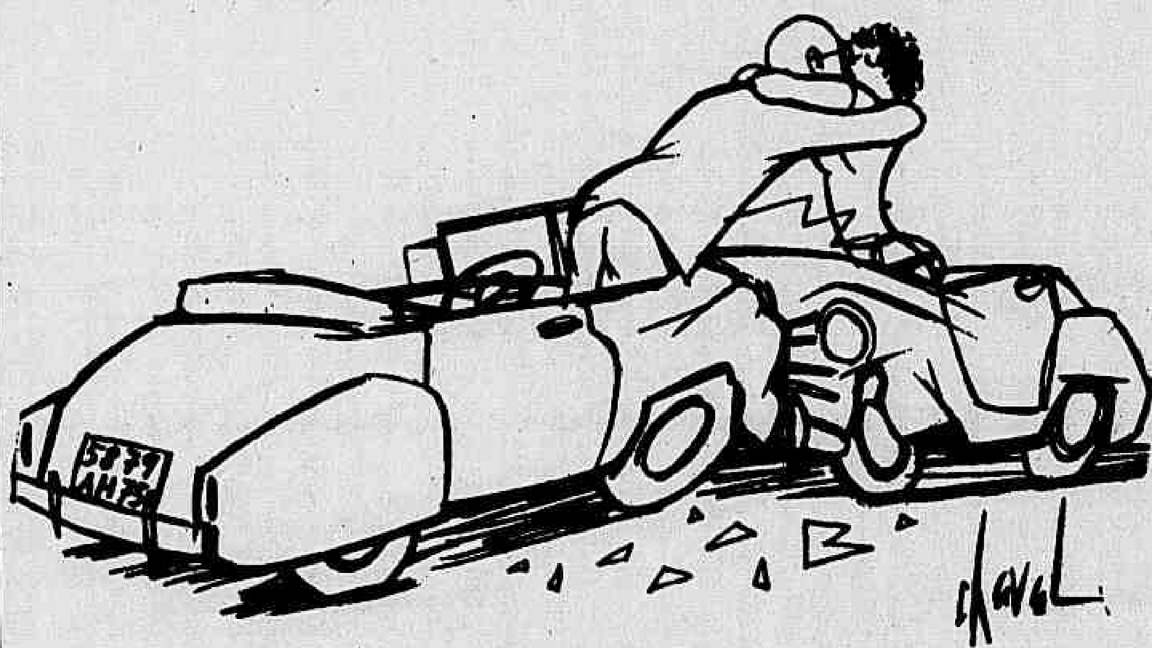
— Quer bôlso para revólver?...

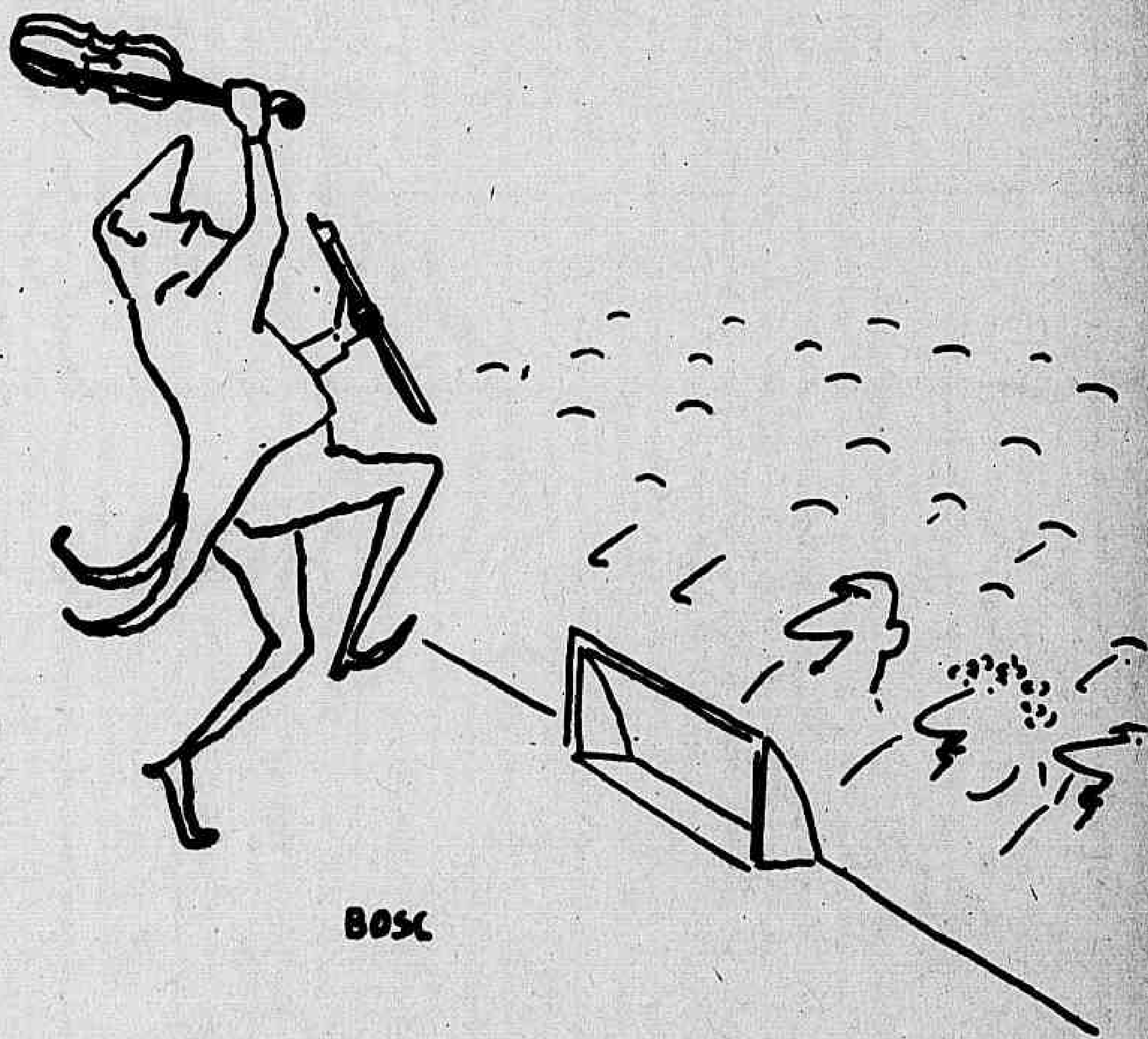




— Apresento-lhe, caro amigo, o Diretor do Serviço Nocional de Meteorologia.











A inimiga número um do câncer


Margaret Tod

"A luta contra o câncer tem que ser vencida no primeiro "round". Para isso é preciso usar armas bem agressivas, como diante de um inimigo temível. Margaret Tod

VEJAMOS como aconselha a grande cientista Margaret Tod, que se lute contra uma das mais terríveis moléstias de nossa civilização: «O câncer aparece de forma completamente local. No princípio é uma espécie de úlcera ou tumor sôbre a pele ou sôbre os tecidos superficiais dos órgãos internos. Quando descoberto nessa primeira fase pode ser extirpado pela cirurgia, de forma a não mais se propagar.»: Êste é o primeiro «round» em que deve ser vencido o câncer. Se deixarmos passar essa oportunidade... a ciência está procurando — e possìvelmente já tenha encontrado — a forma de poder vencer, ainda, a terrível moléstia.

★ A LUTA DE UMA MULHER CIENTISTA

A batalha que está sendo travada pela brilhante cientista britânica é árdua. Depois das moléstias do coração, é o câncer aquela que produz mais mortes. Os governos de todos os países empregam muitos milhares em congressos científicos, em laboratórios de investigações, para que se obtenha um processo de cura do câncer. Além disso, permanentemente são feitas campanhas de esclarecimentos pela imprensa, para habituar o público a se fazer examinar, a fim de que possam ser curadas as manifestações do câncer em sua primeira etapa, isto é, quando ainda ao alcance da cirurgia. Os tumores cancerosos, localizados na pele ou no peito, são fáceis de serem localizados, o mesmo não se dá com aquêles que se formaram nos órgãos internos, que sòmente uma investigação radiológica poderá descobrir.

★ QUEM É MARGARET TOD?

Margaret Tod pertence, justamente, à essa equipe de cientistas que — no mundo todo — àrduamente luta contra o câncer. Ela é subdiretora do Holt Radium Institute, de Manchester — na Inglaterra — uma das instituições que com mais denodo se dedica à terrível batalha. Além disso, essa mulher, cuja formação científica foi realizada em Paris, no Instituto Marie Curie, tem uma verdadeira vocação para a luta que empreende. Dotada de tremenda capacidade de trabalho, assombra pela forma verdadeiro apostolado social que dá a suas atividades. A história de sua formação profissional é comovedora. Durante a primeira guerra mundial foi enfermeira num hospital de Edinburgo, e causaram-lhe tanta impressão os sofrimentos de muitas mulheres atacadas de câncer que resolveu ir para Londres estudar medicina. O afinco com que se dedicou à carreira que escolheu o demonstram os vários diplomas e títulos que conseguiu, que não servem apenas para decorar o seu cartão de visitas. Aqui no Brasil quando da reunião da Sociedade Brasileira de Radiologia, alguns anos atrás, distinguiu-se ela pelo seu brilhantismo.

★ PORQUE PARECE QUE AUMENTA O CÂNCER NO MUNDO

«Diz-se que o câncer muito aumenta no mundo — afirma Margaret Tod à repórter que a entrevistou — no entanto, a verdade é bem outra: que acontece é que agora é descoberto com muito mais facilidade, pois que são realizados mais exames para isso, em quase todos os países civilizados. A ofensiva da ciência estendeu-se a muitos lugares onde, até então, não havia serviços médicos e sanitários adequados.

«Êsse, precisamente, é um passo à frente dado pela ciência, para poder determinar com exatidão e tempo a existência do câncer. As infecções cancerosas na bôca, na língua, nos seios, no útero e na pele são perfeitamente curáveis e, em nosso hospital de Manchester, curamos também o câncer da bexiga.

«O resultado da cura do câncer, quando na primeira etapa, é magnífico: 70%; na segunda etapa nos damos por satisfeitos quando conseguimos curar 20%.»

★ UMA ESPERANÇA DE CURA TOTAL

Agora que a cura do câncer está outra vez no noticiário dos jornais e que alguns cientistas crêem ter achado o caminho para a cura total, é interessante lembrarmos o trabalho de Margaret Tod, que dedicou toda sua vida ao estudo da terrível moléstia. Será sempre lembrada como uma lutadora da ciência, e seu nome estará, na posteridade, ao lado de Marie Curie — que ela sempre admirou. — L. J.



Sugestão para o lar

● Duas cadeiras e uma mesa é a solução, muitas vêzes, para um recanto de sala de estar. A idéia não é má, ao contrário, resulta num local apropriado para a conversa em «tête a tête». Necessário, será, no entanto, que as cadeiras sejam confortáveis e a mesa de estilo elegante. Havendo abajur sôbre esta última, para a leitura, deve êle estar colocado a uma boa altura, de maneira que o cone de luz incida, diretamente, sôbre o livro ou revista, na mão de quem está sentado.

A sugestão, nesse gênero, foi apresentada hoje por Lord and Taylor, numa exposição de mobiliário para salas de estar. As duas poltronas iguais foram vestidas em chantilité, meio mescla, cinza e verde. O xadrezado se repete, também, no tapête, porém de forma mais rústica. Os pés das poltronas são em sucupira encerada. Quanto à mesinha, é extremamente graciosa, em sucupira, com pés torneados. Sua forma triangular é ótimo arranjo para a colocação das duas poltronas, ligeiramente inclinadas. Nas faces anteriores tem um dispositivo (uma espécie de envelope aberto de madeira) para a colocação de revistas e jornais. Observem a forma como foi tratado o tampo, feito com uma placa muito fina de sucupira. Sôbre ela há um abajur com pé de cerâmica, e quebraluz em tecido de côr inteiramente plissado. — NIKE.

Um pouco de beleza

PELE DESCASCADA

★ O melhor sistema para evitar que sua pele fique descascando depois dos primeiros banhos de sol é expô-la a seus raios gradativamente; no primeiro dia 10 minutos, no segundo 15, e assim por diante, aumentando até um máximo de hora e meia. Um outro bom sistema é, antes de iniciar os banhos de mar, tomar algumas aplicações de luz sôbre o corpo.

MEDIDAS PERFEITAS

★ Não passe a vida se preocupando em chegar a ter medidas perfeitas. Na realidade, as medidas perfeitas só existem no tipo de mulher imaginado como «manequim ideal». Cada corpo tem sua graça e suas proporções harmoniosas, inteiramente pessoais, e as medidas que ficam bem em umas já não o ficam em outras. O que é necessário é saber qual o pêso adequado a seu tamanho e sua idade, e, se não o tiver, pedir a um bom médico que lhe indique um regime sério para emagrecer ou engordar, conforme fôr o caso.



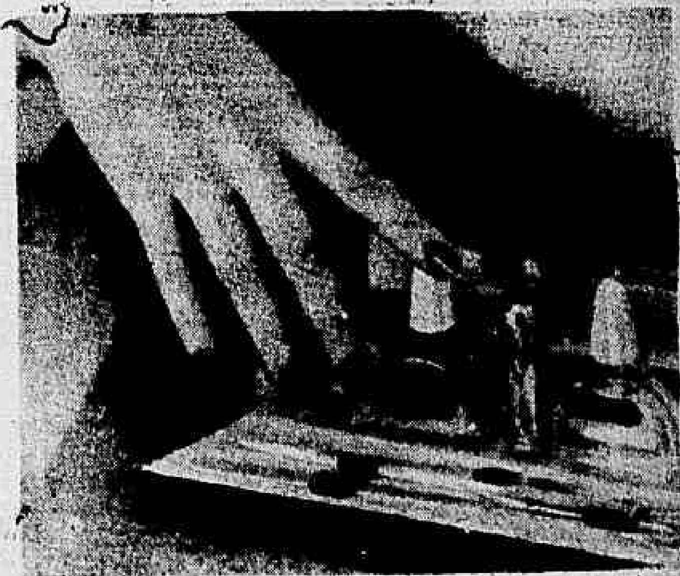
como refrescar a pele no verão

● *Um dos problemas, que nos surge com o verão; é o de como manter sempre a pele limpa e perfumada, mesmo nos dias em que a transpiração nos atormenta, cansando-nos e desanimando-nos. Essa impressão de ter sido "vencida" pelo verão é uma das ameaças mais sérias ao encanto e feminilidade, e as mulheres verdadeiramente inteligentes sabem se defender, e até mesmo aparentar não sentir o calor.*

● *Um dos primeiros conselhos é renovar a maquilagem muitas vêzes por dia, evitando que fique decomposto, e que sua fisionomia tenha o tão desagradável aspeto "engordurado". Se não tiver tempo para renovar inteiramente a maquilagem, faça isso: embeba um chumaço de algodão ou de papel absorvente em água de colônia e coloque-o, delicadamente, sôbre a face. O preparado contribuirá para que o algodão ou papel absorva o excesso de gordura, tornando a pele mais fresca e renovada.*

Se o nariz está sempre brilhando, use uma loção apropriada contra êsse brilho. Além disso, passe bastante pó sôbre a pele, e deixe que o excesso fique alguns momentos, antes de retirá-lo com uma escôva de fibras muito macias. O pó assim passado se conservará por muito mais tempo e o excesso de pó retirado levará consigo boa parte da gordura da pele. Prefira no verão o "rouge" em pó e um "baton" mais sêco do que aquêle que costuma usar nas estações menos quentes. — Júlia de Milo

Renove o esmalte



★ Quando o esmalte de unhas começa a sair, o melhor mesmo é retirá-lo totalmente com o removedor oleoso ou acetona e aplicar uma nova camada. Se você não tiver paciência de fazê-lo, e não dispuser de tempo para ir logo a manicure, deixe as unhas sem esmaltes que ficarão mais bonitas do que meio descascadas. Ou então, passe apenas uma camada de esmalte incolor, o que não lhe dará muito trabalho.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 81

	Conceito							
A	Montador de cavalos de corrida →	73	6	90	19	119	152	■
B	Garboso; que tem bizarria →	129	4	42	100	10	149	135
C	Com que se tapam as garrafas →	37	108	22	121	141	7	■
D	Os que praticam as ações →	2	112	75	27	56	98	136
E	Viaja por mar →	94	16	3	72	151	103	■
F	Faz a defesa →	12	69	80	77	39	134	92
G	Agenciar; aliciar →	5	110	9	93	55	29	140
H	Inflamação da mucosa do ouvido →	114	28	51	145	60	■	■
I	Interrompeu; põem têrmo →	85	146	76	153	26	142	■
J	Esplêndido; lauto →	13	47	82	125	106	67	95
K	Corteja; arrasta a asa →	117	35	17	86	105	70	■
L	Alemães →	83	50	24	148	74	99	120
M	Fêz operação →	15	49	89	139	63	91	■
N	Nostalgia →	25	66	33	14	116	132	46
O	Ato de engastar →	45	131	30	64	109	97	79
P	Adicionai →	147	21	115	38	84	■	■
Q	Esfregaram com as unhas →	153	31	65	124	133	143	34
R	Relativas ao osso →	122	16	61	41	150	32	■
S	Deixaram em testamento →	101	23	36	43	123	130	53
T	Bens; riqueza →	1	57	62	11	127	104	87
U	Proibem; não permitem →	96	107	137	8	40	81	59
V	Pôs em dúvida →	44	58	71	133	88	154	102
W	Detesta →	54	68	111	126	78	138	■
X	Someca →	20	48	144	52	118	128	■

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Transportam-se depois para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

T 1	D 2	E 3	S 4	G 5	■	A 6	■	C 7	U 8	G 9	S 10	T 11	F 12
J 13	■	N 14	M 15	R 16	■	K 17	E 18	A 19	X 20	F 21	C 22	S 23	L 24
N 25	■	I 26	D 27	H 28	G 29	O 30	A 31	R 32	■ ,	H 33	G 34	K 35	■
S 36	C 37	P 38	F 39	U 40	R 41	B 42	S 43	■	V 44	O 45	■	N 46	G 47
X 48	M 49	L 50	H 51	X 52	■	S 53	H 54	G 55	D 56	T 57	■ ,	V 58	U 59
■	H 60	R 61	T 62	M 63	O 64	B 65	N 66	J 67	■	H 68	F 69	■	K 70
V 71	E 72	A 73	L 74	D 75	J 76	■	E 77	■	H 78	O 79	■	F 80	O 81
I 82	L 83	P 84	J 85	K 86	T 87	■ ,	V 88	M 89	■	A 90	M 91	F 92	■
G 93	■	E 94	J 95	U 96	O 97	D 98	■	L 99	■	B 100	■	S 101	V 102
E 103	■	T 104	K 105	J 106	U 107	■	K 108	Q 109	■	G 110	W 111	O 112	G 113
W 114	P 115	N 116	K 117	X 118	A 119	L 120	■ .	G 121	R 122	S 123	Q 124	■	T 125
W 126	T 127	A 128	■	B 129	S 130	O 131	N 132	M 133	F 134	B 135	D 136	■ ,	M 137
W 138	M 139	G 140	■	C 141	I 142	G 143	A 144	N 145	R 146	P 147	■	L 148	B 149
R 150	E 151	A 152	B 153	H 154	I 155	■ ...	■	■	■	■	■	Jamer-Rio	

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 80 — AQUILINO RIBEIRO, TERRAS DO DEMO. "A perder de vista, nos céus e na terra, a tarde estendia-se imponderável e luminosa. Apendoavam os centeiais, e o frêmito das espigas era mais ligeiro que a ondulação do mar mais benigno."

O CRIME DO TAPUIO

(Cont. da pág. [illegible])

varado com um espêto, e levantando rápida o chicote de sôbre a esteira, atirava-lhe uma forte rimpada. A pequena saía chorando, com grossas lágrimas a pingarem-lhe no líquido da vasilha. E Bertrana, como se o esfôrço feito lhe houvesse tirado o último alento, deixava cair o chicote, impotente para sustê-lo, e ficava ofegante, a bôca aberta, exausta, pedindo baixinho desculpa, se estava alguém. Mas logo, sem demora, muito impaciente, bufava:

— Benedita!

E assim levava todo o dia. Batia-lhe por dá cá aquela palha, com um encarniçamento feroz contra a criança. Depois de jantar, ao meio-dia, dormia uma longa sesta até às três horas e a pequena ali ficava, em pé, com as magras mãozinhas no punho da rêde — embalando-lhe o sono indolente — um sono profundo, a desmentir-lhe as contínuas queixas. Como era natural, êle lhe faltava à noite. Não podia dormir com dores, dizia ela. Carecia de ar, acordava Benedita, que dormia na esteira, sob a rêde. A pequena levantava-se tonta, estremunhada, e vinha embalá-la. E a desoras saía do seu quarto, com ringir sinistro, o guinchar fino e compassado do esse da sua rêde, rangendo sôbre a escápula de ferro.

Vinha-lhe à cabeça tomar, àquela hora mesmo, qualquer chá e mandava fazer fogo para aquecer um. A cozinha ficava no terreiro, sob um rancho aberto; ela ia tremendo, transida de mêdo, no escuro. Se acontecia demorar-se mais do que a impaciência irritadiça da velha previra, ouvia-se no silêncio absoluto da noite, como um grito lúgubre de ave noturna:

— Benedita! ...

E não raro, daí por pouco, ruído de pancadas e soluços de criança. Com o isolamento em que a pusera a sua desavença com o genro, por causa da rapariga que êle tomara para casa após a morte da mulher, refinou-se-lhe o mau gênio. Ademais gente do sítio vivia afastada dela. Por aquelas paragens quase ninguém transitava, e êsses poucos, mesmo se a conheciam, fugiam-lhe como à peste. Mais lhe azedava isto o fel, que se derramava sob a forma de maus tratos à tapuinha a quem votava um ódio felino, estúpido, como a onça odeia o jacaré que inerte e quedo, a deixa desassossegadamente roer-lhe a cauda.

Era devota e sentimental: rezava a miúdo, tinha um rosário de contas safadas no punho da rêde, metia sempre os santos nas suas palestras, não bocejava sem fazer cruzes — para que não entrasse o demo — na bôca aberta e chorava ouvindo referir alheios infortúnios. Quando de alguém dizia mal, batia nas faces encovadas palmadinhas brandas com as pontas dos dedos, que beijava em seguida, murmurando compungida: — Deus me perdoe ... Tinha particular devoção com São Gonçalo e com São Luís Gonzaga: possuía-os ali no seu oratório de pau pintado de azul e frisos encarnados.

De manhã cedinho, tomando do punho da rêde o seu rosário para rezar, começava a lida da indilosa Benedita, e às cinco horas da madrugada, quando os passarinhos, espanejando-se à luz fresca do repontar do dia, acordavam nos arbustos rociados do orvalho noturno os ecos dos bosques próximos com seus gorgeios divinos, a voz dela, que nem pancada dissonante de pratos num concêrto de violinos e flautas, cortava bruscamente a harmonia do côro jucundo a berrar:

— Benedita! ...

II

Uma criança triste, magra, mirrada como as plantas tenras, expostas a todo o ardor do sol, tal era Benedita. No seu corpinho escuro, cambaio, em geral apenas coberto da cintura para baixo por uma safada saia de pano grosso, percebiam-se sôbre as costelas à mostra, os sulcos negros do umbigo de peixe-boi. Na sua falazinha, rouquenha por contínuos resfriamentos, havia como que uma nota trêmula de chôro. Não conhecera jamais as alegrias da infância livre e sôlta.

Com pouco mais de sete anos, deram-na seus pais ao padrinho, que a pedira prometendo seria tratada como filha. Não possuíra nunca um dêsses brincos que fazem a felicidade das crianças, nem correra jamais atrás das borboletas loucas com a grande alegria da infância de fazer mal a um inseto. Era uma coisa, menos que uma coisa, daquela mulher má. Ao redor de si apenas via ou ódio ou desamor, a traduzir-se em maus tratos de uns ou na indiferença quase hostil de outros. Até então, nesse pequeno mundo em que há dois anos já vivia, e onde os mesmos cães famintos lhe rosnavam à passagem, uma única criatura tivera para ela um olhar piedoso e uma palavra compassiva.

Era um índio; chamavam-lhe em casa José Tapuio.

Era um caboclo escuro, membrudo, forte, mas de fisionomia, coisa rara nêles, por vêzes risonha. Vendido aos quinze anos por um machado e uma libra de pólvora a um regatão do Solimões, entrara na civilização pela porta baixa, mas amplíssima, da injustiça. Havia quinze anos sabia-se que fôra prisioneiro da tribo inimiga que o vendera, quando Filipe o trouxe daquelas paragens, onde então se achava, como seu agregado.

Ali em casa do Araújo afeiçoou-se por Benedita, com afetos de pai. De volta da pesca ou do mato, raro era não trazer-lhe um mimo qualquer, uma fruta, um num-num de beira-rio, ou um jutaí da mata virgem. Apanhando-a só entregava-lhe às escondidas o seu presente, com um sorriso mal esboçado e estas palavras:

— Toma p'ra ti ...

Estando em casa ajudava-a na cozinha, partia-lhe a lenha, lavava-lhe a vasilhas. Vendo-a chorar, seu semblante ordinàriamente impassível e carregado parecia confranger-se e, incapaz de exprimir melhor o que porventura lhe ia n'alma, dizia-lhe em voz rispida, mas interessada e a modo de suplicante:

— Não chora ...

Sentia-se que êle odiava a velha Bertrana. De uma feita, que, ao passar-lhe pela porta da sala, a viu castigar bàrbaramente a rapariguinha, parou e seus olhos lançaram coléricas ameaças à velha. Passou-lhe pela mente matá-la naquele momento, mas logo abandonou essa idéia assustado, porque a primeira ação do contacto da nossa sociedade com essas naturezas selvagens é torná-las pusilânimes. A velha, porém, que lhe leu a ameaça no gesto irritado com que parara êle a fitá-la, não se livrou do mêdo. Interrompeu o castigo e vendo-o ir, praguejou-lhe atrás:

— Cruz! O diabo do tinhoso do inferno! ... Viu-se êle, entretanto, durante dias à sua limitada imaginação, a fim de descobrir um meio de furtá-la àquela miseranda existência que ali vivia. Essa sua afeição pela pequena não escapou aos da casa, e Bertrana, descobrindo-a, disse alguma coisa de obscenidade cruel.

Benedita, como tôdas as pessoas desacostumadas da felicidade, desconfiava daquele interêsse, que só passado algum tempo mostrou mais francamente aceitar. Sentindo então à roda de si êsse afeto, que aliás não compreendia, queria-o também, ao José, porém com uma sorte de receio, quase com mêdo, porque o mêdo era, por fim, o seu sentimento dominante. Chamava-lhe tio José e tomava-lhe a bênção, consoante o hábito de tôdas as crianças amazônicas, com a magra

(Cont. na pág. 44)

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Formaciari, diretor do «Curso de Danças Fino». Aulas particulares Rua da Liberdade número 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 549 — S. Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

★ des
col
qui
"cr
exe
de

week-end na cozinha

★ *Algumas sugestões para o lanche de despedida que sua filha quer oferecer às colegas, depois da formatura. Os bonequinhos de enfeites são vestidos de papel "crepon", branco e prêto. Não será difícil executar uma ornamentação original, tôda de bonequinhos. — TIA DULCE*



Sanduíches Diploma

● **INGREDIENTES**

- 1 xícara de carne de galinha, cozida
- ¼ de xícara de aipo picado
- 1 pitada de pimenta
- 1 pitada de sal com alho
- 4 colheres, das de sopa, de maionese
- 12 fatias de pão de fôrma.

● **MANEIRA DE FAZER**

1 — Passe a galinha cozida e o aipo pela parte mais fina da máquina de moer carne. Junte a maionese a pimenta e o sal com alho. Misture muito bem.

2 — Descasque as fatias de pão. Passe por cima a mistura de galinha e aipo. Enrole em forma de «diplomas», como se vê na fotografia. Amarre cada rolinho com uma fitinta de cetim, branca, ou verde e amarela. A receita foi calculada para 12 sanduíches.

Canapés de queijo e azeitonas

● **INGREDIENTES**

- Biscointinhos de sal
- Gengibre em pó
- Queijo creme
- Azeitonas recheadas
- Pimenta em pó — da Guiné.

● **MANEIRA DE FAZER**

1 — Ponha um pouquinho de gengibre em pó sôbre cada biscoito. Cubra-o, depois, com finas fatias de queijo creme. Por cima ponha uma rodela de azeitona recheada e espalhe um pouco de pimenta da Guiné.

2 — Leve ao forno para esquentar, por cinco minutos, ou até o queijo ficar ligeiramente derretido. Sirva bem quente.

Recheio de queijo para sanduíches

● **INGREDIENTES**

- 1 pão de fôrma para sanduíche
- 300 gramas de queijo forte.
- 3 colheres, das de sopa, de mostarda em pó
- 1 pitada de sal com alho
- 1½ colheres, das de sopa, de nata de leite
- 1 colher, das de chá, de extrato de carne

● **MANEIRA DE FAZER**

1 — Tire a crosta externa do pão e corte-o em 5 fatias, no sentido do comprimento. Passe manteiga.

2 — Amasse o queijo e misture-o com a mostarda, sal, o caldo de carne dissolvido na colher de água quente, a nata de leite e a pimenta.

3 — Arrume as fatias do pão outra vez umas sôbre as outras, intercaladas com o recheio de queijo — que pode ser usado puro ou misturado com: atum, ovos, azeitonas picadas, presunto picado, etc.

4 — Depois de tudo arrumado, aperte um pouco o pão, para que o recheio penetre na massa, embrulhe num guardanapo úmido e ponha para gelar, de 3 a 4 horas. Sirva em fatias — cortadas no sentido da largura.

CONSELHOS ÚTEIS

★ *Para servir salsichas de modo inteiramente diferente: corte-as pelo meio, recheie com uma fatia comprida de queijo, amarre com uma tira de "bacon" e leve ao forno para assar. É uma delícia.* ★ *Corte salsichas muito finas em rodelas de ½ centímetro de espessura. Arrume em palitinhos plásticos coloridos, alternando as rodelas de salsichas com rodelas de azeitonas recheadas, pedacinhos de queijo, fatias de cebolinha.* ★ *Um môlho ótimo para servir como presnto, salsichas (em cachorros quentes) ou sôbre biscoitos de sal? Misture: ¼ de xícara de môlho de tomate, uma colherinha de vinagre, uma colher, das de chá, de mostarda em pó, 1½ colher, das de sopa, de açúcar prêto, uma pitada de pimenta, uma cebolinha esmagada.*

A semana astrológica

Indicações do seu horóscopo entre 21 e 27 de novembro de 1953 — (Hemisfério Sul)

SE O LEITOR NASCEU SOB O SIGNO DO:

★ **CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Ótimas oportunidades lhe serão oferecidas na semana entrante, não sòmente para o reatamento de relações como também para a reestruturação de que tiver necessidade, na posição e nos vencimentos.**

★ **TOURO (21/10 — 20/11) — Livre-se de tôda e qualquer precipitação. Sujeito a erros e a enganos, como anda, o leitor poderá incorrer em faltas de efeitos os mais perigosos até mesmo para sua liberdade pessoal. Seja tão discreto como possível.**

★ **GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Os astros lhe prometem uma semana de muita atividade profissional com os melhores resultados. Os melhores dias, no novo período, no seu caso, serão 23, 25 e 26. Não lhe faltarão elementos para honrar os compromissos que assumir.**

★ **CÂncer (23/12 — 20/1) — Sua vida correrá satisfatòriamente nos próximos sete dias. Não poderá haver, no mencionado período, modificações substanciais nas suas atitudes e no seu procedimento. Haverá um concurso de circunstâncias favoráveis aos seus negócios.**

★ **LEÃO (21/1 — 20/2) — Não se exceda nem na alimentação nem em libações, pois o período não lhe favorecerá a saúde. Seu «hyleg» estará mal aspectado, nos próximos dias, comprometendo-lhe a integridade física. Há perigo, igualmente, de acidente, especialmente no dia 23.**

★ **VIRGEM (21/2 — 22/3) — O leitor vai ter uma semana vasia. Nada de maior interêsse ocorrerá, dada a ausência de aspectos válidos no setor ocupado pelo astro que lhe norteia o destino. Não se aventure e atue com prudência. É o que lhe recomendamos.**

★ **LIBRA (23/3 — 20/4) — Há possibilidades de uma regular folga financeira, motivada por lucros inesperados, por negócios rendosos imprevistos. O período favorecerá, igualmente, tôdas as solicitações que fizer.**

★ **ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Muitas satisfações lhe serão proporcionadas, no lar e no meio das suas relações. Na profissão, igualmente, sua posição será das melhores. Bons ventos começam a soprar aí do seu lado.**

★ **SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Os dias 22, 26 e 27 não serão propícios à realização dos seus desejos e dos seus propósitos. O único setor favorecido, no seu caso, na próxima semana, será o dos parentes. Poderá contar com êles.**

★ **CAPRICÓRNIO (24/7 — 22/7) — A nova fase será equilibrada, no que diz respeito às finanças, pois haverá uma movimentação extra nos seus negócios. Tudo sairá a contento.**

★ **AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Não lance, agora, os seus empreendimentos. A oportunidade não é boa. As coisas surgidas no momento, não vingarão. Os frutos serão reduzidos e pecos. É melhor esperar um pouco mais.**

★ **PEIXES (22/8 — 20/9) — O leitor vai viver uma fase muito propícia aos seus interêsses, podendo agir com desenvoltura e até mesmo com uma certa violência, impondo-se ao meio. Seu magnetismo pessoal estará dando o máximo de rendimento.**

OS NOMES DA SEMANA

Novembro	21	—	Misael	—	Eduarda
	22	—	Camilo	—	Elba
	23	—	Juliano	—	Juliana
	24	—	Ilvo	—	Silvia
	25	—	Sálvio	—	Erondina
	26	—	Vitor	—	Ricardina
	27	—	Hilberto	—	Lênia

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Novembro	21	—	28° 53' 23''	(Signo do Escorpião)
	22	—	29° 53' 59''	(" " ")
	23	—	0° 54' 38''	(Signo do Sagitário)
	24	—	1° 55' 16''	(" " ")
	25	—	2° 55' 57''	(" " ")
	26	—	3° 56' 39''	(" " ")
	27	—	4° 57' 24''	(" " ")

O CRIME DO TAPUIO

(Cont. da pág. 42)

mãozinha estendida, aberta, na ponta dos braços espichados, e um ar medroso e tristonho:

— S'a bença.

Na sua vida lôbrega que nem a negrura de um caixão de ferro, a simpatia daquele tapuio era como o pequeno e olvidado furozinho por onde penetrava a fina réstea de luz clara de pólens dourados, como as asas das borboletas. Êle fizera do mais recôndito de seu pensamento o propósito firme de livrá-la da velha. A dificuldade estava apenas em que queria uma coisa que não deixasse rastro, fazê-la desaparecer de um momento para outro sem se saber como. Taciturno era, mais taciturno ainda o viram de tempos àquela parte.

Uma manhã saiu, como de costume no verão, que então era, à pesca. Sentando ao jacumã, dava grandes remadas espaçadas, olhando distraído para a frente. Seguia rente à margem, sem dar fé de alguns peixes que saltavam por ali, ao alcance do seu harpão ou da sua frecha. De repente, em lugar no qual outros olhos que não os do matuto dificilmente descobririam solução de continuidade na espêssa orla de mataria que corria pela margem, virou ràpidamente a canoa, servindo-se do remo grande e chato à guisa de leme, e embicou-a para a terra escondida pelo mato, como se quisesse navegar por ela a dentro. Ao impulso do seu braço robusto, a leve embarcação passou pelo meio da folhagem debruçada sôbre a água, de modo a parecer emergir dela. Agachando-se no fundo da mataria deixara-a o índio correr com a fôrça da remada.

Varada a primeira e mais densa cortina de folhagem, achou-se num igapó — um grande estirão de mata alagado pelo lago na enchente e ainda não de todo abandonado por êle. Árvores alterosas, como são das terras firmes do Trombetas, direitas, de cascas pardacentas e rugosas, emergiam de dentro da água, escura e calma, como uma lagoa morta. Dos altos galhos pendiam, formando bambinelas pitorescas, fios de tôdas as grossuras e feitios de cipós elianas, a se refletirem naquelas águas paradas e negras, com sinuosidades intermináveis de serpentes. Outros atravessavam de galho a galho, de tronco a tronco, emaranhando-se no alto como a cordcalha de um navio. Pelas árvores apegavam-se vegetações parasíticas; musgos espessos punham grandes manchas verdes nas cascas pardacentes de muitas. De cima, da cerrada abóbada de verdura, descia uma grande sombra triste, que reunindo-se ao silêncio absoluto da sombria paisagem, dava-lhe não sei que tétrico aspecto de ruínas.

Com a habilidade de tapuio, José seguia avante, fazendo singrar a piroga em verdadeiros zigue-zagues por entre aquêles troncos, sem tocar em nenhum. Deixara o remo no fundo da canoa, e pegando ora num cipó, ora numa rama que descia mais baixo, ora num tronco, puxava daqui empurrava d'acolá, quase deitando-se às vêzes para livrar a cabeça. De súbito, uma coisa que dir-se-ia um daqueles cipós mais grossos por ali pendidos, e no qual a beira da mataria acabava de tocar, desenroscou-se de sôbre o tronco apodrecido de uma velha árvore derrubada pela ação das águas, e silvou no ar na direção do índio. Era uma sucuruju enorme; José, que só a vira no ato do bote, apenas teve tempo de fincar a mão no tronco mais perto e empurrar a canoa para trás. Êste impulso fê-lo perder o equilíbrio e caiu sentado no banco da pôpa. Fôra bem dado o bote da cobra: êle sentiu passar-lhe o corpo quase rente à face. Mal, porém, lançara os olhos na direção em que ela seguira como que voando, viu-a assanhada, o pescoço engorgitado, a língua bífida fora das fauces, fitá-lo ameaçadora, já de cauda firmada sôbre o dorso de outro pau caído, pronta para novo ataque. José pegou no remo, a fim de safar-se mais depressa. A cobra, vendo-o tomar aquêle pau, sentiu talvez uma ameaça, e mais irada ainda atirou a tôda fôrça o bote, sibilando no ar. Quando o atirou, porém, já a canoa ia impelida pelo remo, de sorte que apenas lhe apanhou a borda com a bôca, donde logo firmada lançara a cauda na direção do tapuio, colhendo-lhe o braço esquerdo e o remo, com os quais fôra êle ao seu encontro. Então levantou a cabeça e arpoou furiosa, a bôca rasgada, o próprio pescoço de José que, metendo a mão direita em defesa da cara, conseguiu segurar-lhe logo abaixo da cabeça o corpo escorregadio que se debatia furiosamente por desprender-se dos seus dedos possantes, aos quais o perigo multiplicava as fôrças, dando-lhes um vigor de rijas tenazes. Êle sentia, porém, que a cobra mudava de tática e que largando-lhe o braço esquerdo, a cauda ia enroscar-lhe ao pescoço os seus anéis de ferro e estrangulá-lo sem custo. Rápido como o pensamento, mal pressentira afrouxar-se o laço com que lhe prendia aquêle braço, fêz um heroísmo e supremo esfôrço, e conseguindo trazer-lhe a cabeça hedionda até em baixo ao fundo da canoa, calcou-lhe em cima o pé, rijamente. Era tempo, que a cauda da cobra caíra-lhe no pescoço mergulhando a extremidade sob o sovaco esquerdo donde logo ela o retirou para melhor apertar o nó. Antes que o fizesse, porém, a compressão da cabeça fazia-a perder a fôrça e José ainda pudera tirar de sob o banco a sua faca curta de pescador, com a qual lha decepou de um golpe. Aquêle primeiro anel feito desprendeu-se, o tronco rolou inerte para a água e a cabeça ficou palpitando com a língua fora, no fundo da canoa.

Terminado êste incidente, José seguiu tranqüilamente a sua derrota através dos embaraços do agapó, que todos salvou com admirável perícia. Chegando ao cabo, saltou em terra, puxou a canoa por sôbre a areia escura da margem e tomando de dentro a cabeça da sucuruju, jogou-a por sôbre a mata, o mais longe que pôde. Era uma precaução, para que o tronco da cobra se não viesse juntar à cabeça e se refizesse, como êle o acreditava ingênuamente; isto feito, tomou a faca e embrenhou-se na densa floresta, calcando fortemente o espêsso tapête de fôlhas e gravetos secos, que estalavam com um som cru sob os seus pés de índio.

Essa noite, mal acabara de cair o dia, já todos do sítio do Arauacu, como aliás é costume do sertão, estavam recolhidos. Entretanto, não dormiam ainda, pois que pelas frestas das portas e dos japás, saíam réstеas de luz vermelha de candeia.

Bertrana tinha um mau anoitecer, carregado de tristes presságios de uma noite horrível. As suas dores tôdas entravam em afinação. Dava gemidos baixinhos, doridos, de cortarem o coração. Também ela, com a sua teimosa gulodice habitual, cometera uma gravíssima imprudência; sôbre o seu jantar do meio-dia, de mexerica de peixe-boi — uma comida carregada, conforme era ela a primeira a reconhecer, — bebera uma cuia de vinho de tucumã — um outro veneno. Metia dó vê-la.

Exasperada pelas dores, irada pela insônia, não pôde levar à paciência que Benedita cabeceasse, dormitando, ao punho da rêde onde estava a embalá-la desde o fim do jantar. E erguendo do chão, com seus movimentos rápidos de fera, o vergalho, surziu-o sôbre a rapariguinha berrando:

— Ah! s'a vadia! Eu aqui quase a morrer e esta preguiçosa a dormir. Já, pegue na chocolateira e vá-me fazer um chá de vassourinha — E gemeu: Ai, meu São Luís Gonzaga, valei-me.

Benedita saiu a chorar, com o vaso na mão, tôda trêmula. Lá fora escondido por detrás do forno de farinha, topou com o José, que lhe surgiu ao encontro, assustando-a muito. Antes, porém, que lhe escapasse da garganta o grito que ela ia soltar amedrontada, êle disse, esforçando-se por ameigar a voz:

— Não chora . . .

E pegando-lhe a mão falou-lhe baixinho ao ouvido. Ao cabo dêste colóquio, que foi rápido, levantou-a nos braços vigorosos e deu o andar acelerado para a floresta escura que elevava, por detrás do sítio, no céu claro estrelado, o seu enorme perfil negro, na qual se embrenhou.

Daí por pouco as outras pessoas do sítio ouviram a voz áspera da velha a bradar repetidas vêzes, colérica:

— Benedita! . . . Benedita! . . .

Acostumados àquilo, não fizeram caso. O tapuio corria no entanto pela mata a dentro com a pequena ao colo. — Ela agarrava-se a êle, espavorida, os olhos fechados com mêdo de abri-los à lúgubre escuridão do bosque. Ao cabo de uma hora chegaram à beira do igapó, onde êle deixara a canoa pela manhã. Sentou a rapariguinha no fundo e partiu remando de manso, ajudando-se com as mãos, dirigindo-se, apenas por instinto por sua ciência inata e hereditária de selvagem, que outra luz não tinha, às apalpadelas, por entre os grossos troncos e finos cipós. Quando se pilhou fora do igapó, a sua grosseira fisionomia quadrada, naturalmente impassível, iluminou-se com um leve sorriso de satisfação, que lhe arreganhou irônicamente a comissura dos grossos lábios, mostrando-lhe os dentes alvos e fortes, e, metendo decidido o remo n'água, silenciosa e calma, lançou a canoa para frente, fazendo-a voar como a frecha de seu arco.

No sítio, depois de esbofar-se em gritos, a velha Bertrana arquejava, com os beiços brancos de espuma, ardendo em descomedida raiva, pedindo às pessoas que afinal acudiram aos gritos que lhe fôssem buscar Benedita. E quando, após uma curta revista, lhe voltaram sem ela, pegou de berrar, possessa, que se a apanhasse outra vez, matava-a.

(Cont. na pág. 48)

VEJAM COMO ERAM NEGRAS E FEROZES AS BARBAS DO SR. SIMÕES FILHO. E QUE CUIDADOS PUNHA O SR. OTÁVIO MANGABEIRA NO TRATO DOS SEUS RETORCIDOS BIGODES! — OLEGÁRIO MARIANO APRESENTAVA, HÁ TRINTA ANOS, UMA "PINTA" DE CANTOR DE TANGOS E RAQUEL DE QUEIROZ TINHA O JEITO GRACIOSO E LÍRICO DE UMA NAMORADA DA ADOLESCÊNCIA.



SIMÕES FILHO

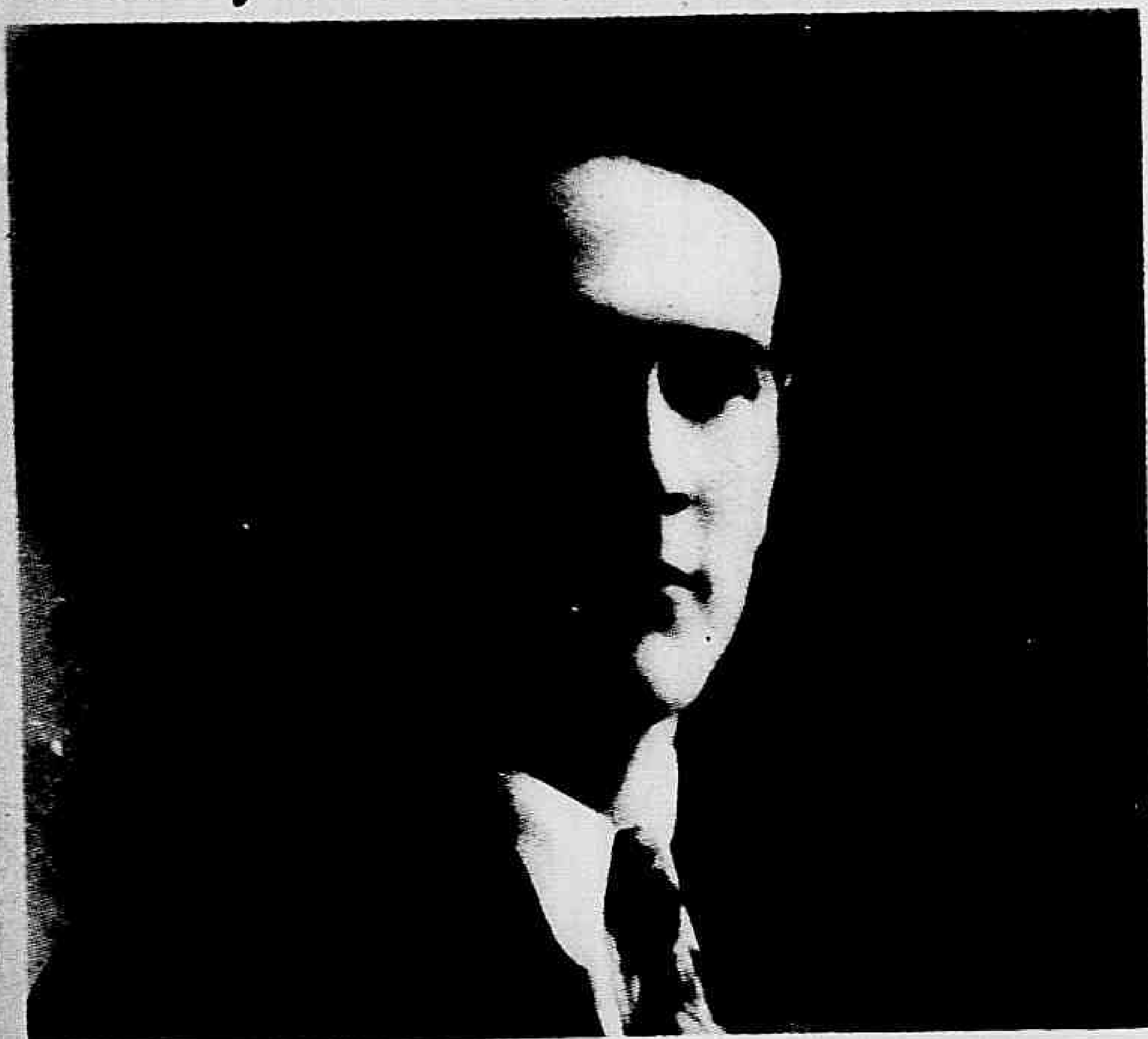
● O «barbado» já era mesmo «o barbado», desde a mocidade: dizem que procurava esconder uma cicatriz de má história. A foto nos mostra Simões Filho, diretor dos Correios e Telégrafos. Depois veio o jornalismo e a política e em ambos os setores o ex-ministro da Educação foi um homem de combate. Suas campanhas contra Seabra e Juraci lhe valeram, entre outros dissabores, algumas surras e um tiro na testa. Na militância política, Simões Filho foi deputado estadual, deputado federal duas vêzes, líder da bancada baiana, ministro. Influiu na eleição de vários governadores, mas não conseguiu até hoje eleger-se a si próprio. Tradicional adversário de Getúlio, rendeu-se por um Ministério de triste desenlace. Simões domina, há quarenta anos, o jornalismo na Bahia, com a sua «A Tarde», que hoje é um jornal poderoso e sóbrio. O ex-ministro e, agora, ex-getulista, não perdeu, com a idade, o gôsto da elegância, a compostura de embaixador e o vício da galanteria. E apesar de demitido inglòriamente, continua firme na sua ação política e jornalística, escrevendo para a «Última Hora» e comandando os «autonomistas» da Bahia.

Êles já foram assim

Reportagem de MARCELO GUIMARÃES

ÊLES conquistaram tôdas as posições e regalias. Com as armas do bem e do mal venceram batalhas, subjugaram inimigos e subiram às mais altas culminâncias. Ministros uns, embaixadores outros, êste governador de Estado, aquêle presidente da República. Tôda a vida, para êles, foi de perseguição ao poder e à fama. E foram vitoriosos, muitas vêzes. Mas, a velhice? Ah!, êles não conseguiram vencer nem enganar, nem subornar, nem aplacar o tempo. Triunfantes, mas velhos. Poderosos, mas velhos. O tempo cavou rugas, nutriu papadas, amoleceu músculos, afrouxou carnes, destruiu fortalezas no corpo de cada um, sem respeitar governador ou ministro. E também lhes feriu o coração e a alma. O entusiasta de ontem é o cético de hoje. O que acreditava, já não crê. Está no desespêro o que tinha esperanças. Sucumbiram, no poço do tempo, tolerâncias, paciências, idealismos, energias, vontades. Simplesmente porque os moços ficaram velhos.

Êles já foram assim





OSVALDO ARANHA

MARECHAL DUTRA

● Minguou a cabeleira do sr. Osvaldo Aranha, mas parece que tem crescido sempre a onda de simpatia em tôrno da sua figura, de 1930 a esta parte. Hoje o gaúcho do «o que é que há?» está tentando, novamente, salvar Getúlio e o Brasil. Seus cabelos estão mais raros e brancos, seus gestos mais tardos, sua palavra mais calma, mas não se perderam as suas energias de homem público. Aí está, por exemplo, o Plano Aranha, revolucionando o país, vinte e tantos anos depois que o nome do seu criador apareceu, rompantemente, no cenário político nacional. Anjo-da-guarda de Vargas desde 1929, Aranha também pensa, desta vez, no seu próprio destino. A sua candidatura à presidência da República está nas confabulações dos políticos e na expectativa da opinião pública.

● De repente o general Dutra passou da Cavalaria e do Ministério da Guerra para a presidência da República. Uma pose que dificilmente se repetirá, esta da fotografia. O marechal sonha agora, discretamente, com a sua volta ao Catete, confiado no saudosismo dos que usufruíram vantagens do seu govêrno e dos que sofrem as amarguras da hora presente. Caserna, cavalos, deveres militares são coisas que ficaram bem para trás, como bem para mais atrás ainda ficou a lembrança das suas origens humildes e do seu incolor comêço de vida. Mais velho, mais repousado, mais social, mais festejado, mais bajulado, eis o Dutra de hoje, da rua Redentor e dos mexericos da alta política, bem diferente daquele militar empedernido que geria os negócios da Guerra, prestava cega obediência a Getúlio, sustentava o Estado Novo e acariciava o seu cavalo.



OLEGÁRIO MARIANO

JOSÉ AMÉRICO



● Êste cantor de tangos é Olegário Mariano, o João D'Avenida que fêz época com as suas crônicas e os seus versos, no Rio de Janeiro tão mais saboroso de trinta anos atrás. O atual tabelião, imortal, embaixador e sempre poeta Olegário foi o precursor dos cronistas sociais dos nossos dias. Conquistador irrefreável, deixou no seu caminho de bonitão e de poeta, muitos corações despedaçados. Hoje os seus versos estão fora de tempo, já não impressionam. Mas, Olegário continua um homem insinuante. Poeta prático, arranjou-se bem na vida, conseguindo do sr. Getúlio Vargas, entre outras graças, um cartório e uma embaixada em Portugal. Poeta, não transigiu com o modernismo, continuando fiel ao canto parnasiano de suas cigarras. Fidelidade justa, de resto, pois as cigarras deram a Olegário sorte e fama.

● O José Américo da fotografia já não é o casca-grossa da estrada das Barreiras, mas, até então, não sabia onde estava o dinheiro. Na Paraíba era conhecido como José de Almeida e só com o aparecimento da «A Bagaceira» tomou o nome de guerra atual, modificando, às vêzes, para Zé Arruda, quando se quer explorar a história da sua hipotética jetatura. Já o vemos, aí, com as lentes grossas da sua miopia. Miopia que não atrapalhou os seus êxitos, na carreira política, mas, em todo caso, foi responsável por alguns tropeços. Secretário do govêrno de João Pessoa, chefe de Polícia, revolucionário, governador do Norte, interventor e governador da Paraíba, ministro da Viação (duas vêzes), candidato de azar à presidência e à vice-presidência da República, senador, embaixador no Vaticano, ministro do Tribunal de Contas — tudo isso tem sido e é o atual ministro José Américo de Almeida, novamente na órbita de Vargas e ambicionando, novamente, ocupar-lhe a vaga.



JUAREZ TÁVORA

● O vice-rei do Norte, no dia do seu casamento. Cearense-prussiano, o «tenente» Juarez Távora deu o fora da militância política, mas aparece, a cada instante, com a sua palavra e com o seu prestígio, para dar um palpite e provar que está vivo e atento. Agora mesmo é um dos vinte candidatos à presidência da República. A fotografia nos mostra um Juarez bem mais jovem, mas o de hoje ainda é empinado e enérgico. Coluna Prestes, Revolução de 30, Ministério, a história do mais importante dos Távoras, do Ceará, é rica de episódios intimamente ligados à nossa história política, nesses últimos 30 anos.



ATAULFO DE PAIVA

● *Sempre foi e será assim*



OTÁVIO MANGABEIRA

● Otávio Mangabeira, quando deputado federal pela Bahia (e o foi dos 25 aos 40 anos). Muito tempo já se escoou e muita história se pode contar, desde o tempo em que Mangabeira (Otávio) usava o bigodão que aparece na fotografia. Com êsse bigode, mas sem a papada de hoje, foi líder de bancada e ministro do Exterior de Washington Luís. Depois houve a Revolução, prisões, exílios, amargura muita. Mas, o velho Mangabeira jamais pensou em abandonar a política, nunca se importando que o chamassem de «político profissional». Agora êle está sem poder, sem mandato, sem dinheiro e pràticamente sem partido. Nem por isso refugiou-se na retaguarda. Está no «front», firme no combate a Vargas, a quem nunca perdoou. Já não tem o coração rijo, como no tempo da fotografia, mas a palavra continua fluente e o espírito vivo.



RAQUEL DE QUEIROZ

● No verso desta fotografia havia a seguinte legenda: «A talentosa escritora Raquel de Queiroz, rainha dos estudantes cearenses, em 1930. Autora do romance regionalista «O Quinze» e um dos membros da Academia de Letras do Ceará. 19 anos de idade»: De lá para cá, quanta turbulência na vida da «talentosa escritora!» Comunista, depois trotkista, finalmente democrata pura e simplesmente, Raquel conheceu até a dureza da prisão política, além de outros vexames e perseguições sem conta. Hoje procura, no seu isolamento da Ilha do Governador, escapar ao contato das coisas loucas dêste mundo de Deus. Nem por isso, todavia, deixa de ser a mulher atuante, presente em todos os episódios importantes da vida intelectual e política do país: cronista, romancista, a Raquel-1953 se já não é a mesma beleza da fotografia, continua uma mulher atraente.

"AMARALINA"



(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

Já se encontra à venda em tôdas as farmácias, drogarias e perfumarias. Se, entretanto, não existe na cidade, não perca tempo, pedindo imediatamente pelo Reembôlso Postal — O preço de "AMARALINA" é, em qualquer parte do Brasil, de Cr$ 35,00 e pelo Reembôlso Postal custa Cr$ 45,00, livre de porte.

"AMARALINA", certeza absoluta de que os cabelos tornarão a nascer. Na paralisação da queda de cabelos é francamente extraordinário êste produto descoberto por brasileiro e fabricado com erva nacional. Centenas de pessoas atestam suas nunca igualadas qualidades.

Pedidos a M. M. BURLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

NÃO TERIA EXISTIDO O MACACO DE DARWIN

(Cont. da pág. 31)

com êsse resultado. Darwin foi "poupado", se bem que a maior parte de sua teoria foi posta por terra e teve de ser revista. De agora em diante, a evolução será estudada por um novo prisma e por métodos novos. Uma história do homem e seu passado está emergindo. A ciência entra em novos caminhos.

DERRUBADA A TEORIA SÔBRE A ORIGEM DO HOMEM

A história da origem do homem terá que ser escrita de novo. Novas descobertas memoráveis feitas na Universidade de Chicago e em outros centros estão mostrando que o homem não evolveu dos macacos ancestrais, segundo a maneira imaginada por Darwin e pela ciência moderna. Êsse grande abalo na teoria da evolução foi consequência das seguintes descobertas: a) — O homem moderno habita a Terra apenas há 50 mil anos; b) — Darwin, e, particularmente, seus discípulos erraram ao imaginar que o homem, mais ou menos em seu estado atual, evolveu de ancestrais simiescos há um milhão de anos, mais ou menos; c) — Darwin e os evolucionistas modernos também erraram ao pensar que o homem-símio primitivo, enorme e cabeludo, transformou-se lenta e imperceptivelmente até chegar ao homem atual; d) — A evolução foi um processo rápido; e) — As grandes transformações que converteram o macaco em homem ocorreram em poucas etapas. A nova teoria da evolução está modificando as ciências que tratam da história do homem, de maneira quase tão radical quanto a modificação introduzida nas ciências físicas pela desintegração do átomo. A convergência das duas descobertas atirou por terra a escala das datas da teoria darwiniana. Em primeiro lugar está o trabalho dos físicos atômicos da universidade de Chicago. Pesquisando a rádio-atividade êles descobriram que todos os sêres vivos são rádio-ativos, e que depois da morte essa rádio-atividade se perde num ritmo determinado.

A teoria darwiniana da evolução foi igualmente modificada pelos trabalhos revolucionários de laboratório e pela descoberta de um novo grupo de fósseis, que indicam que a evolução ocorreu, não da maneira imaginada por Darwin, mas da maneira verificada nos laboratórios. Segundo Darwin e os que o interpretaram, os primeiros homens-símios que evolveram dos macacos eram aproximações cruas e primitivas do homem moderno. Muito lentamente — diz a velha história da evolução — aquêles que nasceram um pouco mais eretos e com a cabeça um pouco maior, sobreviveram. Os outros foram eliminados pelo processo da seleção natural, isto é, pelos inimigos e pelos azares de um mundo violento. Finalmente, depois de transformações corpóreas quase infinitesimais e de gerações sem conta, chegou-se ao homem moderno.

Êsse quadro está agora inteiramente modificado. Experiências que, pela primeira vez imitam o que deve ter acontecido na evolução do corpo humano, e o estudo de novas descobertas fósseis, levaram cientistas da Universidade de Chicago e de outros centros a construir êste quadro novo e diferente: a) — Algumas modificações no maxilar, nos músculos das pernas e na pélvis alteraram a estrutura óssea e tôda a aparência do corpo, e converteu pràticamente os macacos em homens simiescos; b) — Essas modificações ocorreram em épocas diferentes. Contràriamente à teoria darwiniana, segundo a qual os macacos ancestrais desceram das árvores quando desenvolveram a cabeça, êles só desceram quando modificações na pélvis e nos músculos lhes permitiram caminhar sôbre duas pernas. De sorte que os ancestrais primitivos adquiriram corpo humano muito antes de terem adquirido cérebro; d) — Novas descobertas fósseis na África do Sul, só divulgadas no ano passado, mostram que tais criaturas — macacos com corpo humano — na verdade, existiram. Acredita-se que sejam o "elo perdido" entre o macaco e o homem; e) — Sòmente há uns 50 mil anos o cérebro chegou ao tamanho atual, e só então o homem apareceu; f) — Dêsse modo o homem pode fàcilmente ter evolucionado dentro do limite de tempo da nova teoria.

A evolução que Darwin imaginou, pelo processo lento da modificação e seleção natural, teria sido impossível em 50.000 anos. Mas a teoria básica de Darwin, de que um animal se transformou em outro em determinado período de tempo, permanece inalterada — dizem os cientistas. O que sofreu modificação foi o modo em que se deu essa transformação. Por essa teoria, modernizada, o homem é muito mais novo do que se pensa, tendo surgido como é agora, há 500 séculos, e não a um milhão de anos. Como chegaram os cientistas a "ver" em qualquer elemento de matéria orgânica a idade de um ser fossilizado? Pelo carbono 14 ou carbono rádio-ativo. Segundo as pesquisas, tôda matéria orgânica viva dá 15,3 desintegrações por minuto por grama de carbono.

Depois de 5.568 anos de radiação passa a 7,65 desintegrações. Em linguagem científica diz-se que o C. 14 tem a meia-vida de 5.568 anos. Medindo-se o número de desintegrações de uma amostra qualquer de matéria, os cientistas podem agora dizer qual a idade da amostra até ao limite máximo de 25 mil anos. Os sábios descobriram também outro meio de fixar a idade da matéria orgânica. E' o método do conteúdo fluorínico dos ossos. Os ossos que ficam enterrados durante centenas de milhares de anos absorvem o fluor da água da terra. Quanto mais antigos são, mais fluor encerram. Os novos métodos científicos fecham a porta aos palpites e substituíram o falível julgamento humano pela precisão relativa. Embora estejam apenas no início, a ciência já reconhece que revolucionaram a tabela cronológica da antropologia e da história. De agora por diante a história do homem será contada de maneira diferente. O lado curioso dessa revisão é que a data científica moderna do aparecimento do homem do período de um milhão de anos para o de 50 mil, aproxima-se da data bíblica da criação do homem no Paraíso.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. . . . . .
NOME. . . . .
RUA. . . . . Nº. . . . .
CIDADE. . . . .
ESTADO. . . . .

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

LEIAM

A CENA

MUDA

- NOVA
- MODERNA
- DIFERENTE

PREÇO CR$ 4,00

TÔDAS AS QUINTAS-FEIRAS

O CRIME DO TAPUIO

(Cont. da pág. 44)

III

O juiz de direito — um homem gordo, baixo, calvo, solenemente encasacado — entrou na sala, foi sentar-se entre o promotor público e o escrivão, no meio da mesa atravessada na largura da sala junto à parede, mesa comprida e estreita, coberta inteiramente por um pano verde desbotado, debruado de galão amarelo. Tomando de sôbre ela a campainha de cobre azinhavrado bimbalhou-a com fôrça, enchendo a sala de tilintações finas, agudas, tanto ou quanto falhadas.

Tinha a testa vincada, num grande ar aborrecido. Havia cinco dias que o faziam vestir o seu fato prêto tão fatal aos seus achaques hemorroidários, a sua velha e coçada casaca do dia de grau, para vir ali, àquela massada do Júri, inùtilmente. Até então não fôra possível reunir o número de jurados exigidos por lei; apareciam apenas os da cidade, que os roceiros estavam às voltas com a safra do cacau e não vinham.

Colocou a campainha em seu lugar no tinteiro de metal amarelo, e relanceou um olhar em tôrno da sala, uma sala fria em cujas paredes caiadas, a umidade punha grandes manchas bolorentas, côr de cinza. Pareceu-lhe haver mais gente nas pesadas cadeiras de fábrica portuguêsa, enfileiradas rente às paredes. De um lado ficavam os da cidade, com um ar desembaraçado de quem está em sua casa, rindo e conversando entre si, fazendo sinais familiares ao promotor, a pedir-lhe os recusasse, cumprimentando o juiz com leves acenos de cabeça. Seus fraques e paletós têm formas mais corretas e vestem-nos sem enleio, useiros em trazê-los. As calças da maioria são brancas, muito engomadas, com grande vinco no meio, de cima a baixo, a vir morrer no peito das botas, muito engraxadas. Do outro lado tinham-se sentado os roceiros, fàcilmente reconhecíveis pelo seu ar contrafeito e o estapafúrdio do seu trajar. Perfilados nas cadeiras, duros, as pernas pendidas direitas, mostravam visìvelmente quanto não lhes custava o terem de vestir as roupas com as quais apenas um dia de festa, de júri ou de eleições apareciam na cidade. Os paletós de pano prêto luzidio ou de lustrosa alpaca, amarrotados dos baus, os coletes vistosamente ramalhudos, sôbre alguns dos quais estadeavam-se grossas correntes de prata ou de ouro falso, comprado por verdadeiro, cheias de berloques, as camisas de morim e as calças de dril branco ou pardo, engomadas e fortemente aniladas, os sapatos grossos, acalcanhados, limpos de fresco, espalhando na sala o cheiro ativo da graxa, davam-lhe o aspecto alvar dos matutos endomingueirados. Para assentarem os indomáveis cabelos rijos que nem piassaba, tinham-nos empastado de sebo de Holanda, cujo perfume desagradável misturava no ambiente como o da Agua Flórida, o extrato dos roceiros. Não podendo suportar por mais tempo os grossos sapatos e botas, alguns os tinham tirado e escondiam debaixo das cadeiras os pés calçados em grosseiras meias.

(Cont. no próximo número)

Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.



ARABELLE — a última sereia



Prudentemente, Biancha, seguida de um de seus comparsas de mais confiança, sai da casa e vai tomar um carro, que desaparece em seguida.



Tching-Tchoung não perde um instante sequer. Entra e, de revólver em punho, surge diante da prisioneira e do bandido que a dominava.



Antes que pudesse resistir, o sentinela é pôsto fora de combate. Tching-Tchoung agarra Arabelle e a imobiliza, usando para isso um narcótico.



Dois minutos mais tarde, Arabelle volta a si. Está num auto guiado por seu raptor e segura por um bandido. Quer gritar, mas nada pode fazer.



Enquanto guiava o carro, ia Tching-Tchoung recoradndo cenas que observara na última farra que tivera lugar no palácio de Joe Piper.



Recorda que bebera muito, e isso poderia servir-lhe de alibi se fôsse chamado a depor sôbre a morte de Joe Piper.



Tching-Tchoung tem ciúmes de Joe, o «Terrífico», e deseja eliminá-lo para tornar-se dono absoluto dos negócios de ópio e também do contrabando de armas...



Era o momento propício para a realização de seus planos. Arabelle saíra. Piper estava completamente embriagado de ópio. Tching-Tchoung se ergue cautelosamente.



A imagem de Biancha volta ao seu espírito. Como era linda a italiana! E dizer que êsse porco do Joe Piper é que era o felizardo do seu marido!



Êle se lembra de que ela, encantadora, se deixa enlaçar pelo torpe Joe, o «Terrífico». Tching divaga louco de paixão e ciúmes...



Ouve quando Joe Piper promete ficar com ela para sempre. Biancha se retira, enquanto Joe se entrega ao ópio, com sofreguidão...



Estavam a sós. Era chegada a hora «H» Tching-Tchoung avança, puxa do punhal que portava e o crava no peito de Joe Piper, varando-lhe, certeiramente, o coração.



Se aos olhos de todos era Tching-Tchoung amigo de Joe Piper, isso era, apenas, pura simulação. Tching-Tchoung era, isto sim, o seu maior inimigo. Desejava, apenas, tornar-se o único senhor do negócio.



Se Biancha, voltando da Itália para Xangai, se reconciliasse com Joe, estaria perdido o plano de Tching. Êle queria era, justamente, uma oportunidade para ficar só.



Tching-Tchoung chama dois de seus asseclas, que estavam ocultos no jardim do palácio de Joe Piper, e manda retirar o cadáver do contrabandista. Quando a jovem Arabelle retornasse à sala, nada mais veria...

Desenhos de JEAN HACHE

História de VANA LAUREZ

Quando São Paulo festeja
seu 4º centenario

O Decano dos jornais paulistas

CORREIO PAULISTANO

comemora
100 anos
de atividade
ininterrupta

1 Século
de tradição
a serviço
do Brasil

Garantindo um apre-
ciável volume de ne-
gócios, porque circula
num meio de alto
poder aquisitivo



DA SOBREVIVÊNCIA DA INDÚSTRIA DEPENDEM A PROSPERIDADE E A SEGURANÇA DA NAÇÃO

RESSALTA O SR. ANTÔNIO DEVISATE A COLABORAÇÃO QUE A INDÚSTRIA PRESTA ÀS FÔRÇAS ARMADAS



Na foto aparece o sr. Antônio Devisate, Presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, quando proferia o seu discurso.

Por ocasião da visita que os oficiais das Fôrças Armadas, estagiários da Escola Superior de Guerra, realizaram à sede da FIESP-CIESP, o sr. Antônio Devisate, presidente das entidades das indústria, proferiu o discurso de saudação, do qual reproduzimos os trechos que seguem:

«Srs. oficiais superiores das Fôrças Armadas. Srs. parlamentares. Meus senhores.

Mais uma vez esta casa sente-se profundamente honrada com a visita dos ilustres oficiais, parlamentares e civis integrantes da Escola Superior de Guerra. É para nós, como sempre, profundamente grato ter, embora ràpidamente, contato com figuras tão exponenciais das nossas fôrças armadas, do Parlamento e da alta administração do país.

Conhecemos bem o trabalho que vindes realizando, o qual abarca não só aspetos fundamentais da defesa militar do país, como, igualmente, os problemas a ela ligados, dentre os quais se destaca, como é natural, o da nossa produção industrial.

Seja-nos lícito, por isso mesmo, e aproveitando vossa presença em nossa casa, fazer-vos, num breve relato, uma exposição, na qual, para conhecimento sobretudo de muitos dos presentes que ainda não tiveram oportunidade de um contato mais íntimo conosco, possais aquilatar não só o que representa como organização de classe, mas, sobretudo, como ela vem cooperando, estreitamente, na solução dos problemas ligados à defesa militar do país. A êsse respeito, desejamos, sobretudo, focalizar dois acontecimentos marcantes e recentes da nossa história. O primeiro ligado ao movimento revolucionário que irrompeu em S. Paulo em 1932, e o segundo referente à participação do Brasil na última conflagração mundial.

A INDÚSTRIA E AS FÔRÇAS ARMADAS

Esta casa, fundada há 25 anos atrás, em 1932 já representava, dentro de S. Paulo, um organismo de tal forma vigoroso e atuante, que o govêrno paulista não hesitou, naquela ocasião, em entregar-lhe a direção suprema da mobilização industrial de S. Paulo.

Passados 10 anos e no instante em que a nação se preparava para honrar seus compromissos externos, mais uma vez a Federação das Indústrias do Estado de S. Paulo se mobilizava para colaborar com as Fôrças Armadas do país na preparação e organização do nosso esfôrço de guerra.

Ao então comandante da 2ª Região Militar, o ilustre general Maurício Cardoso, foi oferecida pelas nossas entidades, espontâneamente, uma colaboração efetiva, a qual se concretizou na organização de importantes serviços de organização de guerra. Criou-se, na Federação das Indústrias do Estado de S. Paulo, supervisionado e dirigido por eminentes oficiais do Exército, o Serviço de Triagem do pessoal civil da indústria, tendo em vista a mobilização industrial. Em cooperação com a Seção Técnica da 2ª Região Militar, promoveu-se um estudo acurado de fábrica por fábrica, objetivando o encaminhamento de sua produção para o esfôrço de guerra.

Na sede social, realizou-se a exposição de apetrechos e peças de armamentos de que necessitavam as fôrças armadas. Data dessa época a visita feita ao nosso parque fabril, a convite da Federação das Indústrias, do Almirante Aristides Guilhem, então ministro da Marinha.

Resultou dessa visita, entre outras iniciativas, a criação, em São Paulo, da Comissão de Compras da Marinha de Guerra, cuja instalação inicial foi oferecida por esta entidade e aceita pelo Ministério da Marinha.

Nos anos subseqüentes, nos contatos que vimos mantendo com os organismos os mais diversos das fôrças armadas, que vêm aumentando cada vez mais, já se tornou uma praxe entre nós, para citar um só exemplo, propiciar e organizar visitas periódicas que anualmente fazem ao nosso parque fabril, os alunos dos vários cursos da Escola Técnica do Exército. A nova fase de recuperação da Marinha de Guerra encontrou, como era natural, entre nós, um ambiente da mais perfeita simpatia e compreensão. Temos recebido a visita honrosa, em mais de uma ocasião, da brilhante oficialidade da Escola de Guerra Naval, bem assim de alunos dos seus cursos técnicos, especialmente os de máquinas e construção naval. Êsses contatos, culminados agora com as visitas periódicas dos oficiais e alunos da Escola Superior de Guerra, sem contar com os que mantemos, a todo instante, com os órgãos militares sediados em nosso Estado, vem produzindo resultados mais expressivos e certamente serão intensificados em benefício da nação. Ao fazermos essas referências, aos entendimentos de longos anos com as fôrças armadas, não nos move, de forma alguma, outro sentimento senão o de demonstrar-vos que nesta casa os oficiais das fôrças armadas do país estão realmente na sua casa, de tal maneira acham-se entrelaçados os nossos problemas com os da defesa militar do país, da qual sois os responsáveis diretos.

Somos realmente uma grande fôrça econômica organizada e orientada, há um quarto de século, não apenas na defesa de interêsses particulares ou privados dos que representamos, mas, também, na preservação de um patrimônio que é menos nosso que da nação, e cuja sobrevivência e prosperidade interessam de perto à segurança nacional.



O general Juarez Távora, diretor da Escola Superior de Guerra, fala aos industriais paulistas, agradecendo as palavras do sr. Antônio Devisate.

Meus senhores:

Vindes de realizar mais uma demorada visita ao nosso Estado. Estivestes em nossos campos, sentindo e observando o trabalho extenuante da nossa lavoura. Percorrestes e conhecestes os nossos sistemas de transporte. Acabais de visitar alguns dos nossos melhores estabelecimentos fabris. Já deveis haver sentido, portanto, em contato com homens da produção paulista, alguns dos problemas que nos afligem. Não seria, porém, demais, com a responsabilidade de dirigente máximo das entidades representativas do labor fabril de São Paulo, dizer-vos algo em tôrno daquilo que nos inquieta neste instante. Algumas das fábricas que vindes de visitar estavam com sua produção fabril prejudicada, certamente motivada, em parte pelo racionamento da energia elétrica, e de outro lado, pela escassez de matérias-primas.

Diante dos oficiais superiores das nossas fôrças armadas, compondo um organismo de tamanha responsabilidade não só na elaboração da política de defesa do país, mas na de outros setores vitais da nação, cremos ser de nosso dever alertar-vos sôbre a delicadeza e gravidade do momento que atravessamos.» — Mais adiante, prossegue o sr. Antônio Devisate:

«Hoje, porém, com muito maior gravidade, superando aquêle, se apresenta o da escassez de matérias-primas. Estamos fazendo um gigantesco esfôrço para assegurar a independência econômica do país. Não existem, porém, nações auto-suficientes e nossa Pátria não poderia ser diferente das demais nesse particular. Nossa indústria necessita de suprimentos substanciais do estrangeiro para que possa sobreviver. Com êsses suprimentos, os quais representam uma parcela ínfima em face das riquezas que sua transformação em manufaturas propicia ao nosso país, trazemos elementos vitais de refôrço à nossa economia.

Sabemos que está recrudescendo, diante das dificuldades em que se debate nossa indústria, a noção de que mais valeria ao Brasil voltar ao regime colonial de produtor de matérias-primas, pondo-se, para isso, um dique ou arrefecendo o surto industrial que irrompeu em nosso país.

Opomos a êsse movimento nossa repulsa mais formal. Não pelo que êle significa de ameaça aos interêsses daqueles que representamos como órgão de classe. Mas, porque assim o fazendo estamos convictos, sinceramente, de que propugnamos pela preservação de um patrimônio que é uma conquista magnífica e esplêndida, e uma demonstração de capacidade indiscutível do homem brasileiro, qual seja o parque industrial por êle erguido dentro das fronteiras do Brasil. Lutamos, realmente, no momento, com dificuldades imensas; tropeços que parecem à primeira vista irremovíveis. Somos, porém, homens de luta, de trabalho e nada deterá o nosso propósito de prosseguirmos para a frente. As dificuldades estimulam a capacidade de luta da nossa indústria. Nuvens sombrias e perspectivas desencorajadoras espalham-se, neste instante, sôbre nosso parque fabril. Poderemos afastá-las, todavia, e as afastaremos certamente, dado que os sentimentos que nos movem inspiram-se não só no propósito de preservar a riqueza que criamos, mas na certeza arraigada e dominante de que estamos servindo aos mais nobres e superiores interêsses da nação, prosseguindo, sem desfalecimento e tibieza, na política de industrialização da nossa Pátria.

Se as eleições fôssem daqui a um mês

ÊSTES SERIAM OS CANDIDATOS

Reportagem de OTACÍLIO LO

OS acontecimentos políticos que, até aqui, vinham se desenrolando sob o binômio govêrno-oposição, assumem, agora, novo caráter: o da sucessão e o das reeleições. Sucessão é a convergência de tôdas as entabolações, preside a todos os entendimentos; a propósito de sucessão, conversa-se, cogita-se, agita-se, ainda que, segundo alguns, prematuramente.

OS PARTIDOS E AS FÓRMULAS

E' perfeitamente justo e compreensível, a menos de 1 ano do primeiro grande embate nacional, que serão as eleições de outubro de 54, que as atenções políticas estejam concentradas nos interêsses que se chocam, nos estranhos caprichos que constituem os paradoxos da política. E, já na fase intensiva da preparação eleitoral, os grandes partidos nacionais, através dos seus líderes mais expressivos, colocam as cartas na mesa. Nessa fase preliminar, os primeiros obstáculos, as primeiras dificuldades, na celeuma das contradições e das contrafacções, é o problema angustiante das fórmulas. A fórmula deve ser a superação dos interêsses pessoais, a cobertura dos **entreveros**, a coletivização dos interêsses afins. O governador de Pernambuco, sr. Etelvino Lins deu o sinal de alerta: a sucessão presidencial é precípua; deve, pois, anteceder aos choques regionais e, em função dela, é que se deve estabelecer o critério para solução das questões estaduais. Em contrapartida, a UDN, pelo deputado Afonso Arinos, deriva o problema do terreno especìficamente político: as legendas dos partidos centristas são de similitude próxima; em nome da própria defesa do regime deve vigorar nas eleições próximas, pela soma dos votos majoritários.

Os desencontros de opiniões, as alegações de natureza político-constitucionais não levaram ainda os acontecimentos ao eixo dos interêsses, donde há-de vir o denominador comum, a fórmula das fórmulas, a generalidade dos interêsses político-eleitorais das agremiações e dos grupos que as formam. No terreno das formulações, está ainda por surgir a harmonia e o congraçamento das unidades semelhantes.

OS ELEITORES: NA ESTACADA

Semi-divorciados dos partidos, os eleitores estão reagindo por uma nova forma de indiferença ativa e que se tem caracterizado, nos últimos «tests», pela derrubada das previsões mais calculistas. Nesses casos, o eleitorado surpreendeu os partidos pela antecedência na escolha dos seus candidatos e pela superação dos programas, ao sabor das conveniências momentâneas. A agrura da vida, o desconfôrto, a subsistência, senão a sobrevivência, criaram no eleitorado uma tendência a reagir às fórmulas, tendência essa ainda não apreendida (apenas percebida) pela cúpola, pelo centro dos interêsses políticos que são os partidos, programas partidários, autoridade de liderança. Êsse poder do eleitorado, que se mostra tão independente e tão altivo, sem amarras de natureza política que não sejam o imediatismo das suas reivindicações e os vínculos sentimentais das preferências, revelam as estatísticas e as pesquisas diretas, só encontra — ainda encontra — solução na crença e na esperança dos nomes pessoais, pois que o voto é secreto e pessoal, direto, constitucionalmente pessoal e direto, extra-partido e extra-programa.

CANDIDATOS E CANDIDATURAS

Candidatos e candidaturas são resultantes, antes homogêneas, hoje dissociadas. Candidato, diz-se do que sobra do critério seletivo de valor, do gôsto, da escolha espontânea do eleitorado. Candidatura, será, então, a que trouxer o vício das imposições, manipulada pelos acordos e composições de cúpola. As candidaturas perderam, por isso, a intimidade dos candidatos, sem participarem da vontade popular, adstritas aos grupos, explicando as defecções partidárias e os escândalos políticos tão em voga. Daí a desconfiança tácita do eleitorado, a rebeldia pacífica do voto — arma da reação. No panorama nacional, há uma consciência inteiriça, acima da alquímia política e da ambição do Poder. O povo não se surpreenderá se, de tôdas as divergências e contramarchas das combinações, resultar a candidatura de João José da Silva, brasileiro, casado, possuidor de excelentes virtudes domésticas e cívicas, conhecedor dos problemas do país, religioso e desconhecido. Mas, João José da Silva será, sem dúvida, um homem de sorte relativa, dificilmente se elegerá. Suponhamos: suceda assim um cataclisma nacional, desapareçam, por qualquer motivo, o Presidente da República, o Vice-Presidente, o Presidente do Supremo; tenha o país que escolher, dentro do mais breve praso, o seu substituto. Quais seriam realmente os candidatos?

● Suponha-se uma catástrofe nacional que vitimasse o sr. Getúlio Vargas e seus sucessores legais e imediatos (Vice-Presidente da República, Presidente do Congresso, Presidente do Supremo, etc.): — como se comporiam, em face da inesperada situação, os blocos partidários? E que candidatos seriam convocados para a batalha eleitoral iminente? Esta reportagem pretende responder a tudo isso.



ADEMAR: não desiste...

● Nesses últimos anos tem havido um candidato permanente, no Bra à presidência da República: êle se chama Ademar de Barros. Frustr uma vez em sua tentativa, Ademar, que faz a propaganda do «popu mo», que desce às ruas em manga de camisa, continua disputando Getúlio a preferência popular em todo o país. Por um dêstes caprich é uma das grandes fortunas pessoais do Brasil. Inquieto, trêfego, Adem deu-se à pregação direta e vive de Seca a Meca, de Manaus a Pô Alegre, comparecendo a tudo, a qualquer pretexto, a qualquer conv Teria, hoje, uma base eleitoral garantida para realizar o seu sonho, n fôsse a instabilidade da situação paulista, seu grande reduto. De Ad mar, se diz que realiza, mas também se diz que organizou, às custas jôgo e da corrução administrativa, a famosa «caixinha» eleitoral. Co seguiu polarizar as fôrças mais estranhas em tôrno do seu nome, cultando a sua própria ascenção. Joga sempre no sentido da avent e do oportunismo, o que lhe vale triunfos inesperados e derrotas co tundentes. Nas suas marchas e contra-marchas, Ademar tem a seu vor, uma constante: é realmente um líder de prestígio e o seu nome sempre em mira entre os grandes candidatos.

JANGO: candidato de Getúlio?

● João Belchior Goulart — Getúlio está impedido de reeleger-se. Mas o seu nome é uma coberta para seus familiares. Ninguém dirá Amaral (que também está impedido) nem Jango (que começa a projetar-se). Ambos vivem, crescem e se desenvolvem à sombra de Getúlio. No Govêrno, há pràticamente mais de 20 anos, Getúlio, na impossibilidade de permanecer, acena para o seu favorito João Goulart, a quem colocou no Ministério do Trabalho. E Jango, com o prestígio de Getúlio, vai crescendo e tem já seu nome na rua, embora as chances ainda lhe sejam magras. Poucos políticos terão tido ascensão tão vertiginosa e tão rápida, como êsse gaúcho que se notabilizara apenas pela estima que lhe devota o Chefe da Nação, de quem aprendeu sorrir aos ataques e usar o Poder em seu próprio benefício. Líder trabalhista, sofre tenaz campanha pelos chamados telricos do seu partido. Mas Jango vai nomeando e substituindo e transferindo funcionários, e conseguindo e dispensando favores, aglutinando, conquistando prestígio. Se suportará o pêso da projeção, é difícil prognosticar-se. Mas que Jango é candidato muito possível e bastante provável, são poucas as dúvidas, ainda que êle desminta tais rumores e sentido exato das manifestações que ùltimamente tem, ostensivamente, recebido. Jango poderá, através dos Sindicatos, sair candidato. Para perder ou para ganhar, pouco importa.





ARANHA: do esquema financeiro ao esquema eleitoral

● Ministro de Estado, algumas vêzes. Presidente da Assembléia das Nações Unidas. Embaixador em Washington, gaúcho, rico, porém de uma simpatia irradiante, de uma sedução pessoal que lhe tem valido os melhores triunfos. É das poucas personalidades brasileiras realmente conhecidas e admiradas em todo o mundo. Dos comandantes da revolução de 30 é, ainda, dos raros que mantêm um prestígio sólido graças a uma estrêla que brilha. Argumentador primoroso, voltou, agora, ao Ministério Vargas, com as honras de candidato natural. Simpático à UDN, com amigos no PSD e a ajuda de Getúlio é, realmente, um nome em foco. Leva avante, agora, uma política financeira que poderá ser o seu sucesso verdadeiro ou o seu fracasso irremediável. Famoso pelo cigarro ao canto do queixo, gosta das grandes tiradas. Quando criticaram a sua reforma no campo da política econômico-financeira, declarou: «sou o responsável pelo que suceder». A sua fortuna pessoal é o seu grande impecilho para tornar-se, realmente, uma figura popular. Ligadíssimo a grandes interêsses estrangeiros êle encarregou-se de desmentir versões malévolas a seu respeito: «não sou pelo Brasil dos Estados Unidos, mas pelos Estados Unidos do Brasil». Liberal de quando em vez, surpreende a todos com declarações corajosas e destemidas. Tem, em todos os setores da vida nacional, amigos fogosos e adversários renitentes. É dos que vão chegar, no páreo sucessório, com maiores sobras.

Êstes seriam os candidatos







PRESTES: candidatura lançada pelos inimigos

● Eis aí um candidato hipotético, mas que, nem por isso, deixa de ter repercussão: Prestes. Líder comunista, Prestes não é candidato, apenas, de seus partidários de credo. Foragido e na ilegalidade, esta situação, além das perseguições de que tem sido vítima, o fizeram uma figura de prestígio nacional. Grande parte do eleitorado que votou em Prestes o fêz mais como protesto do que realmente pelas idéias que êle defende. Cognominado «Cavalheiro da Esperança», a pregação em tôrno do seu nome e a firme convicção que tem norteado a sua vida lhe valem a admiração e o combate de milhões de brasileiros.

PLÍNIO: pouca chanc sem a ajuda de Hitle

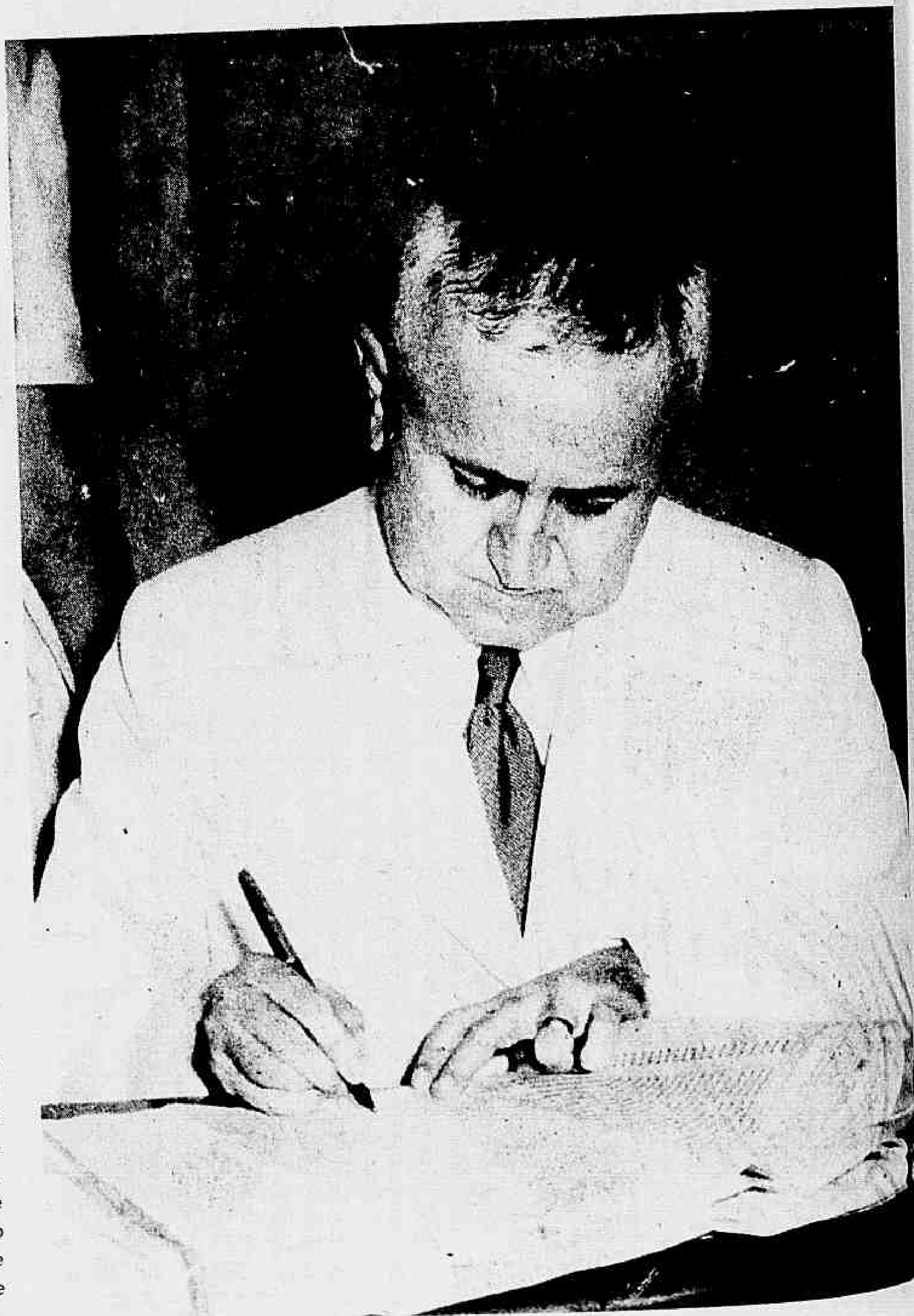
● Como Prestes, Plínio Salgado é candidato natural de uma parte ain que pequena do povo brasileiro. Ineg velmente a sua auréola de líder integ lista caiu muito depois da derrota d sistemas totalitários europeus, aos qu se filiava. Escritor, orador político conferencista, Plínio Salgado, emb chefe de um partido nacional, ainda n conseguiu eleger-se, o que demons que a sua estrêla já não tem o mes brilho. Mas se, por uma circunstân qualquer, os seus partidários não enc trarem aliança vantajosa, Plínio s infalìvelmente candidato.

NEREU RAMOS: namora de cara fechada

● Deputado, senador, interventor em seu Estado (Santa Catarina) durante o Estado Novo, vice-presidente da República, Nereu Ramos impôs-se, como líder, nas funções que tem exercido. Sóbrio, severo — a austeridade é o seu forte. Apareceu, como figura nacional, depois de 45, diante da desconfiança geral, mas acabou vencendo e impondo-se. Quase candidato nas eleições passadas, quando pretendeu aproximar-se novamente de Getúlio e foi preterido por êste. Ainda que derrotado em seu Estado, foi escolhido presidente da Câmara, onde se revelou, mais uma vez, o homem duro, sêco, porém compreensivo e franco. Atualmente — é a voz geral — parece mostrar um «fraco» pela UDN. Não conta com a unanimidade da Câmara: vários deputados reagiram contra o corte do «jeton». Todavia, mesmo os seus adversários não escondem as suas qualidades pessoais e não são infensos a sua candidatura. Nereu é, hoje, realmente, uma figura nacional, das poucas com as quais o PSD pode pretender a presidência. Acima de tôdas as qualidades políticas, entretanto, é conhecido o seu espírito partidário, tanto que já foi denominado de o «Taft brasileiro». Presidente do pessedismo em largo período, soube atravessar as crises partidárias, mantendo a unidade sob o preço da renúncia pessoal. No seu Estado, é tremendamente combatido pelos seus adversários, o que muito pouco tem influído em sua posição em face da política do país. As suas chances, continuam fortes, embora na dependência de numerosos fatôres políticos.

DUTRA: um trunfo, mesmo que não queira

● Ministro da Guerra do Estado Novo ou, por outra, Condestável do Estado Novo, Dutra surgiu candidato oficial e derrotou o Brigadeiro nas eleições de 45, ainda com o apoio de Getúlio. Tímido, retraído, falando pouco, mesmo os seus adeptos não acreditavam que pudesse deixar o Govêrno nas condições de elevação em que o fêz. No Poder, conduziu-se como respeitador fiel da Constituição e não aceitou que lhe prorrogassem o mandato. Divorciou-se de Vargas e, hoje, encarna a resistência ao golpismo e ao aventureirismo. Simples, singelo, suave, dêle já se disse que obteve sucesso pela bravura pessoal e por falar pouco. Retirado do Govêrno e das atividades militares, é atualmente das pessoas mais procuradas da capital do país. A sua volta ao Poder é ardorosamente defendida por um grupo forte da política nacional e o próprio povo, que pouco dêle esperava, não se mostrou indiferente à volta de Dutra. Mas o marechal responde sempre aos seus amigos que não deseja o Poder, que não é candidato, e que deseja sòmente servir ao país, se, por acaso, fôr ouvido a respeito da sucessão. E para isso, mesmo retirado da vida pública, mantém-se informado de tudo o que se passa nos bastidores da política. No Govêrno, deu grande impulso a vários problemas nacionais, e o seu qüinqüênio caracterizou-se, tanto quanto possível, pela tranqüilidade interna. Amante da ordem legal, não permitiu a intervenção em São Paulo quando o beneficiado seria o seu próprio genro. Foi, todavia, iludido por amigos que se enriqueceram às espensas do Tesouro Nacional e do Banco do Brasil. Armado de sua reconhecida prudência e com a Constituição debaixo do braço, Dutra pode voltar.





BRIGADEIRO: briga, perde e não reclama

● Candidato derrotado duas vêzes é, ainda, uma candidatura mais que provável pela fidelidade do seu eleitorado. Projetado, em todo país, pelo célebre episódio conhecido como a resistência dos 18 do Forte (que eram 12), o Brigadeiro surgiu em 45, como símbolo de bravura, resistência e probidade. Daí para cá, o seu prestígio manteve-se inalterado. É combatido por sua intransigência e inflexibilidade. Para os seus admiradores, seria o único homem capaz de conduzir o Brasil a melhores destinos, pela moralização administrativa e pela fôrça da sua autoridade pessoal. Para outros, seria a destruição do próprio regime a sua eleição. Militar do antigo padrão, volta à caserna depois da luta e, na caserna, não fala, não reclama, não articula e jamais conspira. Devotado ao silêncio, dêle diz conhecida figura da política nacional, que, salva o Brasil, por omissão. Católico praticante, solteiro, reúne, porém, qualidades domésticas apreciáveis: bom filho, bom irmão. É democrata da direita e a aliança dos integralistas não deixou de ter conseqüências eleitorais desastrosas para a sua candidatura. Mas, o Brigadeiro continua candidato. Na bica.

CANROBERT: um civil de farda

● O general Canrobert Pereira da Costa, depois do Brigadeiro, é o nome militar para a sucessão. Dificilmente um militar reúne as qualidades civis do ex-ministro da Guerra de Dutra. Extremamente simpático e afável, amigo dos jornalistas, entra, no panorama político, como uma das reservas mais poderosas para a sucessão. Ainda há pouco um manifesto popular levantava o seu nome, recomendando a sua candidatura aos partidos e a sua eleição ao povo brasileiro. Dedicado ao Exército, nem por isso tem-se descuidado na vigilância pelo regime, sendo conhecida a sua atuação nos bastidores nas oportunidades em que foi chamado a opinar. Tem predileção especial pela vida simples, sem maiores preocupações. Embora prestigiado pelos seus colegas de farda, não interpreta as críticas que lhe têm sido feitas como dirigidas às Fôrças Armadas, de que é representante. Os seus amigos mais íntimos não escondem que em uma campanha de cunho popular poucos lhe levariam a palma. Está, no index dos partidos, para qualquer composição militar que venha surgir, além da repercussão favorável que o seu nome já despertou nas camadas populares. Diz, porém, que não é candidato e mantém-se numa linha de sobriedade quando o seu nome entra em cogitações. Tudo indica que não sairá do cartaz.



a SEMANA em REVISTA

BOITES



● Continuam em francos preparativos os «shows» que deverão substituir os atuais cartazes nas «boites» cariocas, «shows», aliás, com motivos carnavalescos, e que seguirão até as vésperas do carnaval do ano que vem. No «Beguin», onde estará também a orquestra de Bernard Hilda, cujo sucesso foi grande na temporada de abertura do referido «night club», será escrita (ou já está sendo escrita) por Silveira Sampaio, uma revistinha carnavalesca, tendo como figura de proa Jorge Veiga — o caricaturista do samba. Outro nome que brilhou no «Beguin», e justamente quando substituiu a orquestra francesa de Hild

O «Vogue» também prepara surprêsas e, uma coisa pelo menos é ce ta, a volta de Ministro, o grande tocador de cuíca, figura que — sòzinh — aguentou a freguezia no ano passado. No Serrador, a «Boite Nig and Day» apresentará a revista de Fernando Lôbo, musicada por A Barroso — «Quem inventou a mulata». Virgínia Lane será a «estrêla mas como ela não é mulata, a direção da casa vem de contratar a bel Arlete, ex-bailarina afro-brasileira do Teatro Folclórico, assim como sambista Horacina Correia, recém-chegada da Europa.

O «Casablanca», que, em «Clarins em Fá», apresentou pela primei vez numa «boite» o célebre sambista Ataulfo Alves, contará novamen com o autor de «Amélia» e suas pastoras, além de Déo Maia, Grand Otelo, Russo do Pandeiro e outros nomes famosos. Quanto ao «Mon Carlo», continuará na sua mania de lançar espetáculos com nomes e francês, agora vem aí o «Qu'est que tu penses», com Renata Fronzi, u pouco mais gorda, é verdade, mas ainda cheia de graça.

JOÃO DIAS E ORLANDO SILVA. O «substituto» do saudoso «Re da Voz» está perdendo uma popularidade que demorou pouco

Cartazes

AQUÊLE era bem um homem a procura de diversões. Saíra do escritório com o envelope do pagamento a fazer-lhe cócegas no bôlso, respirou profundamente — como quem desperta de um pesadelo — quando o elevador abriu-se cá embaixo, no térreo, e, murmurando um convencional "té manhã" aos que dobraram à esquerda, virou para a direita juntamente com um dos colegas, seu companheiro de tôdas as tardes.

— Na primeira esquina comprarei charutos — disse, mais para si do que para o outro.

O colega estranhou: — Charutos?

Pois eram charutos mesmo, ou será que um homem que passa um mês trabalhando como um escravo, ouvindo desaforos de chefes imbecis, não tem o direito de — pelo menos no dia do pagamento — fumar charutos?

Tinha. Mesmo o mais humilde dos empregados pode se dar todo ao seu charuto, vez por outra. E foi, reforçado por esta concordância do colega, que parou no botequim, escolheu dois dos caros, meteu um no bôlso e outro na bôca.

Depois virou-se para o colega e disse: — Nêgo, me desculpe, mas hoje você vai enfrentar sòzinho a fila do ônibus. A não ser que queira vir comigo, para "as cabeceiras".

O outro, que já não entendera muito bem aquela história do charuto, e só concordava porque, no escritório, não fazia outra coisa senão concordar, dessa vez estranhou. Olhou para o homem que queria se divertir, como quem olha para um louco varrido em véspera de crise:

— Cabeceiras, eu? Tás louco. Eu sou casado, rapaz. Você pode queimar o ordenado à vontade, que só prejudica a você, eu não.

Tirou o charuto da bôca, jogou a fumaça para o ar e deu de ombros: — Azar o teu!

● Despediram-se ali mesmo. Um foi para a fila do ônibus e outro para "as cabeceiras".

Primeiro um bar da cidade onde não havia mesa. Desistiu logo da idéia de tomar um uisque vespertino. Os bares da cidade não são menos velhacos que os das "boites", portanto, guardaria suas reservas físicas contra as bebidas falsas para mais tarde.

Saiu por ali, vendo vitrinas, espiando lojas. Mas o racionamento de luz, pouco depois obrigaria o homem que queria se divertir a mudar o programa.

Um cinema, para fazer hora, não faz mal a ninguém. E saiu escolhendo um. Aqui era filme nacional e isso não é diversão — é patriotismo. Lembrou-se de que no cinema tal levavam uma fitinha razoável, que o pessoal lá do escritório elogiara muito. Foi, mas... e a fila. Era quilométrica. A idéia era fazer hora dentro do cinema e não na porta.

Agora sim, estava em plena vida noturna de Copacabana. A escolha de um teatro iria dar no mesmo resultado do cinema. Filas e mais filas. Então jantou mal num restaurante caríssimo, de nome francês, pagou quase a metade do que trazia no envelope e foi enfrentar uma "boite".

Na primeira em que entrou não havia ninguém. Na segunda idem, na terceira havia um casal se beijando numa mesa de canto e, para não atrapalhar, resolveu procurar uma quarta.

Tinha mais gente, é verdade, porque havia um jantar grãfino, com senhoras decotadas ("que não passariam na censura" — pensou), homens gordos cheirando a "trabalhismo" e negociatas. Enjoou logo e pediu a conta. Um absurdo. Protestou, veio "maitre", veio gerente, veio garçon, caixa, o diabo. Acabaram reduzindo o roubo em dois terços. Pagou e saiu chateadíssimo.

Tomou um táxi e deu o endereço de casa. Ao chegar, pagou a corrida pela "tabela Edgar Estrêla", entrou em casa e foi logo tirando a roupa, a lamentar a idéia que tivera.

Já ia deitar na cama quando lembrou-se que lhe sobrara um charuto. Acendeu-o, deitou-se e ficou até tarde resolvendo as palavras cruzadas de um jornal da véspera, que encontrara esquecido sôbre a mesinha de cabeceira.

Foram êsses últimos, os únicos momentos em que conseguiu se distrair um pouquinho, na sua noite de divertimento, quando recebeu o ordenado e saiu "para as cabeceiras".





FLORES PARA OS MORTOS DE PISTÓIA

● CONSTITUIU espetáculo dos mais comoventes a chegada, no Dia de Finados, ao cemitério de Pistóia, onde repousam os «pracinhas» mortos na última guerra, das flores que do Brasil foram enviadas como um preito de saudade de parentes, amigos ou simples cidadãos. As duas fotos acima mostras (à direita), o cônsul do Brasil em Florença, sr. Sotero Cosme, quando içava a bandeira brasileira ao iniciar-se a tocante cerimônia; e (à esquerda), outro aspecto da solenidade no Cemitério Brasileiro de Pistóia, com suas pequenas cruzes brancas alinhadas diante do majestoso cenário dos Apeninos, teatro onde tiveram lugar os mais pungentes dramas e as mais estrondosas vitórias da FEB.

CINEMA



● Tal como nas «boites», as produtoras cinematográficas já tratam também de seus abacaxis carnavalescos, sendo que a Multifilmes não se cansa de distribuir notas à imprensa sôbre aquilo que achou uma idéia genial, qual seja a de fazer uma fita em que o ator José Lewgoy encarna um personagem evidentemente inspirado no quixotesco sr. Tenório Cavalcânti. A produção da Multifilmes, a cargo de José Ilelli, chamar-se-á «Carnaval em Caxias» e tem um elenco caro e grande. Quanto à Atlântida, dos Severianos, embora ninguém saiba de nada, não é difícil adivinhar que está filmando a inexpressiva dona Eliana, o idem sr. Cyl Farney e o exploradíssimo Oscarito, num novo amontoado de cenas desarrazoadas. Ainda no setor do cinema nacional, mais uma notícia lamentável: a exibição de «Nem Sansão nem Dalila», do diretor Carlos Manga que, ao que parece, está no firme propósito de desbancar Watson Macedo, Fernando de Barros, José Carlos Burle e demais cavalheiros que vêm sustentando, há anos, a luta pelo título de pior diretor cinematográfico do mundo.

TEATRO



● Onde andará a censura teatral? Onde estarão os austeros senhores que compõem a contraditória e sempre tapada censura teatral? Já não perguntamos movidos pela surprêsa ao ouvir os textos das peças dos teatros da Praça Tiradentes. Afinal já estamos acostumados às imoralidades dos que compunham a revista «E' fogo na jaca», de tanto êxito no Rio, há um mês, e de tanto êxito agora, em São Paulo.

Mas é pelos nomes, senhores censores, apenas pelos nomes. Que os senhores permitem sujeiras nos esquetes está muito bem, ou por outra, está muito mal, mas, há sempre a cômoda desculpa de que vai ver e ouvir quem quer. Mas com os nomes é diferente. Por isso é que estamos perguntando onde é que os senhores estavam na hora em que foram batizadas as revistas «Tudo de Fora», da Cia. Brejeira de Revistas (se aquilo é brejeirice!!!), e esta nova, da Cia. de Geisa Bôscoli, que se intitula «Botando azeite é melhor». Do jeito em que as coisas vão, qualquer dia vamos ter cartazes reluzentes, cheios de «sonoros e cantantes» palavrões. Corre até um boato de que a próxima revista a estrear na Praça Tiradentes vai ser batizada pelo sr. Danton Coelho.

Que horror!!!

★ ★ ★



LUCAS GARCEZ realiza um dos mais ousados planos financeiros de nosso tempo, tentando tapar a brecha que encontrou quando assumiu o govêrno de São Paulo. Segundo declarações de S. Excia. à imprensa, já em 1951 previa o govêrno estadual a necessidade de um plano de quatro anos destinado à regularização do «deficit» de 4 bilhões de cruzeiros, herança do govêrno anterior, que muitas dores de cabeça vêm dando ao atual governante paulista. Entretanto, dentro do plano do sr. Lucas Garcez, esperam os paulistas colocar em rumos acertados a situação financeira do grande Estado. De acôrdo com o procedimento do sr. Lucas Garcez no govêrno de São Paulo, o assunto vem de merecer os melhores prognósticos dos meios financeiros do país. Há um estadista governando São Paulo.



Gregório Barrios, com os irmãos Farney, em Copacabana.

ÚLTIMO FLASH



MARCHA GREVISTA SÔBRE BELO HORIZONTE

ACOMPANHANDO a picada que se afunda no estreito vale entre dois montes, na Serra do Curral, caminho que há cem anos serviu aos primeiros faiscadores de ouro, cinco mil mineiros de Morro Velho marcharam de Nova Lima a Belo Horizonte, em passeata de greve. Perdida de vista, a coluna se estendia por quase dois quilômetros, engrossada por mulheres carregando crianças de colo, meninos acompanhando os pais, casais jovens de braços — um espetáculo que refletia todo o drama de uma população vivendo ùnicamente do trabalho nas minas de ouro. No próximo número, publicaremos reportagem detalhada sôbre a greve, a quarta e maior (mais de um mês) dêste ano. O autor, Newton Carlos, passou vários dias em Nova Lima, convivendo com os grevistas.

GRANDE CONCURSO! ÁLBUM REVISTA DA SEMANA

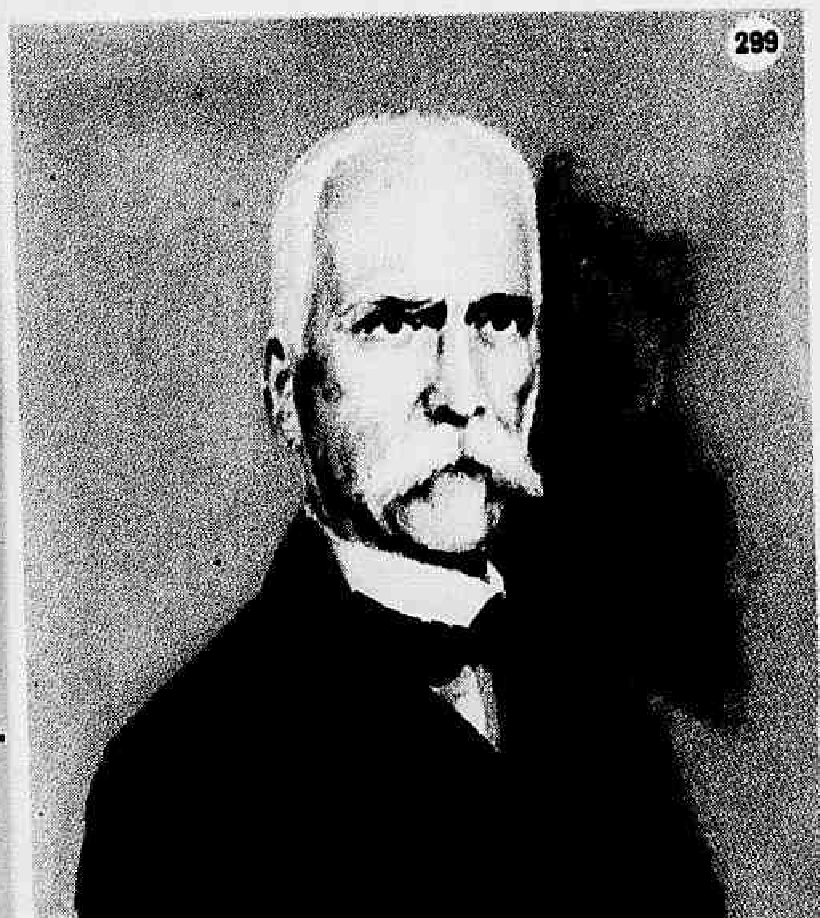
MAIS DE DUZENTOS MIL CRUZEIROS EM PRÊMIOS!

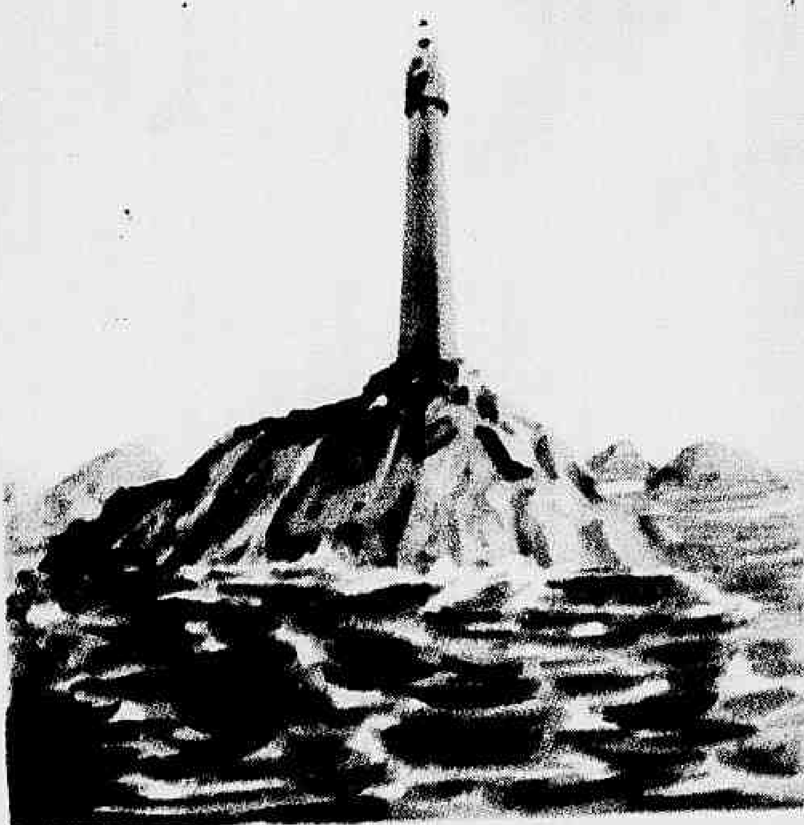
AOS novos colecionadores de cromos publicados na REVISTA DA SEMANA, comunicamos que o direito ao próximo sorteio de Natal de 1953, não está subordinado ao cumprimento da primeira viagem encerrada a 30 de junho p.p. Todos os que preencherem os claros do ÁLBUM, a partir da edição desta REVISTA, nº 27, de 4 de julho último, farão jus aos prêmios da segunda viagem turística a terminar com o cromo nº 312, na REVISTA de 26 de dezembro próximo.

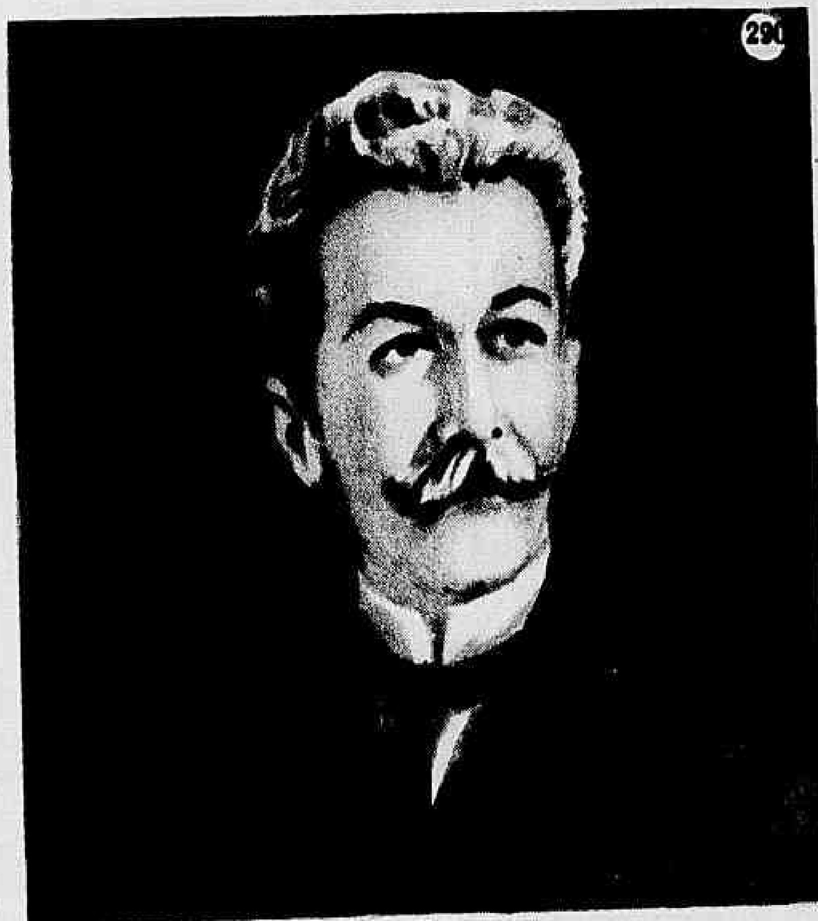
● Os prêmios, em número de cento e vinte e dois, desde objetos de utilidades domésticas, até terrenos, televisão, enceradeiras, máquinas de escrever, de costurar e uma infinidade de outras coisas de real valor, serão entregues, de qualquer forma, aos possuidores do ÁLBUM, pois nada ficará para a emprêsa organizadora, e, se não acertarem com o número exato, poderão ser contemplados com aproximações.



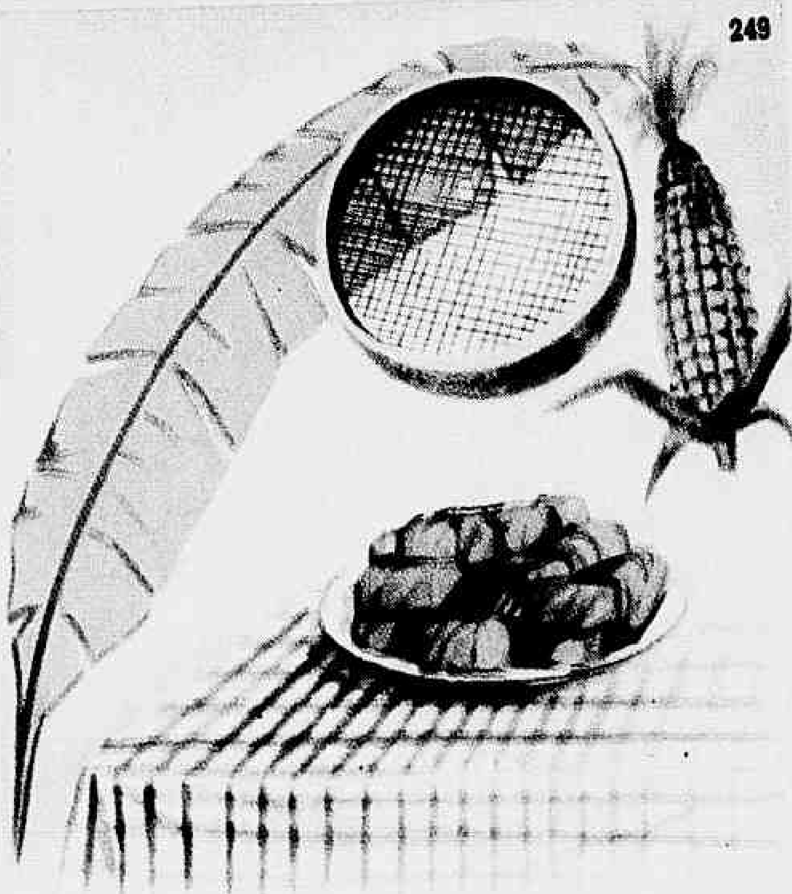
Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. — Rua Visconde de Inhaúma Nº 134 — Rio de Janeiro.









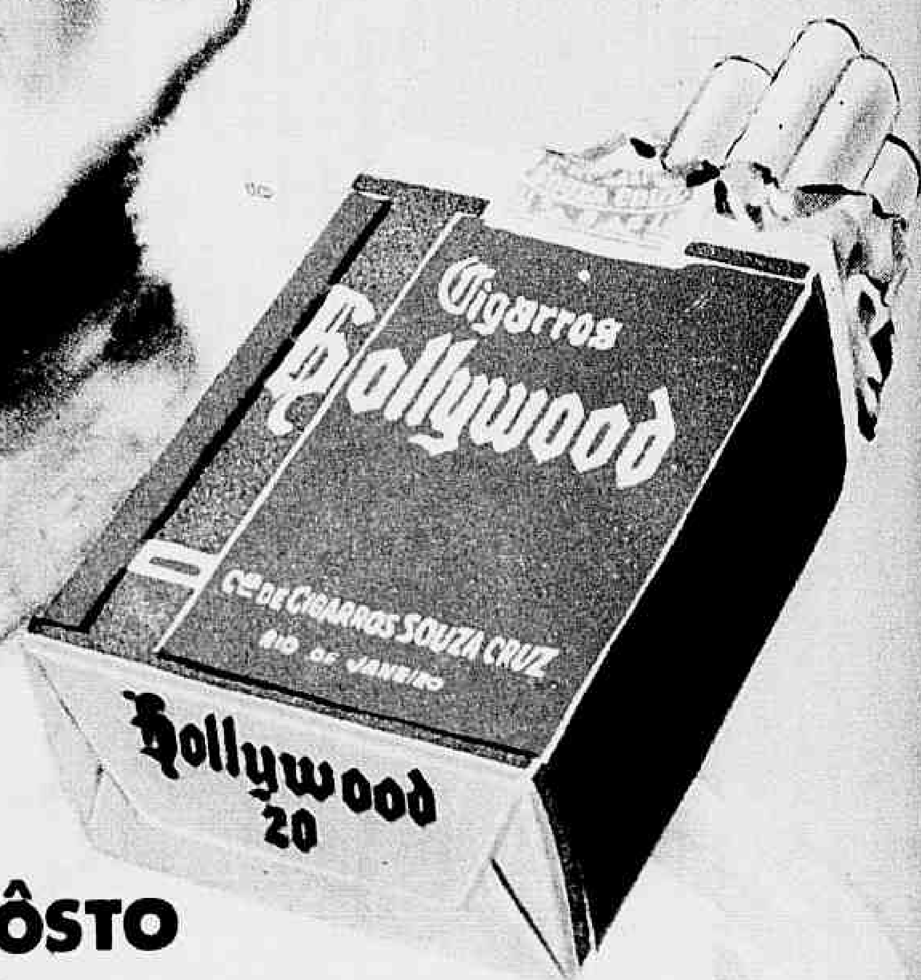




Nada supera
o prazer
de fumar
Hollywood

CIGARROS

hollywood



UMA TRADIÇÃO DE BOM GÔSTO

UM PRODUTO SOUZA CRUZ